
ZELI
SCHEIBEL
Medo
de amar

MEDO DE AMAR: O MEDO DE AMAR É TÃO ASSUSTADOR QUANTO A SOLIDÃO DE SI MESMO.



Prólogo

Cada vez mais se evidencia a existência de outras vidas.

Muitas histórias ultrapassam a imaginação. A minha, vai além dos sonhos. Verdades? Elas não existem, mas estão por aí o tempo todo.

Esta é a minha história, um líder sem a essência humanitária que caiu do pedestal.

Meu nome é Calisto, tenho 1,80 m, cabelos grisalhos, olhos amendoados. Sou separado, tenho uma filha que é meu pequeno Raio de Sol. Aprecio a elegância em todos os sentidos, sou admirado pelas mulheres, e minha posição na empresa me coloca no topo da lista dos homens mais bem-sucedidos na minha área.

Tinha tudo para viver uma vida plena. Não fosse o provérbio que diz: "O que se planta, colhe". A desgraça chegou sem aviso prévio e o que separa a morte da vida é a fragilidade humana. Contudo, o vilão dos desacertos é sempre o mal-entendido.

No meu caso, a arrogância, estava acima de ser surpreendido.

Paulista de nascença, há dez anos moro no Sul do Brasil. No princípio, pareceu-me um lugar incrivelmente acolhedor, contudo o rolo compressor que passou por cima de mim expondo minha ferida trouxe a realidade dos porões escuros da minha gaveta preta.

O ano do meu cinquentenário foi especialmente triste.

Deveria comemorar as conquistas. No entanto, não me orgulho do que me tornei. Admito, sou meu maior crítico e disso não me envergonho. Chegar a diretor de uma grande empresa não é para qualquer um. Sempre tive um olhar além das entrelinhas, como não percebi que existe vida além desta vida?

Não me orgulho do que me tornei.

Na minha jornada, usei a armadura de coração de pedra. Ao longo do tempo colou-se em mim como um adesivo difícil de desgrudar. O meu caos interno se transformou na sombra que me perseguiu por uma década. Poderia dizer que ela é oriunda da arrogância. Ou seria da insensatez?

É o que você vai descobrir ao longo da minha história.

Não fosse pela minha filha Aurora, meu Raio de Sol, a humanidade do meu ser teria se afastado de mim completamente.

Almas que se perdem em outras vidas, trazem em si reminiscências do passado. Estas impedem de amar, como no meu caso. Por isso incorporei a armadura de "coração de pedra".

Depois de sofrer a queda na calçada, e ficar em coma por três meses, fui transportado para outra dimensão, lá recebi instruções sobre a vida além desta vida.

Esclarecido sobre as circunstâncias comprometedoras, das quais vivi, foi-me oferecido duas escolhas: superar o passado e me transformar num novo homem ou permanecer do outro lado da vida até uma próxima oportunidade de reencarnação.

Muitas são as variantes, dois minutos eram tudo que eu tinha para tomar a decisão mais difícil da minha vida. Mas isso é o que você leitor vai descobrir ao longo da minha história.

Serei capaz de trocar o luxo pelas coisas simples da vida?

Capítulo 1

Aquela noite era só uma amostra do que estava por vir.

— Por favor, papai! Acorde, acorde! Preciso tanto de você.

Sempre me mantinha em alerta, fosse acordado ou dormindo, nunca era pego de surpresa. Mas nos últimos dias não relaxava, não dormia, até tudo sair do controle. Naquele final de tarde cheguei do escritório, joguei-me na cama ainda de terno e sapatos. A última coisa de que recordo era a invasão de tons avermelhados do pôr do sol pelas persianas, direto no meu rosto.

Recordo que fiz um esforço sobre-humano para me levantar, mas tudo escureceu.

Abri os olhos num lugar surreal, ecos distantes da voz da minha filha tamborilavam na minha mente.

Levantei a cabeça do travesseiro, a cama dura de solteiro me colocou em alerta, a minha era grande e macia.

Onde estava? Não tinha a menor ideia. Hesitei...

Habituei-me às coisas materiais, nunca convivi nem em sonhos com fantasia ou ficção, muito menos com as coisas espirituais. Acreditava nas ações práticas, daquelas que podíamos debater até encontrar uma razão. Mas o que enxergava a minha frente era um céu azul.

Cético, não acreditava em coisas do além. Só podia ser brincadeira de mau gosto. Encontrava-me literalmente acima das nuvens, isso não era nada bom.

Arregalei os olhos.

Pessoas circulavam vestidas com roupas brancas, iguais guardiões do espaço que vi uma vez num filme de ficção, avatares de pessoas da Terra, conversavam em um dialeto que eu não compreendia. Circulavam em pares, com intervalos sincronizados, saiam e entravam daquele espaço sem dirigir o olhar na minha direção.

Sentavam-se nas cadeiras dispostas lado a lado, em frente de onde eu me encontrava.

Seria uma sala de transição entre o céu e a Terra? Sendo assim, eu me encontrava entre dois mundos.

Será? Credo, que viagem!

No meu silêncio especulativo, uma voz sibilou ao meu ouvido.

— Eles são guardas, impedem a entrada de perturbadores.

— Perturbadores?

Comecei a conjecturar as crendices. Girei a cabeça em todas as direções, não avistei ninguém perto o bastante que eu pudesse escutar. Respostas eu não as tinha, mas por qual motivo vim parar nesse lugar? Com certeza minha sanidade estava sendo testada.

— Não diga asneiras! Para tudo existe uma explicação, Calisto? — respondeu a voz que identifiquei como sendo do meu pai.

Outra vez a voz sibilou ao meu ouvido.

— Quando chegar a hora você vai encontrar a flor do deserto, ela terá um significado especial na sua vida. — A voz se tornava cada vez mais audível.

Em segundos, tudo silenciou. Acomodei a cabeça no travesseiro.

Agora, o lugar era menos importante, a pergunta que não ousei pronunciar. Morri?

Um frio percorreu meu corpo, daqueles que dispensa a coerência da razão.

As pálpebras oscilavam. Talvez fosse alucinações ou me recuperasse de uma anestesia. Era só manter a calma e logo tudo passaria. Talvez fosse só o resultado de um dia cansativo. Mas, do quê? Por quê? Ainda não sabia.

Enxerguei-me no espelho disposto ao meu lado, um pijama azul cobria meu corpo. Tudo o mais era branco, menos o céu lá fora, azul da cor do mar.

O homem importante que me tornei não era nada. A riqueza que conquistei, não servia de passaporte para sair daquele lugar. A solidão se apoderou de mim.

Ao redor, nem sinal de bagagem, destas malas que levamos para o hotel com mais do que precisamos. Aqui, nem o básico me acompanhava.

Escutava todo o tempo a voz do meu pai.

— Cabeça-dura, você não aprende mesmo.

A bronca consumia minha consciência. Distraído por um ligeiro aperto no peito, e sugado para dentro de um túnel escuro, percebi que não podia bancar o herói. Um líquido azedo subiu pela garganta, era o fim.

A queda gerou um estrondo violento que meu coração parecia sair pela boca.

Abri os olhos, a primeira coisa que vi foi meu corpo estirado na minha cama, olhei para a persiana, os raios de sol sumiram, corri o olhar na mesa de cabeceira e a lâmpada do abajur estava acessa; não me lembrava de tê-la acendido. Ao meu lado o rosto iluminado de Aurora trazia-me de volta à vida.

Num salto, sentei-me na cama. Escureceu, mas desta vez foi o tempo de um piscar de olhos.

Aurora em lágrimas me sacudia.

— Papai, você acordou! — Encheu-me de beijos. — Você está bem?

— O que aconteceu, Aurora?

— Você não lembra paizinho, liguei para você várias vezes, chamava até cair. Estranhei, pois você nunca deixou de me atender. Liguei para a mamãe, ela socorreu você, chamou o médico. Ele o examinou e disse que pelo exame clínico não encontrou explicação para o seu apagão. Enquanto isso, peguei a estrada e vim o mais rápido possível. Há pouco, mamãe foi para casa descansar e eu fiquei até você acordar.

— Dirigiu sozinha no meio da noite?

— Estou bem, não estou?

— Você colocou pijama em mim?

— Não ia deixar você de terno e sapado na cama.

Fingi não ser nada, não queria preocupar minha filha.

— Já passou, estou bem. Vá descansar, mais tarde conversamos. O que seria de mim sem você, Aurora?

— Você não seria nada além de um diretor executivo de coração de pedra. — Sorriu com os lábios trêmulos.

— Dá um espaço, vou me deitar ao seu lado — disse ela com lágrimas nos olhos.

— Mas para de me sufocar com tanto beijo — respondi com um aperto no peito.

Capítulo 2

Dias depois, outro pesadelo marcava um tempo de escuridão.

Discorria o ano de 2021.

Saí do meu corpo, isso foi bem estranho. A sensação que tinha era de que mergulhava nos planos sutis de Deus, nos quais não tinha a menor ideia de como isso seria possível.

Talvez estivesse no caos que me tornei ou Ele tenha me trazido até este lugar sem aviso prévio para a minha purificação. Se minha imaginação caminhasse por este ângulo de raciocínio, não poderia concordar com a medida coercitiva de Deus.

Difícil de explicar com palavras a complexidade do mistério que envolvia minha vida, quando eu mesmo não entendia.

Gritei alto e em bom som:

— Surtei e me trouxeram para um hospital psiquiátrico?

Silenciei até ouvir uma voz.

— Seja bem-vindo! Sou Josué, esperava por você — disse ele com toda a calma.

Parecia um monge em pé a minha frente, com as mãos atrás do corpo, cabelo grisalho, vestia uma camisa de linho branco até os joelhos, calça do mesmo tecido e cor; beirava 1,80 m — minha altura —, seu semblante era sereno. Sorriu, aproximou-se com um passo à frente, sem mover os braços das costas.

Parecia meu pai, mas ao contrário do meu pai o senhor tinha bom coração, podia sentir a bondade nas palavras. Por isso não era possível ser meu pai, só porque tinha morrido não podia mudar de água para o vinho num estalar de dedos.

Minha hipótese era incoerente. Se existia vida após a vida, deveria existir o inferno, e ele na certa viveria por lá.

— Bem-vindo aonde? Você é psiquiatra? — questionei, ríspido.

Era a segunda vez que algo estranho acontecia comigo. Na primeira foi sonho, desta vez pressenti que estava dentro de uma realidade distorcida, ou seria imaginação da minha cabeça. Logo eu, que só acreditava nas coisas palpáveis, agora hesitava nas minhas convicções.

Dentro de mim, a dúvida me assaltava e apenas a sombra cobria meu ser, aquela que me acompanhava por mais de dez anos.

— Pode ser o que você está pensando, mas pode não ser. Depende de você — respondeu o tal senhor.

— Do que você está falando? — perguntei, arqueando as sobrancelhas.

Não tinha certeza de que queria escutar a resposta.

— Das suposições que você está fazendo. Logo terá a resposta, não tenha pressa.

Ele estendeu a mão, não correspondi.

— Sou seu mentor, alguém que você pode confiar. Pergunte o que quiser, se eu puder responder, farei com boa vontade.

— Não preciso de um tutor, muito menos de conversas. — Arqueei as sobrancelhas.

— Não somos uma ilha, todos nós precisamos uns dos outros. — Josué sorriu, um sorriso terno que me deixou desconfortável.

— Garanto, eu não.

Vistoriei o ambiente e, para minha surpresa, enxerguei a extensão do problema em que me coloquei. Apoiei as mãos na cama e dei um impulso para me sentar, tudo rodeou à minha frente.

— Acalme-se, meu irmão, temos pouco tempo e muito que conversar.

Lembrei-me da ampulheta que uso no escritório para marcar o tempo que disponho aos funcionários que precisam falar comigo.

— Você não é nada generoso com o tempo que dispõe para seus subordinados, mas aqui todos têm o tempo necessário. — Sorriu.

— Você ouviu meu pensamento?

Josué não respondeu, levantou a mão e a parede do quarto se abriu como uma janela com vistas para um grande salão lotado de pessoas, divididas em pequenos grupos distintos.

— Observe! — finalizou Josué. — Como se diz, o que não tem remédio, remediado está.

Mais uma vez tentei me levantar e novamente tudo escureceu. Desta vez Josué veio em meu auxílio.

— Devagar! Você acaba de acordar. A passagem de uma condição à outra é delicada.

— Não entendi. Que passagem? Que condição?

Capítulo 3

Um dia antes do meu aniversário de cinquenta anos.

Ouço longe o toque do meu celular.

Sonolento, abri as pálpebras. Levei alguns segundos para processar onde estava. Outros tantos para me decidir se atendia ou não.

Não era um pesadelo, o cenário mostrava o quarto do apartamento onde resido. Atendi.

A saudade da minha menina doía, cursava a faculdade de Medicina em outra cidade e me ligava em horários inusitados. Mas não importava onde e o que estava fazendo, ela era a minha prioridade.

— Oi, papai!

— Por que tão cedo, Aurora?

— E por que não? Meu dia começa cedo, querido, ou devo chamar você de senhor Calisto, o cinquentão?

— É amanhã meu aniversário.

— Acha que não sei? Só queria saber se o peso dos cinquenta já faz efeito.

— Minha ruiva favorita, fale logo, meu tempo...

Do outro lado da linha, mesmo que por segundos, o silêncio de Aurora foi mortal. Conhecia minha filha, quando fazia pausa para respirar, algo estava errado.

— Sei que seu tempo é ouro, o meu é dou...

Desta vez minha filha não respirou fundo, o que era pior, engoliu metade da palavra que não consegui adivinhar qual fosse.

— O seu olhar é azul da cor do céu e seu perfume favorito é lavanda — respondi em tom de brincadeira.

— Paizinho querido, ainda que esteja descansando não perde o hábito não é mesmo.

— Que hábito?

— Não percebeu? Hoje é sábado e um passarinho me contou que você está na casa de praia. Não acredito que está trabalhando on-line!

Sentei-me na cama, olhei ao redor, meus olhos haviam me enganado.

O quarto era semelhante ao do apartamento. A não ser pelo quadro na parede com a foto da Aurora dançando na praia, no mais era tudo igual. Talvez, por isso me confundi. Toda vez que a saudade apertava meu coração, largava tudo e o refúgio na casa da praia era a salvação da minha sanidade. Por horas me perdia no balanço das ondas do mar, elas reproduziam a sinfonia do mundo de Aurora.

— Pode ser. — Passei a mão em meu cabelo grisalho.

— Liguei para lembrá-lo do almoço no domingo. Marquei com mamãe para o meio-dia, no restaurante que você adora, na Orla do Guaíba — assegurou Aurora.

— Não perco por nada — ironizei.

Ela não me criticou, senti um aperto no peito. Assumi meu papel de pai.

— Você está bem? — perguntei com o pensamento em círculo.

— Ora, ora, papai! Por que você sempre pergunta de um jeito como se algo esteja errado comigo?

— E não tem?

— Credo, até parece um agouro! Não se preocupe, não sou mais criança. Sei me cuidar.

— O que você quer, Aurora?

— Estar aí com você, a vontade de voltar aos tempos de criança me estimulou a dançar com a melodia das ondas do mar.

— Eu adoraria — respondi, torcendo que ela viesse.

A voz embargou do outro lado da linha. Podia ser sério ou seria mimo de filha?

— Você ainda é minha criança — afirmei com orgulho.

— Não mais, tenho minhas obrigações.

— Fale logo o que está engasgado na sua voz — pedi com firmeza no tom de voz.

— Não vai esquecer, viu? — Desviou o assunto.

— De você, nunca. Do almoço, bem que eu gostaria — respondi num fio de voz.

Caminhei até a sacada, tamborilei o parapeito, observei-a dançar em frente ao mar. Minha filha tão meiga, tão frágil dentro de um corpo magro que parecia que os ossos se quebrariam em fração de segundos. Perdia-me a observar o mundo que cabia só ela.

Com meu Raio de Sol não existia tempo ruim, ela era o melhor que eu podia ter depois de uma semana agitada. E hoje era sábado. Implorei:

— Filha, vem! Amanhã voltamos juntos.

— Não posso pai, preciso ver uma amiga.

— Um final de semana, só nós dois como nos velhos tempos, promete? Sinto saudades de vê-la dançar no ritmo do balanço das ondas — disse com a voz apertada.

— Velhos tempos, até parece! Sou jovem, papai. Também estou com saudades, mas chega de drama, amanhã nos vemos.

Um profundo suspiro eclodiu ao meu ouvido. Seria um presságio?

— Minha filha! Tem certeza de que você está bem?

— Não era a minha intenção causar inquietação sobre minha saúde, papai.

Deduzi que os olhos dela estivessem marejados, pelo tom de voz forçado para sair natural.

— Ah! Agora, sim, vou ficar tranquilo — respondi como se estivesse a ponto de atravessar a linha telefônica e abraçar minha filha.

— Pai, já disse, não é nada demais — assegurou com voz firme.

— Você ainda carrega na bolsa a pedra de ametista que ganhei do monge, aquele que conheci em uma viagem para o Tibet. Use sempre, é para sua proteção?

— É claro que sim, mesmo que eu não acredite que ela tenha poder curativo, é meu presente favorito, por isso não desgrudo da pedra. Troco de bolsa e meu pequeno talismã salta para a outra, adoro a nuança da cor violeta. E você ainda usa a velha ampulheta do meu avô?

Ela sabia que falar dos meus pais era assunto proibido. Toda vez sentia um arrepio e um formigamento nas pernas, uma raiva incontrolável se apoderava de mim. Se fosse outra pessoa não passaria em branco. Entre o silêncio e a inquietação, respirei fundo e disfarcei ter fleuma.

— Pelo que sei, até ontem continuava na mesa do meu escritório — disse sem dar ênfase à provocação.

— Até parece que alguém ousaria mexer. A propósito, continua a torturar seus funcionários com os dois minutos? Aposto que sim — asseverou Aurora.

— Aurora, não me provoca. É necessário utilizar a ampulheta e outras formalidades para com meus funcionários, mas não se preocupe. Para você sou todo o tempo seu pai, por tanto, respeito é tudo o que peço. — Apertei os lábios.

— Uau! — Riu.

— Aurora, não enrola. O que você quer?

— Minha vez de pedir respeito. Amanhã, no almoço de aniversário, não quero brigas entre você e a mamãe.

— Impossível! Você sabe como é sua mãe. Joana está sempre com a língua afiada, pronta para brigar.

— Mas como você é uma pessoa sensata. — Riu com ironia. — Uma trégua, seria bem-vinda. Por favor, papai é seu aniversário.

— O que não faço por você, meu Raio de Sol — amenizei a conversa, visto que ela estava decidida a não dizer o que a afligia.

Desliguei o telefone com o coração apertado, conhecia bem minha filha, mais do que ela podia imaginar. Não tinha dúvida, ela me escondia alguma coisa, mas prometi a mim mesmo que descobriria sem questionar.

Entrei e caminhei direto para o banheiro.

Capítulo 4

Meu frágil verniz oscilava entre o homem e a máquina.

Uma ducha me faria bem, a água quente me permitia relaxar.

Após o banho, coloquei um calção, uma camiseta, a cozinha me libertava de coisas que eu não dominava.

O cheiro de café quente inebriava meu dia. Enchi uma xícara do café fumegante que a mulher do caseiro deixou em cima da mesa e voltei para a sacada. Cada gole do café acompanhava minha dúvida sobre o bem-estar de Aurora, o medo de perder minha filha apunhalava minha cabeça.

Detive meu olhar na vista espetacular do mar, tanto tempo distante dos prazeres naturais da vida que quase me esqueci de como aquela paisagem era especial para mim.

Minha vida era trabalho e pouca diversão. Larguei a xícara no parapeito da sacada e me deitei na rede.

O aroma do café e o perfume das flores, misturado ao som do balanço das ondas, trazia um pouco de lucidez ao meu ego inflado de orgulho.

O caseiro era um bom jardineiro, as flores são perfumes que têm o dom de tocar meu coração de pedra atenuando minha arrogância.

Sempre que me permito um pouco de distração, venho para minha casa na praia. Às vezes permaneço por algumas horas, noutras pelo final de semana. Desta vez, ficaria somente o dia de sábado. Domingo não podia faltar ao almoço com Joana e Aurora para comemorar meu aniversário.

Se eu estava feliz, não. Nossos encontros nunca foram amistosos, mas pela minha filha tudo valia a pena. Prometi a Aurora que ia me comportar. O que a gente não faz pelos filhos?

Uma gaivota voou rente à rede e Panthro correu atrás, ainda bem que meu gato não conseguiu realizar seu intento.

Meus olhos se fixaram na imensidão das águas.

Não sei por quanto tempo permaneci com o olhar perdido no mar. Até o sol se esconder atrás de uma nuvem cobrindo o céu. Mas não escureceu o mar, pelo contrário branqueou. Uma neblina fora de contexto avançou mar adentro, igual a um trem a vapor que vai deixando um rastro de fumaça e logo se espalha para todos os lados. A névoa avançou pela orla até minha casa. Inundou a sacada dando sequência a um vento frio. As flores coloridas do jardim se tornaram um manto branco. Do mar não se via mais nada, só escutava o barulho das ondas.

Meus óculos de sol embaçaram.

Entrei!

— Vamos, Panthro! Corre, vou fechar a porta.

Ele entrou e eu fechei a porta de vidro da varanda.

Em segundos, observei a natureza se transformar, passei a mão na cabeça, como se pudesse retirar a sombra da minha alma com um simples afago. Admitia minha fama de durão, estigma que não dava para voltar atrás, a mancha ficaria para sempre no meu currículo da vida.

Até minha filha apontava o dedo, do jeito brincalhão, mas o fato era que eu sabia que ela falava sério.

O pressentimento de que em breve algo de ruim aconteceria se apoderou de mim.

— Aurora! — gritei como se ela pudesse me escutar.

O vidro embaçou, jateado pela neblina.

Meu conceito de durão sempre caía por terra quando minha filha surgia no meu campo de visão. Este era meu segredo, não deixava transparecer para ninguém minha vulnerabilidade.

Era um ser singular. Amava, mas era egoísta com a mesma intensidade. Por vezes, não encontrava equilíbrio entre as duas essências opostas, o bem e o mal.

No trabalho era um homem que nem eu aguentava, em casa era parceiro do meu gato Panthro, ele me fazia sorrir. Amava meu violão, era bom na cozinha, adorava agradar minhas namoradas, no entanto, eram passageiras; terminava a noite sem vínculo afetivo. Não sabia amar, às vezes, imaginava que minha alma repousava num amor além deste mundo.

O telefonema da minha filha me deixou com a orelha em pé.

Pela respiração dela percebi que algo sério incomodava aquela cabecinha ruiva. Fosse o que fosse, eu precisava descobrir. Se a perdesse, eu me perderia de vez.

— Miau! — Panthro se esfregou na minha perna, dei comida e água a ele.

A névoa baixou.

— Come tudo. Se quiser correr um pouco no pátio ainda dá tempo, em quinze minutos partiremos. É o tempo de arrumar minha bagagem.

Ele saiu correndo. Quando queria, entendia tudo.

Às vezes, o tempo pode ser o maior vilão da nossa história.

Com o coração apertado era melhor passar a noite no meu apartamento, com a ilusão de estar mais perto da minha filha. Arrumei minha mala e partimos, Panthro e eu. Aurora precisava de mim, minha vontade era convencê-la à não estudar mais em outra cidade, mas isso ela não aceitaria. Teria de me contentar com as curtas visitas dela ao meu apartamento.

Peguei a estrada.

Capítulo 5

Domingo, dia do meu aniversário de 50 anos.

Acordei.

Desta vez não me confundi, sabia onde me encontrava; no apartamento na capital. Ao contrário da névoa na praia, o sol brilhava na cidade e refletia seus raios através da cortina da persiana. Não tinha a menor vontade de sair da cama.

Cinquenta anos.

Não fosse a falta de vontade de encontrar Joana, e o temor de descobrir uma doença grave na minha filha, aquele seria um dia perfeito para comemorar meu aniversário.

O verão se despedia e dava lugar à exibição do outono, com ele a brisa fria apresentava sua estação.

O sopro do vento balançava os galhos das árvores e formava um tapete de folhas no chão, no meu entendimento teríamos um inverno rigoroso.

Odiava comemorar meu aniversário, ainda mais com o punhal do medo apontado para minha cabeça.

O bip de uma mensagem no telefone. Era de Aurora.

Meu lado sombrio congelou. Viver à mercê da sombra do medo não era de bom alvitre. Precisava disfarçar para agradar minha filha.

Olhei a mensagem de Aurora.

— Bom dia, meu cinquentão favorito! Sei que você é um homem pontual, mas quando o assunto é com a mamãe, você é péssimo com pontualidades. Não se atrase.

— Bom dia, Raio de Sol! Já estou a caminho.

— Sei.

— O tempo de um banho.

— Até mais, beijos.

Uma década que residia no Sul, tempo demais para o meu perfil pragmático, era eficiente no que fazia, tempo era ouro, e minha estada na empresa filial já durou mais do que o necessário. Hora de voltar para minha cidade natal. De lá para cá muita coisa aconteceu, minha vida estava coberta por sobressaltos, cheguei com meus cabelos castanho-claros, hoje se tornaram luzes do tempo.

Uma ducha quente me faria bem. Dizia a crença popular que a água tinha o poder de operar milagres.

Retirei o pijama, joguei em cima do banco no closet, observei-me desnudo no espelho, não satisfeito com a minha aparência subi na balança, os números evidenciavam um peso ideal. Mas precisava me cuidar mais, diziam os especialistas no assunto que após os cinquenta a tendência era sofrer sobrepeso em algumas partes do corpo: barriga, quadril. Odeio formas assimétricas.

Aurora se atravessou no meu pensamento, olhei-me no espelho, uma rusga surgiu na testa.

— Minha ruiva favorita — resmunguei alto, como se ela pudesse me ouvir — por que estou com um aperto no coração? O que você me esconde?

Desta vez o grito explodiu, talvez me ouvisse, sempre tivemos uma ótima conexão.

Barbeei-me, o rótulo de cinquenta anos começava a me incomodar. A lâmina de barbear percorria minha face como uma lixa, fiz uma pausa para observar melhor no espelho os sinais de cansaço. Desliguei uma lâmpada, quando a claridade é demais enxergamos coisas desnecessárias.

Meus cabelos grisalhos até que caiam bem com meu bronzeado.

A pontualidade era um dos pontos que eu considerava relevante, não renunciava à exatidão matemática da vida, não tolerava atrasos em hipótese alguma. Menos com a Joana, como acusou Aurora. Mas esta atitude me incomodava. Tinha relógios espalhados por todos os cômodos do apartamento. No relógio acima da pia, os ponteiros marcavam vinte para o meio-dia.

Abri a torneira do chuveiro, esperei até a temperatura da água estar no ponto que eu gostava. Não me demorei no banho, vesti-me com formalidades. Uma gravata rosa média, camisa rosa bebê, terno cinza, sapatos estilo italiano. Até que o título de cinquentão não era tão ruim assim.

Assumi o papel que o espelho revelou, um homem bem-sucedido. Antes de sair para celebrar meu aniversário, outra imagem daquelas que considerava inconveniente se mostrava além do que eu permitia, uma lágrima embaçou minha visão. O medo de perder minha filha me atravessou feito uma rajada de vento. Transformando-se na sombra que me perseguia dia após dia, cobrindo meu ser.

Um homem bem-sucedido com tantas contradições, igual ao pássaro com voz engasgada que há dez anos cantava fora de ritmo à minha janela.

— Fique aí, vá junto ou faça como quiser, não ligo — afirmei para a sombra desocupada, parecia alma de outro mundo, perdida de si mesma e sem ter o que fazer colou em mim sem pedir licença.

Sacudi os cabelos ainda molhados.

Hora de enfrentar Joana, os parabéns e as queixas.

Antes de sair, vesti o violão com a capa que deixei no sofá, pendurei no gancho atrás da porta; cuidado necessário para quando voltar para casa encontrar meu violão inteiro.

Quem tem gato precisa pensar como eles. Panthro não era nada fácil.

Meu gato azul russo, inseparável, fixou o olhar no violão.

— Sei bem o que pensa, mas vai ter de brincar com seus brinquedos — falei em tom sério.

Ele se esticou, como quem diz: pode ir, vou ficar bem.

— Miau!

— Sei! — adverti. — Só porque você me olha com esta carinha mimada que vou ficar tranquilo, não come a lagartixa do banheiro.

— Apontei o dedo para ele.

— Deixe-a em paz — Frisei com um sorriso. — E não me olha com este jeito de gato pidão, por hoje bastam as chantagens de Joana.

A sombra não enxergava mais, tive uma trégua, pelo menos por enquanto o peso daquele vulto que me perseguia há anos saía das minhas costas. Para ser mais preciso, desde o dia que Aurora nasceu, intensificou-se na adolescência e há dez anos se tornou quase visível.

Saí de casa sem pressa de chegar ao restaurante.

Capítulo 6

Almoço dos meus cinquenta anos.

Não me dei ao trabalho de estacionar, entreguei a chave do carro para o frentista e entrei. O cotidiano me deixava entediado, tudo parecia óbvio demais para meu gosto. O movimento estava tumultuado, ao contrário da crise econômica do País, ali, no restaurante, as pessoas nadavam no dinheiro, digo isso, porque o cardápio era os olhos da cara.

Parecia que todos resolveram mostrar o poder que o dinheiro exerce na vida social. Fila no saguão, famílias enormes com crianças inquietas e barulhentas.

— Hoje era um dia daqueles — resmunguei.

O melhor seria entrar com a capa da invisibilidade. Ainda que a reserva nos mantivesse fora da fila, e certamente Joana e Aurora já estariam a postos, não aprecio lugares tumultuados. Felizmente a Relações Públicas me conhecia, era eficaz para resolver tumultos e apresentar soluções, de longe me avistou e veio em meu auxílio, conduzindo-me até a mesa.

O garçom retirava uma garrafa vazia de espumante e servia outra. Aurora, ao lado de Joana, enviou-me um olhar de apreensão, a mãe bebia além da conta.

Por outro lado, o olhar dizia coisas além das entrelinhas, mas não era de quem me reprovava, sim, de quem escondia um segredo por trás da reclamação sobre meu atraso. Ou, de quem está triste com alguma coisa, ou ainda, talvez não quisesse me magoar.

Eu lia as entrelinhas, um defeito ou uma qualidade, aí dependia de como eu lidava com isso.

Aurora se levantou e veio ao meu encontro, num abraço apertado sussurrou no meu ouvido:

— Pai! Feliz aniversário.

Após alguns segundos, soltou-se e me entregou um pacote. Abri e me deparo com uma caixa de joias.

— Um lindo presente, minha filha, mas o que vou fazer com isso?

— Não seja patético, um dia você vai encontrar utilidade. Talvez, mais cedo do que você imagina. — Piscou e sorriu de canto.

Puxei a cadeira e me sentei. Joana continuou a beber, parecia alheia à minha presença.

— Não uso joias — respondi com ar de cumplicidade para Aurora.

— Vou dar uma dica, coloque tesouros, daqueles que não se pode comprar nem com dinheiro, nem com autoridades — sugeriu Aurora, como se soubesse do que estava falando.

— Enigmático, vou levar para o escritório — argumentei —, mas hoje, atendendo ao seu pedido, não vamos debater nem um assunto polêmico. Meu pequeno Raio de Sol, não faz meu estilo, mas vindo de você já é um tesouro valioso.

Joana se levantou, quase caiu da cadeira. Aurora e eu nos entreolhamos.

— Que bom que veio para o seu aniversário — ironizou Joana.

Fiz de conta que não escutei. Como já mencionei, tinha prometido a Aurora que não discutiria.

— Espero que goste — Joana empurrou sobre a mesa em minha direção um embrulho de papel de seda vermelho. — Desculpe, não consegui encontrar uma embalagem à altura do presente.

— O que é? — perguntei.

— Abra! — respondeu com sorriso de canto.

Abri, era um pingente de Nossa Senhora, fechei e devolvi.

— Você sabe que não sou chegado a estas coisas.

Joana me olhou a sério.

— Fique. — Arrastou o pacote de volta. — Nunca se sabe, podemos precisar de Deus a qualquer instante.

Meu rosto esquentou.

— As crenças são bengalas que eu não uso.

— Ora, ora! Você precisa se proteger de você mesmo.

Não respondi, Joana enrolava a língua. Procurei almoçar sem muita conversa, evitei criar atrito para não ferir Aurora, que já sofria por algo que eu ainda não sabia o que era.

O almoço transcorreu rápido, mais do que eu imaginei que seria. Melhor assim, evitamos confrontos desnecessários.

Aurora levou a mãe para casa, e eu me livrei do inconveniente.

♥♥♥

Uma hora depois, entrei em casa. Larguei as chaves na mesa do hall de entrada. O pingente de Maria, coloquei na caixa de joias. Arrastei minhas emoções até o sofá, sentei-me e peguei Panthro no colo, precisava de um tempo para refletir sobre o que fazer com minha vida. No meu entendimento,

Joana era um caso perdido, não tinha mais estômago para fingir à Aurora que não me importava com o que ela fazia. Mas não aguentava mais, a situação beirava a loucura.

Aurora abriu a porta e entrou.

Num sobressalto fui até ela, queria explicar que não tinha mais jeito entre nós, eu e a mãe dela, mas minha filha me olhou radiante, simplesmente sorri de volta.

— Por que cargas d'água você e a mamãe estão sempre brigando?

Aurora tinha a chave do meu apto, deixou Joana em casa dormindo e veio falar comigo. Eu tinha consciência do espaço que nos mantinha seguros, entre mim e Joana. Para não magoar minha filha, era necessário nos manter assim, não podia colocar uma contra a outra.

— Digamos que prefiro o Panthro, no lugar de Joana, nada mais.

— Papai, isso é horrível. Às vezes, as coisas podem não ser tão assustadoras como pensamos, sabia?

Recuei, sem responder.

— Vou dormir aqui, mamãe não está bem e pode precisar de nós.

Apontou o dedo, primeiro para ela, depois na minha direção. E foi para o quarto dela. Enquanto eu, voltei para o sofá a refletir sobre o que conversamos.

Conviver com Joana estava fora de cogitação, mas só de pensar que Aurora podia me rejeitar por conta disso, tremia de medo.

— Então, por que não ficou no apartamento da sua mãe?

Aurora fez de conta que não ouviu.

— Você a despreza? — perguntou Aurora, enquanto saía do quarto de pijama secando o cabelo.

Orgulhoso não sabia o que responder.

— Sabe o que acho? — Falta-lhe calor humano para com as pessoas, principalmente com mamãe. — disse sem olhar nos meus olhos.

— Não! — sorri, embora tivesse sido um sorriso forçado, foi o suficiente para me envolver num desgaste emocional. Fechei-me em copas. Não! A palavra, representava um grito apertado, por esconder minhas emoções, destas que não estava disposto a conversar com Aurora.

Parece que minha filha entendeu meu silêncio, sentou-se ao meu lado encostou a cabeça no meu ombro e adormeceu.

Levei-a para cama, minha menina era o remédio para o meu viver.

No outro dia fui trabalhar, e Aurora antes de ir para a Faculdade visitou Joana.

Me ligou de lá, dizendo que Joana estava bem, que tomaram café juntas. Para me tranquilizar, como se Joana ainda pudesse afetar meu dia.

Capítulo 7

O pássaro matinal.

Dias depois, abri os olhos e a primeira coisa que avisto é a caixa de joias que não levei para o escritório, depositei-a na mesa de cabeceira ao lado da foto de Aurora. Não combinava comigo, nem com a decoração, sofisticada, porém minimalista, menos o closet, este era maior que o dormitório, abrigava todas as minhas excentricidades.

O canto do bem-te-vi era meu relógio sem ponteiros.

A insistência da ave me fez lembrar a pequena Aurora na manhã do seu primeiro dia na cidade, na época com dez anos, disse que este canto era de um bem-te-vi.

— Pai! — Aurora explicou com aquele jeito doce de ser. — Li em algum lugar que, quando um bem-te-vi canta à janela, pode ser um sinal para prestar atenção na essência, uma vez que o canto representa a conexão com a espiritualidade.

Não acredito em suposições, elas nos tiram da realidade da vida, mas o pássaro a me perturbar não era perseguição, porém o forte palpite de que ele podia assombrar meus dias deixava minhas orelhas em pé.

Segundo diziam, um bem-te-vi pode durar mais ou menos doze anos. Sendo assim, era bem possível que fosse o mesmo pássaro o tempo todo. Talvez fosse só um apego pelo lugar, onde o entardecer era o mais lindo de todos. O fato era que ele cantava na minha janela todas as manhãs desde o primeiro dia que cheguei nesta cidade.

Sai da cama, era hora de assustar a ave, abri a janela e o grito revelou meu lado sombrio.

— Vai embora criatura inquieta, que ameaça o meu sono e tira meu sossego.

Ele respondeu com um grito mais alto do que o meu, deu um rasante na janela. Se fosse um ser pensante, diria que fazia isso para me sacanear.

— Quem elegeu você para ser meu despertador? — gritei outra vez, mas ele já ia longe. Irritado, concluí: — Pelo jeito vai ser assim até você desaparecer deste mundo.

Voava para longe, como se tivesse cumprido seu ritual.

— Foge, foge, foge, pássaro ordinário! — Olhei na direção do voo até ele se perder em um ponto no céu.

Ele fugia, igual meus funcionários que estavam comigo pelo bom salário, mas não gostavam de mim. Eles precisavam entender que eu não era um diretor executivo para agradá-los, sim para manter a empresa com lucro.

Fechei a janela, como se lacrasse para sempre.

Entendo que a cantoria do pássaro matinal, por vezes se tornava irritante, mas era meu despertador, e talvez fosse da natureza dele perturbar os humanos.

Qualquer semelhança comigo era mera coincidência. Controlava minha vida e a dos meus funcionários, pelo menos era nisso que eu acreditava. A arrogância falava por si só, ainda assim, do pássaro não tinha certeza de que pudesse controlar.

Diante disso, a sombra do pensamento se apoderava cada vez mais do meu raciocínio prático.

— Qual seria o papel que ele desempenhava na minha vida? — ponderei alto. — Prosperidade ou prenúncio de morte?

Um arrepio percorreu meu corpo. Não acreditava em nada que não pudesse comprovar. Sacudi a cabeça para afastar os pensamentos indesejados. Retirei a foto da Aurora do bolso da calça, a saudade deu um nó na garganta.

Colei na tampa da caixa de joias, presente do meu Raio de Sol. Olhei para o pingente que Joana me presenteou, do meu ponto de vista não tinha significado nenhum, enfim, deixei quieto.

O telefone vibrou em cima da mesa de cabeceira, ao lado do presente de Aurora. No visor mostrava a foto de Joana. Não atendi, queria permanecer a sós com meus pensamentos. Desde o meu aniversário Aurora e eu não nos falamos mais. Filhos crescem e não podemos mais importuná-los com perguntas. Primeiro porque não respondem, e se o fazem excluem o principal.

Finalizei a minha dor num sussurro, o sorriso na foto me fortalecia como se nada pudesse interromper a vida que nos embalava.

Observei o presente de Aurora.

— O que mais eu poderia colocar dentro da caixa, além da foto de Aurora comigo, e o pingente da Joana? — perguntei alto na esperança de obter uma resposta plausível, talvez do Universo, porém eu sabia que a resposta estava dentro de mim. Deixei a caixa na mesa de cabeceira ao lado da cama, um passeio pela calçada ilustrava as perguntas sem respostas.

Praticar meu ritual de caminhar pela manhã era prioritário, todos os dias precisava me conectar com a natureza antes de chegar no escritório.

Odeio me aborrecer com o óbvio!

Capítulo 8

Admito, sou um executivo autoritário.

Atravessei a avenida em meio a buzinas.

Meus dias começavam com a arte de observar a natureza na Orla do Guaíba, assim estimulava minha vontade para continuar na cidade. Nas caminhadas habituais costumava fazer uma imersão do que eu era, do que podia ser e do que poderia mudar na vida pessoal, mas nada mudava. Continuava o mesmo senhor materialista, coração de pedra.

Eram ponderações difíceis de sair da caixinha do pensamento, mas gostava de acreditar que um dia seria a modificação em pessoa. Na empresa, seguia com meu coração de pedra, não cogitava de ser diferente do executivo autoritário que eu era. Uma vida de aprendizado com meu pai me ensinou que um bom executivo não podia baixar a guarda, do contrário era engolido pelo sistema.

Ao lado do Guaíba, entrava na simplicidade da natureza, sossegava meus pensamentos, mas, por vezes, esbarrava com alguém a invadir meu silêncio.

— Olá, seu Calisto! Tem um minuto?

— Não.

— É rápido.

— Marque uma hora com a secretária.

— Quase não nos encontramos.

— Deveria?

Continuei em frente.

— Não nega ser filho do senhor Davi Dias — resmungou às minhas costas, coisa que pude escutar muito bem.

Aumentei a velocidade e deixei a pessoa indesejada para trás. As camadas que usamos são adesivos difíceis de remover, não era qualquer um que conquistava um espaço ao meu lado.

Preferia a solidão, por isso, e por outras questões era conhecido por coração de pedra.

A única pessoa que podia desfrutar do meu tempo, onde e quando quisesse era minha filha Aurora. Desde menina ela era o centro das minhas atenções, com seu sorriso largo, nem bem raiava o dia, jogava-se na minha cama. Cobria meu rosto com seus cabelos ruivos. Nos seus áureos vinte anos, aluna exemplar, cursava Medicina em outra cidade. Meu pequeno Raio de Sol deixava saudades no dia a dia. Minhas manhãs nunca mais foram as mesmas. Restou-me o pássaro com a cantoria irritante, segundo Aurora podia ser um aviso que eu nunca dei importância, tirando o fato de que me irritava profundamente.

O brilho do meu pequeno Raio de Sol tomava conta das horas, ainda assim, não o dia todo.

O telefone vibrou no bolso do moletom. Era Joana, desliguei, ela ligou outra vez, deixei tocar até cair.

No meu apartamento, tomei uma ducha, vesti-me de executivo, atravessei o acesso para o prédio da empresa.

Nem bem coloquei os pés no hall da entrada do prédio do meu escritório, o coração de pedra se moldava, como no filme em que a máscara grudava no rosto do personagem. No meu caso, por inteiro, bloqueando quaisquer sentimentos de compaixão que eu pudesse trazer comigo do meu sossego na orla.

Ao entrar no escritório, os funcionários pareciam concentrados no computador. Ao passar por eles, era como se usasse uma capa invisível, se eles não me viam, eu os via muito bem. A maioria me tirava do sério, já na primeira hora do dia. Não tinha muita paciência. Aliás, nenhuma paciência. Odiava perda de tempo.

Meu telefone vibrou pela terceira vez, desta vez atendi.

— Porra, mulher, deixa-me em paz! — adverti Joana e desliguei.

Meu dia era controlado pela minha natureza exigente, estar preparado para meus clientes, funcionários e investimentos era o que me resumia. Não

tinha como prever o que poderia acontecer nas horas de um executivo.

O escritório era minha prova de ausência de sentimentos nobres, contudo incorporar o coração de pedra na maioria das vezes era algo desgastante. Mas, em alguns dias era até prazeroso.

À noite me afastava da armadura de coração de pedra e prendia à saída do escritório.

Entrava em casa, vestia-me da versão cotidiana, brincava com Panthro, fazia o jantar e vivia as pequenas coisas domésticas com certo desprendimento.

Capítulo 9

Dez anos antes.

Na época acreditava que a vida seguia seu ritmo como devia ser.

Cheguei à capital de mala e cuia, como se dizia na cidade.

Quando desci no aeroporto Salgado Filho já passava das 17h, peguei a bagagem e Panthro, dispensei o motorista e dirigi devagar. Reconhecer onde me estabeleceria era minha prioridade.

Estacionei do outro lado da av. Ipiranga, na frente dos três prédios envidraçados, abri a porta do carro, coloquei uma perna para fora, a outra permaneceu entre a direção e o banco. Com meio corpo para fora, observei o panorama por alguns minutos.

— Até que não é nada mal! — ponderei com meio-sorriso.

Dei a volta na quadra e entrei na garagem do edifício, estacionei o carro na garagem de número 111, subi o elevador direto para largar minha bagagem e Panthro no apartamento. Depois a prioridade era conhecer o escritório, que ficava no outro prédio, cuja obra acompanhei on-line.

Minha equipe já estava organizada na cidade, atuavam com o marketing da empresa, conforme treinamento.

Possuo todas as qualidades dos melhores "executivos" no mundo empresarial. Os atributos que considero imprescindíveis são; comprometimento, determinação e firmeza. Nunca estava satisfeito com os resultados dos negócios, exigia sempre mais empenho, de mim e dos meus subordinados.

Tínhamos filiais espalhadas por todo o país, menos no Sul do Brasil. Após meses de organização, compra de apartamento e salas para o escritório, chegou o dia da inauguração. Meu apartamento de andar inteiro se localizava no edifício residencial entre dois prédios comerciais. O escritório da empresa ocupava dois andares de um dos prédios.

Peguei a chave do meu bolso e entrei no elevador panorâmico, apreciei a vista.

Um pássaro gritou rente ao vidro.

Panthro quase pulou da caixa de transporte aéreo.

— Miau!

— Eu sei, deve estar bem desconfortável aí dentro, logo será livre, dentro do novo lar.

Confirmei o número acima da porta, 111, o mesmo da garagem, coloquei a chave na fechadura e abri. A janela de vidro mostrava o entardecer avermelhado refletindo nas águas do Guaíba.

Soltei Panthro que correu para todos os lados.

— Gostou meu amigo, vamos escolher sua suíte. Até parece, sei onde você escolherá para dormir; na minha cama.

— Miau!

— Vamos fazer de conta que dormirá na sua suíte.

Larguei minha bagagem no chão da sala sem vistoriar se o ambiente estava perfeito conforme minha exigência. Refleti por alguns segundos, os detalhes podiam esperar, primeiro queria ver o escritório, não gostava de surpresas, nunca deixei para outro dia o que podia fazer hoje.

Coloquei água e ração para meu amigo na área de serviço.

— Vou para o escritório, depois ajeitaremos as coisas no lugar. Comporte-se.

Panthro caminhou arqueado, olhar firme na caixa do violão em cima de um balcão, como se soubesse o que iria fazer na minha ausência.

— Sei que vai se comportar, mas ainda bem que o violão está protegido.

Fechei a porta do apartamento, decidido a passar no escritório, contudo caminhar na Orla do Guaíba foi minha prioridade. Diziam que o pôr do sol era o mais bonito de todos, pensei que não passava de histórias, que era só mais um lugar para turistas.

Enganei-me, o show era imperdível!

Talvez fosse o entardecer mais lindo do mundo.

Atravessei a rua, o espetáculo atraía minha atenção. Uma buzina me tirou do devaneio, num passo alcancei a calçada, caminhei hipnotizado pelos tons alaranjados do sol a dominar as águas.

Decidi gostar do lugar.

O escritório no edifício comercial com vistas para a orla foi uma boa ideia, morar ao lado do trabalho tem seu lado positivo e negativo, isso era o que todos diziam, mas comigo não via problema, sabia equilibrar as posições.

Vivia estressado em São Paulo, acreditei que mudar de estado podia me fazer bem, e fez, por pouco tempo, até preferir a ausência de Joana.

Antes da mudança decidimos que ela continuaria em Santos com Aurora até eu me sentir ambientado com o lugar. Assegurei que a mudança delas aconteceria em breve. Ainda que meu tempo fosse curto, as duas seriam minha prioridade, mas não aconteceu bem assim.

O tempo passou e eu me envolvia cada vez mais com atividades depois do trabalho. Ultrapassei meus limites, perdia cada vez mais meu interesse por Joana, o que ela queria ou o que sentia não me preocupava, a saudade era apenas de minha filha Aurora.

O telefone vibrou no bolso do paletó, não atendi.

Hoje sabia que tinham coisas que aconteciam aos poucos e tinham outras que não aconteciam mesmo que a gente quisesse, mas quando estávamos envolvidos emocionalmente com algo ou alguém, era difícil prever o desfecho. E por mais experiente que eu fosse na área executiva, não aprendi a viver o lado bom da vida. A mudança de estado me deixou vulnerável às memórias do passado, nas quais meu pai era o grande vilão.

Eu era muito bom com relacionamentos líquidos, daqueles que escorregavam por entre os dedos no final da primeira noite. Contudo, separar-me de Joana não foi uma decisão, aconteceu logo depois do casamento, a convivência se tornou insuportável, com a minha mudança para outro estado se rompeu o elo que nos ligava e o amor voou pelos ares.

Com Aurora por perto, o equilíbrio se sustentava nos limites da razão.

Um bipe no celular, olhei para a mensagem. Era do meu motorista, queria saber se cheguei bem.

Observei ao redor, as novidades do lugar alimentavam minhas ideias, mas eu sabia que era uma questão de tempo, logo tudo seria rotina; os passeios no final do dia, o trabalho e tudo o mais.

— Carlos, está dispensado por hoje — anunciei ao motorista.

Anoitecia, retornei a passos largos, talvez não encontrasse mais ninguém no escritório. Olhei para o lado e percebi algo a espreitar meus passos. Aconteceu na primeira noite, na segunda e nas outras que se seguiram. Mal sabia eu que naquele dia, seria o início não só de um novo escritório em outro estado, mas também de uma nova direção para minha vida. Se boa ou ruim, ainda não sabia.

Minha intuição dizia que eu deveria ficar atento aos pequenos detalhes.

Durante o tempo que ficamos afastados, Joana se tornou uma pessoa amarga, para aguentar criei uma barreira entre nós, não atendia mais os telefonemas, ignorei-a totalmente. Até que chegou o dia de que a única opção era buscá-la em Santos, sustentei minhas forças no amor pela minha filha, a saudade de Aurora vencia o desgosto por Joana.

Algo que sempre me intrigou, mas nunca tive coragem de pesquisar, era como Aurora nasceu com os olhos azuis e cabelos ruivos se Joana tinha cabelos e olhos castanhos e, eu, olhos amendoados e cabelos castanhos; hoje grisalhos.

A quem ela puxou?

Enfim, pulei o estágio das brigas e as trouxe para morar na mesma cidade. Aluguei um apartamento próximo ao meu, até elas decidirem onde queriam morar. O que não durou, em menos de um mês a minha paz foi sugada por dramas e chantagens. Não nos separamos judicialmente, mas travei uma batalha pela guarda compartilhada da nossa filha.

♥♥♥

Fiz o mesmo caminho de volta, primeiro entrei no edifício do escritório que ficava ao lado do meu, onde morava. Dei uma boa olhada na organização antes do primeiro dia de trabalho, seria mais sensato e me faria dormir tranquilo, ou não. Precisava descobrir.

Para minha surpresa, os funcionários ainda estavam trabalhando, talvez, porque eu chegava e desejavam dar as boas-vindas, ou para mostrar serviço. Mas ao contrário do que pensei, permaneceram onde estavam, como se eu não existisse, menos meu motorista.

— Carlos, você está dispensado, não olhou minha mensagem? — indaguei com leve sorriso.

— Queria ter certeza de que o doutor estava bem?

Bati no ombro dele.

— Fique tranquilo, pode ir.

Vistoriei o ambiente que acompanhei on-line a decoração, do meu apartamento e do escritório. Mas nunca se sabe, sempre podemos ter surpresas. Abri a porta da minha sala, parecia tudo em ordem, não entrei.

Os funcionários eram os mesmos do escritório de Santos, exigência minha para a empresa, só me transferia com a minha equipe. Mas tinham coisas que não delegava a ninguém. Gostava de ser protagonista da minha história.

No meu entender, os mínimos detalhes faziam a diferença e a pontualidade da minha presença era imprescindível. Mas hoje só estava de passagem, a viagem atrasou minha chegada à cidade mais do que eu previa.

Cumprimentei a todos e retornei ao apartamento.

Capítulo 10

O tempo vale ouro.

No outro dia, acordei no meu luxuoso apartamento de andar inteiro, nunca na minha vida me senti tão perdido como naquela manhã. Era como se minha memória tivesse sido tragada pela noite. Num exercício contínuo, abri e fechei os olhos várias vezes até me acostumar ao meu novo lar.

Tive uma noite tranquila, não fosse pela chegada do visitante de som estridente, meu primeiro despertar na cidade seria excelente. Depois de um voo turbulento, nada como uma bela noite de sono para renovar minha disposição.

— Miau!

— Panthro, já vou servir seu café da manhã, espere um pouco.

Tomei uma ducha, barbeei-me com cuidado, considerava meu rosto meu cartão de visita. Vesti-me com elegância. O espelho mostrava não só um homem bonito e apresentável, mas também um homem austero que conquistava tudo o que queria; pelo menos era assim que demonstrava.

Deixei comida e água fresquinha para meu gato.

Pendurei o violão no suporte em frente à câmera e adverti:

— Confio em você, mas estou de olho.

Apontei para a câmara na parede.

Ele se espreguiçou como quem dissesse: não me comprometo se ele cair.

Saí e fechei a porta com um último olhar no Panthro, que continuava no mesmo lugar, como um santo.

♥♥♥

Atravessei o jardim, cheguei ao prédio ao lado, o guarda foi logo abrindo a porta de entrada e num segundo abriu do elevador.

— Bom dia, doutor!

Respondi com um gesto.

Saí do elevador, deslizei meu olhar de águia em todas as direções. Nos primeiros passos, percebi que a mesa da secretária estava em ordem, cuidadosa como sempre. Nada a reclamar, mas não custava cutucar a onça com vara curta. Afinal, era o CEO, precisava saber se ela estava afiada no trabalho.

Fitei-a como se estivesse no pior dos meus momentos. Desta vez ela não teria resposta, pensei com ironia.

— O que você achou do painel na entrada? — instiguei-a.

A secretária arregalou os olhos, pela reação não tinha ideia do que eu falava.

— Foi o que pensei — assegurei com o dedo em riste. — Quer saber, darei uma nova oportunidade à você. Da próxima vez, fique atenta a tudo.

Ela abanou a cabeça em sinal afirmativo, eu segui pelo corredor. As mesas eram divididas por biombos de vidros.

— A estúpida da secretária seria míope ou displicente, como podia não enxergar um enorme painel na entrada — resmunguei.

Próximo a minha sala, cruzei com o funcionário de TI.

— Bom dia, doutor Calisto! Bonito o painel da entrada.

Elogiar funcionários não é do meu feitio, mas neste caso tive um súbito prazer.

— Muito bem, Rogério, a empresa precisa de pessoas que prestam atenção aos detalhes, considere o contrato renovado e com aumento.

Uma mulher loira passava por nós, resmungou alguma coisa e largou um sorriso malicioso.

Fiz jus ao apelido coração de pedra que os funcionários me deram, sabia disso porque cochichavam pelos cantos. Fitei-a e minha raiva a fez estremecer, era para dar medo mesmo. Podia garantir que se me olhasse no espelho, enxergaria uma pessoa mais do que desagradável, daquelas que têm o poder de petrificar igual a Medusa da mitologia Grega.

— Chispa daqui! Não tem o que fazer? Se quisesse sua opinião, perguntaria.

O sorriso da moça se fechou na hora.

— Como ousa me interromper?

Ela deu um passo atrás.

— Desculpe! — E resmungou com cara de ódio: — Ignorante tal qual o pai.

Virou-se e acelerou o passo tão rápido, como o diabo foge da cruz.

Achei que aquele seria um dia tranquilo, mas logo percebi que navegava em águas turbulentas. Não mudamos com o conhecimento, o que fazia a diferença era a mudança de atitude, mas isso estava longe de acontecer comigo.

A moça loira tinha razão, eu era o que meu pai me tornou, o espelho dele, a cópia fiel. Não costumava ter consciência do que fazia, tudo era uma questão de negócios.

Sempre funcionou assim, por que mudaria?

A pouca gentileza que sobrevivia dentro de mim, para as boas-vindas dos funcionários rolou para dentro da ampulheta, meu relógio sem ponteiro.

Entrei na minha sala, um rápido olhar e não detectei nada fora do lugar, tudo impecável.

— Melhor assim — afirmei.

A funcionária responsável sabia o quanto era exigente, a organização sempre foi impecável.

Peguei a jarra com água fresca em cima da mesa e molhei a linda samambaia que veio na mudança. Pendurada entre a parede e a grande janela de vidro, local perfeito. Ganhei a folhagem da Joana, minha mulher, única coisa de bom que nos unia, além de nossa filha Aurora, que em nada se pareciam.

Ao contrário dos sentimentos negativos por Joana, tinha o maior carinho pela planta, embora não demonstrasse, sabia diferenciar o joio do trigo.

As paredes em tons pastéis sem nenhum quadro, minimalista como eu gostava. Em cima da mesa somente uma pedra de ametista, a minha preferida, com formato de pirâmide com meu nome escrito em letras douradas: Calisto Dias.

Retirei a ampulheta da mesa e joguei de um lado a outro, o objeto representava o senhor do tempo, nas duas bases em letras miúdas, dois minutos, recoloquei ao lado da pedra. Usava para desenvolver ideias, mas principalmente para conversar com meus funcionários. Acreditava que o tempo valia ouro e não devia ser desperdiçado de maneira prolixa. Palavras do meu pai.

O escritório ocupava todo o 11° andar do esplêndido edifício envidraçado com vista para a Orla do Guaíba. Depois de um dia estressante de trabalho, da minha sala podia assistir ao pôr do sol a refletir seus raios vermelhos nas águas.

Uma batida à porta me afastou dos meus pensamentos.

Apertei os lábios.

— Entre — respondi em tom áspero.

— Bom dia doutor Calisto! Posso entrar?

Fiz sinal para que Fábio entrasse, ainda não sabia se a cidade oferecia alguma coisa boa, isso com o tempo me acostumaria aos novos hábitos. Pequei a pasta de Fábio, ainda não tinha bilhetes vermelhos, daqueles que costumava pôr nas pastas dos funcionários.

Virei a ampulheta de cima da mesa, fiz sinal para Fábio ir direto ao ponto, dois minutos era o que disponibilizava do meu precioso tempo para cada funcionário, comigo ninguém tinha privilégios.

— Sei que seu tempo vale ouro — disse Fábio em monossílabo, esfregando as mãos.

Arqueei as sobrancelhas. Ocupava o cargo de Diretor executivo, responsável por manter a satisfação e as necessidades de colaboradores, investidores, fornecedores e clientes, além de ser responsável por todas as decisões importantes de estratégias da empresa. Perder tempo não era facultativo.

— É difícil — continuou Fábio.

Levanto outra vez a mão em sinal de: vamos lá, desembuche!

— Sei que faço jus ao apelido que você e os outros funcionários atribuem a mim em cochichos pelos cantos. Disfarço não ouvir "coração de pedra", mas não tenho dúvidas, é assim que me chamam pelas costas. Contudo, na minha frente fica aí tremendo feito vara verde.

— Pois é, doutor, vai fazer dezesseis anos que estou na empresa, deixei minha família em Santos, e por conta das despesas que aumentaram, receio não dar conta com o que vou receber aqui.

O funcionário fez uma pausa, mas continuava esfregar as mãos. Aquilo me deixava nervoso.

— Sério, Fábio! Nem bem me acomodei na cadeira e já insinua aumento. Acha que merece minha generosidade em renovar o contrato e oferecer nova oportunidade? Isso aqui é experiência no currículo — assegurei com o olhar fulminante.

Ele desviou o rosto, asseguraria que o pensamento de Fábio sobre mim era o pior possível, aprendi a ler as entrelinhas. Parecia que ouvia ele dizer: que homem desumano! Faz jus ao apelido.

— Entendo, você está longe de casa, mais gastos... Mas, no primeiro dia?

Fábio baixou a cabeça, como se meu olhar penetrasse o pensamento dele.

— Como disse, receio não conseguir me manter aqui e manter minha família em São Paulo.

Colei o primeiro bilhete vermelho, eles me ajudavam a demitir um funcionário num piscar de olhos. Outra vez, fulminei-o sem dó nem piedade. Agora projetei um olhar com flexas afiadas prontas a disparar, sem margem para Fábio continuar com aquele absurdo.

— Refletisse antes de aceitar o convite para trabalhar em outro estado, tem sorte de ainda não ser demitido, se não sair já da minha frente perde o cargo e vai para casa com uma mão na frente outra atrás.

Administrava todo o complexo empresarial; ramo siderúrgico, construção civil, automotivo, energia, máquinas e agropecuária. Mantinha tudo impecável, "a ferro e fogo", como diziam os funcionários que me apelidaram de coração de pedra. No entanto, estavam comigo neste novo desafio, pagava bem e o desemprego estava em alta.

Virei a ampulheta e a coloquei no lugar em destaque sobre a mesa. Fábio continuava uma estátua diante de mim.

— Ou saí da minha frente ou não terei clemência na renovação de mais dois anos de contrato.

Fábio se foi com os ombros caídos, parecia até que diminuiu de tamanho. O objetivo não era baixar a guarda, caso contrário se aproveitariam. Por sorte não o demiti, tive meus minutos de humanidade.

O celular bipou. Era Joana.

— Queria saber se você chegou bem.

— Correu tudo bem, não se preocupe.

— Não se esqueça de nós, sempre tive curiosidade em conhecer o Sul.

— Você sabe, preciso ajeitar as coisas na empresa, estabilizar-me.

— Já estou com saudades.

— Preciso desligar. — Não aguentava nem ouvir a voz de Joana.

Desliguei o telefone meu gato faminto me aguardava.

♥♥♥

No outro dia, ao entrar no escritório, notei que os funcionários não tiravam o olhar do computador, mas como bom "executivo" eu observei todos eles, sabia tudo sobre todos meus subordinados. A maioria me tirava do sério, não tinha muita paciência. Aliás, nenhuma paciência. Como já mencionei, odiava perda de tempo.

Nem sempre acontece o que a gente planejou.

Lúcia entrou no meu escritório, com um sanduíche na mão, meu olhar fulminante bastou para que ela se explicasse.

— Desculpe, estou no meu horário do lanche. Vou comer no refeitório.

— Conheço você, o que quer me contar?

Lúcia era a única funcionária que permitia entrar sem ser anunciada.

— Ontem, no final do expediente, Fábio bateu o ponto como se nada tivesse acontecido, mas notei que as mãos tremiam. Na hora pensei não ser nada, mas resolvi segui-lo.

Lúcia, a funcionária mais antiga, contou que saiu logo depois dele e viu quando Fábio caminhou em direção oposta do caminho de onde a condução dos funcionários estacionava. Cambaleava como se estivesse bêbado, acenou para um táxi. Ela seguiu em outro.

— Doutor Calisto! — disse Lúcia. — O táxi parou em frente a uma casa de espetáculos. Fábio se encontrou com uma pessoa, perguntei à moça da entrada se o conhecia. Disse que o nome era Eliseu, mas não sabia mais nada a respeito dele. Na minha opinião, eram velhos conhecidos, ambos beberam muito.

— Onde você quer chegar? — perguntei, prevendo alguma coisa séria.

— Já era madrugada quando voltaram para casa, ambos no mesmo taxi. Segui-os, Fábio é meu amigo, eu suspeitava que algo estivesse errado. No

caminho o motorista deles bateu contra um caminhão de lixo. Eliseu sobreviveu, mas está em coma. Fábio quebrou uma costela, foi medicado e liberado para se recuperar em casa.

— Por que só estou sabendo agora?

— Esperei Fábio se pronunciar, como não fez contato, resolvi trazer o caso ao senhor.

— Fez bem me mantém informado.

♥♥♥

Duas semanas depois, Fábio continuava sem se pronunciar, era hora de tomar pé da situação. Quem ele pensava que era? Liguei.

— Fábio! Você quer ser demitido?

— Bom dia, doutor!

— Poupe-me dos detalhes, Lúcia já relatou o acontecido.

— Sinto-me melhor. Obrigado, doutor Calisto, por se preocupar comigo.

Meu coração era uma ilha, restringia os elogios, mas nem por isso deixaria as coisas sem controle.

— Preocupo-me com o trabalho, venha trabalhar. Enfie a cara nas suas tarefas, assim vai se recuperar logo, logo. Se não voltar amanhã, pode voltar de onde veio. Tem uma fila de loucos para ocupar seu lugar.

— Sim, senhor! Amanhã retorno ao trabalho.

— Não espero outra atitude de você.

Desliguei o telefone, somente um passeio pela Orla do Guaíba me acalmaria.

Capítulo 11

Dez anos depois.

A sombra daquela noite afetou meu mundo para sempre.

Cinquenta anos, enfrentava tempos difíceis, vivia em clima de guerra comigo mesmo, e naquela noite saí para espairecer, refletir sobre tudo o que me incomodava. Minha vontade era fugir e deixar tudo para trás. Em vez disso, não fiz nada.

Mais tarde o que aconteceu comigo marcou a minha vida para sempre.

Quando o estresse cobriu meu dia, a sombra negra da noite retirou o que restava de bom em mim. Entre a razão e a emoção sobrou a raiva acumulada por anos. Desligar o telefone, tomar uma ducha gelada e esfriar a cabeça era uma atitude coerente. Eu tinha consciência disso, não era do meu feitio me aborrecer, no entanto meu nível de sensibilidade emocional entrava nos sentimentos nocivos, uma linha muito tênue entre a loucura e a sensatez. Um autoritário como eu, submetido a alta pressão, a reação era uma incógnita, na melhor das hipóteses, seria engolido pela raiva.

Em minha ilha interior não cabia mais nada, além de um grito silencioso.

Final do expediente, peguei a ampulheta de cima da mesa, balancei-a de um lado a outro, caminhei até janela de vidro. A praça e um céu sem nuvens eram o termômetro para uma caminhada tranquila, contudo, naquele anoitecer não percebi as nuvens pretas no céu.

Recoloquei a ampulheta no lugar, saí e bati a porta do escritório com tanta força que estremeci. Se não me controlasse, meu mundo podia acabar naquele minuto.

Para não me sufocar, a rua era a solução, respirava ofegante, meu coração parecia que ia explodir. O dia tinha sido um desastre total, perdi um grande negócio porque mandei o cliente longe.

Deveria ter ido direto para casa, mas não ouvi os sinais, caminhar na Orla sempre resolvia um dia estressante, não desta vez.

A cada passo que dava, o maldito cliente se atravessava na minha mente, um temporal podia desabar na minha cabeça a qualquer instante. Contudo, não enxergava um palmo diante do nariz. Algumas pessoas diziam que era azar, no meu ponto de vista tudo o que acontecia de bom ou ruim era mero acaso. Não existia carma ou "aqui se faz aqui se paga", tudo crendice de pessoas mal-informadas.

O fim da minha vida, eu nunca cogitei. O fim só existe para os fracassados.

O telefone vibrou no bolso do paletó. O que posso dizer, um diretor executivo dominado por uma ligação, e a fraqueza de um homem resoluto tinha sido exposta. Não atendi, era a Joana, meu passeio já estava arruinado, muito antes de começar.

Ascendi o calçadão da orla, o vento frio paralisava qualquer coisa que tentasse se mexer. Acelerei o passo, queria mesmo era fugir daquela sensação esquisita, coração acelerado e respiração ofegante, não eram bons sinais.

Antes que infartasse na rua, era melhor voltar para casa.

Para aumentar minha inquietação, o celular outra vez vibrou no bolso do paletó, olhei o visor; mais uma vez era Joana. O véu da raiva circundou minha visão. A cegueira tomou conta de mim, atendi e destilei meu veneno antes do grito que quase estourou meu tímpano.

Minha reação foi desligar na hora, tentei ignorar, mas ela não sossegou, a gritaria continuava. Joana gritava como se estivesse sendo esfaqueada. Desejei que fosse um ladrão, que a levasse para longe.

Não era uma boa ideia atender, desliguei, e coloquei de volta no bolso.

Para minha revolta, o celular não parava de vibrar no meu bolso. Aquilo era um martírio, daqueles que levava qualquer um à loucura. Quando tudo o que eu precisava era espairecer as ideias, ela não me deixava em paz. Ou a ouvia ou jogava o aparelho no Guaíba. Talvez, desligar-me do mundo fosse o melhor que podia fazer.

Li em algum lugar que era melhor não desejar alguma coisa que não quisesse, porque podia acontecer. Crendice.

Refleti por alguns segundos. Em circunstâncias normais não iria, mas os gritos podiam significar algo sério. Respirei fundo, soquei o ar, decidi não perder tempo em buscar o carro no estacionamento. Chamei um pelo aplicativo, felizmente não demorou quase nada.

♥♥♥

Cheguei à frente do edifício onde Joana morava, antes de entrar olhei para o céu, nuvens cinzentas cobriam meu campo de visão. Não esperei o elevador, subi correndo as escadas, podia ter um enfarto. Cheguei com a língua de fora. Agora, sim, podia enfartar.

Sem hesitar usei a chave que carrego comigo para o caso de emergência, e com as mãos trêmulas a fechadura dançava na minha frente. Até que, enfim, abri a porta. A visão embaçou, não tínhamos bom relacionamento, mas ela era mãe da minha filha.

Joana estirada no chão, não sabia se àquela altura estava morta ou desmaiada, ajoelhei-me ao lado, encostei a cabeça no peito, as batidas do coração pareciam normais.

Quando fiz menção de me levantar, Joana abriu os enormes olhos castanhos, abraçou-me, puxou meu rosto para si e mordeu meus lábios até sangrar.

— Mulher, você está louca?

Dei um salto, na certeza de que teria de fazer um preenchimento labial.

Olhei-a, dentro daquela cena ridícula de má atuação. Engoli a saliva, um gosto esquisito invadiu a garganta e um líquido quente escorria pelo queixo. Tentei limpar com as costas da mão, mas uma tontura quase me derrubou.

— Você perdeu o juízo de vez.

Ri com ironia, daqueles risos que eu próprio me assombrei. A raiva dominou meu ego subestimado, fixei meu olhar no dela e projetei uma montanha de neve a estalar seus ossos. Joana esbugalhou os olhos, acho que ela própria se assustou da minha irritação ou do que ela fez.

— Devia imaginar que era armação, você não aprende mesmo. Vá fazer alguma coisa de útil nesta sua vida miserável e vazia. Casei-me com você, mas não espere que continue a amá-la depois de me sacanear. Você é uma criatura maquiavélica. Primeiro, forçou-me a casar por conta da gravidez, agora não me deixa em paz.

— Maquiavélica eu, não mais do que você.

Gravidez foi o velho truque que Joana usou para se casar, pelo menos era assim que eu pensava. Apesar de não querer ter filhos, casei-me com ela. Durante o tempo em que convivemos, eu tentei viver em paz, mas pensava na possibilidade de Aurora não ser filha dela. Era um tanto paranoico, pois não sabia como isso seria possível. Por fim, veio a transferência para outro estado e a distância aconteceu naturalmente.

Com ela afastei a ideia de procurar saber se Aurora era filha ou não de Joana.

Enquanto isso, eu conheci outras mulheres, algumas até convidava para meu apartamento. Mas não criava vínculo, na maioria das vezes, chamava um carro pelo aplicativo para levá-las para casa no meio da noite. Minha liberdade não tinha preço.

Uma lágrima rolou do rosto de Joana, que continuava no chão. Aquilo não me comovia mais.

— Você passa a maior parte do tempo livre com suas amantes.

— Não! Você está enganada, passo a maior parte do meu tempo livre com Panthro, meu gato azul russo. Aliás, diga-se de passagem, ele é melhor companhia que você e o único que parece entender meus dias de solidão. Por sua culpa hoje sou um homem amargo — retruquei com o dedo em riste.

— Amargo! É muito mais do que isso, mas pode ter certeza de que não é por minha causa. Está arraigado na sua alma, vem de berço, direto do seu pai.

— Você pegou pesado. Não força, Joana, meu dia foi péssimo.

Ela não parava.

— Dizem que os animais se parecem com os donos, odeio a cara feia daquele gato maldito. Mais ainda depois que ele arranhou minhas pernas — respondeu Joana com uma expressão que me fez dar um passo atrás.

— Desista! Não me abalo com sua opinião.

— Não é à toa que na empresa todos chamam você de coração de pedra — disse ela com sarcasmo no tom de voz.

— Ao contrário do coração de pedra, que você diz que todos os funcionários me chamam, quando estou no meu verdadeiro lar me sinto uma pessoa até agradável, sabia? Sem ninguém para torrar minha paciência. Lá consigo ter paz, sou capaz de passar horas na sacada com a minha magnífica vista da Orla do Guaíba. E ao contrário da sua vida inútil, tenho meu jeito de extravasar a raiva acumulada, adoro cozinhar, tocar violão e receber mulheres. Por que não? Pode-se dizer que nestes breves momentos, apesar de solitários, sinto-me feliz. Mas isso é demais para sua cabeça leviana entender.

— Por favor, eu te amo! — gritou, mas eu desisti de ouvir.

— Ninguém aguenta você? — destilei meu veneno nas últimas palavras e virei as costas.

Deixei Joana estirada no chão, bati a porta, e tudo que enxergava era escuridão.

Capítulo 12

Meu mundo escureceu e tudo desabou.

O inverno chegava sem pedir licença, varria tudo o que precisava ser refeito.

Caminhei pelo corredor como um zumbi, apertei o botão do elevador, não funcionava, a luz do painel sinalizava último andar. Um raio atravessou o vidro do corredor do edifício. Durante uma vida tinha sido atormentado pelo meu pai, depois por Joana, pelo trabalho, agora pela vida, mas o que mais doía era não poder dar a Aurora tudo o que ela merecia; meu tempo.

A chuva desabava lá fora, um tremor percorreu meus 1, 80m dos pés à cabeça, o peso de ser soterrado pelo grande senhor materialista que me transformei dava calafrios. No entanto, se ficasse com Joana mais um minuto cairia em prantos.

Passei a mão nos meus cabelos grisalhos colados na testa, com a intensão de jogar a fúria para trás. Num acesso de raiva soquei a parede e quase destruí o pouco da autoestima que restava.

— Merda! — gritei.

A compostura foi pelo ralo, se é que naquela hora restava alguma, ou a vida toda foi só fachada, uma máscara na qual disfarçava quem sou?

Devia ser aquela maldita vizinha que passeava no elevador, esmurrei a porta e desci as escadas quase correndo, alcancei a calçada, furioso.

Precisava me acalmar se não enlouquecia.

A chuva torrencial que eu não previ por falta de atenção nos acontecimentos além do meu próprio umbigo, inundava a rua. A cegueira da raiva me conectou direto com a minha sombra. A não ser pelos raios que riscavam o horizonte, as nuvens pretas no céu e a falta de luz elétrica aumentavam a penumbra na minha frente.

Acelerei o passo pela calçada até não enxergar nem mais os raios no céu. Um pé em falso, o estrondo me apagou. Caí de costas e foi o último som que escutei. Tornei-me o próprio vazio da escuridão.

Não sei por quanto tempo permaneci inconsciente, só sei que abri os olhos e a luz do poste iluminava meu rosto. As nuvens cinzentas e ameaçadoras se acalmaram no céu. Não fosse pelo meu apagão, diria que tudo estava sob controle. Com meu olhar embaçado, avistei Joana à janela do apartamento.

Não foi difícil perceber que continuava no lugar da queda. Se a conhecesse bem, Joana chegaria em segundos para me socorrer, brigava, mas nunca deixava alguém desamparado.

Já que tudo aconteceu num piscar de olhos, se o elevador estivesse ocupado, ela desceria as escadas num lance só. Nunca esquecia a bolsa ou o telefone. Dito e feito, Joana chegou como um furacão, afastou as pessoas que se aglomeravam ao meu redor, e chamou a ambulância.

Se não fosse sem noção, a maior parte do tempo eu teria amado esta mulher.

— Por favor, afastem-se! Sou a esposa dele. — Joana chegou abrindo espaço com as mãos.

Discou o número da emergência.

— Alô! Uma ambulância, por favor, na rua...

— Senhora, acalme-se! O que aconteceu? — perguntou o atendente.

— Um acidente. Por favor, venha logo — respondeu, chorosa.

— Ele está desacordado? — perguntava o atendente tão alto que dava para ouvir.

— Sim, não, pode ser, estou confusa — choramingava Joana.

— Não mexa nele, estamos indo — recomendou o moço.

Para os paramédicos a ambulância demorou mais do que deveria, para Joana foi um tempo interminável. Para mim, que o tempo valia ouro, foi difícil esperar, logo eu que media as coisas por uma palavra, um olhar, um cenho franzido.

O tempo maior que dedicava a uma conversa, eram os dois minutos que escorria a areia na ampulheta. Agora, minha vida dependia do tempo dos outros, foi assustador.

— Senhora, deixe conosco, o trânsito não ajudou, mesmo com a sirene ligada demorou mais do que esperávamos.

Conseguia ouvir, contudo, mal raciocinava o que diziam, enquanto me colocavam na maca, Joana chorava. Foi constrangedor não poder falar. Eu devia estar muito mal, a ambulância saiu a mil por hora.

♥♥♥

O trajeto até o hospital não foi fácil, agitei-me o suficiente para alarmar a todos.

— Onde estou? O que aconteceu? O que estou fazendo na ambulância? — questionava sem parar.

Os paramédicos se entreolharam.

Joana colocou a mão no meu braço.

— Só podia ser você, já armou o teatro, agora se faz vítima. Parem a ambulância, — gritei. — Quero descer e de preferência nunca mais olhar para você, sua bruxa! Deve ter rogado uma praga, mas tudo isso é inútil.

— Por favor, não se agite — advertiu uma jovem de jaleco branco.

— Já disse, não foi nada — resmunguei.

— Senhor — disse a jovem —, precisamos avaliar se não for nada será liberado.

— Exagero! — Com as duas mãos tentei arrancar o colar cervical.

— Senhor, o colar cervical é necessário, procedimento padrão — respondeu outro paramédico.

— Isto aqui é maca ou um colchão de pedra? — gritei.

— É necessária, pois não sabemos de fato o seu estado — continuou o rapaz.

— Não vejo motivo para tanto, sinto-me bem. — Passei a mão na orelha e retirei com sangue entre os dedos. Silenciei por segundos, depois justifiquei: — Deve ser apenas um corte qualquer na orelha, por isso o sangue.

— Não se preocupe, já estamos chegando. — Sorriu outro rapaz sentado ao meu lado.

— Não estou preocupado, quero é sair daqui.

A ambulância estacionou no pátio do hospital, retirado às pressas pelos paramédicos e conduzido direto para a emergência, o caos para meu orgulho ferido.

Adentramos no hospital, a moça e os dois rapazes paramédicos empurravam a maca no ritmo de corrida.

Joana seguia perto a passos largos.

Na emergência tive o primeiro atendimento. À revelia de Joana solicitaram que ela aguardasse na sala de espera.

Reclamei de tudo, em criança e adolescente obedecia a meu pai, depois disso, trilhei um caminho independente.

— Parem! — esbravejei. — Vocês continuam a repetirem as mesmas perguntas da ambulância: nome, idade, o que aconteceu, se tenho alergias ou doenças prévias.

— Por favor, só responda o que sente?

— Vocês parecem telemarketing, disque um, disque dois. Odeio repetir tudo outra vez! — gritei com toda a força do meu pulmão. — Não sinto nada.

Alterei o máximo que pude o tom de voz, mas parecia que não surtia efeito. Continuavam com a mesma ladainha.

— Estou farto de tantas perguntas! Isso, sim, faz doer minha cabeça.

Depois do exame clínico, o plantonista relatou que o paciente apresentou otorragia, o sangramento do ouvido não era de nenhum ferimento.

Resmungava, dizia que não tinha dor, enfim tentava provar que estava bem.

— O que estão esperando para me liberar? — Continuava impaciente.

— Vamos fazer uma tomografia para descartar lesões internas — respondeu o jovem com delicadeza.

Não conseguia mais me manter acordado, entreguei-me ao cansaço e apaguei durante o exame. O mais estranho era que continuava a ouvir tudo o que diziam, mas não conseguia pronunciar uma palavra.

A voz da técnica soava longe, repetindo sem parar: acorde, acorde, acorde, Calisto.

Olhou minha pupila, percebeu que uma estava maior do que a outra. Chamou imediatamente o plantão da neurocirurgia.

— Como está o paciente? — perguntou a médica.

— Chegou agitado, mas adormeceu durante o exame de tomografia. Não foi sedado, aguardando a avaliação — respondeu a enfermeira.

— Fez bem, se sedar antes da avalição vamos perder o padrão neurológico. — argumentou a médica.

Não mexia meu corpo, mal respirava.

O plantão da neurocirurgia analisou as imagens das tomografias e pediu que eu fosse intubado. O médico da sala vermelha fez a intubação orotraqueal para melhorar a respiração. Continuei do jeito que estava, imóvel.

— Na tomografia, a coluna cervical está sem lesão, porém o crânio mostra um volumoso hematoma extradural associado à fratura da mastoide e do osso temporal, história clássica de evolução do paciente com hematoma extradural: acidente ou queda, paciente lúcido, começa com dor, agitação, entra em coma e morre. É o que chamamos de intervalo lúcido, o paciente está bem só porque não deu tempo do hematoma se formar — esclareceu a médica à equipe.

Tentei gritar que eu estava bem, mas a voz não saia.

— Sem dúvida é um caso clássico de cirurgia — concordou o colega do plantão. — Se não fizer, o hematoma tende a aumentar de volume até que cause o coma e a morte pelo aumento da pressão intracraniana.

— Podemos levar o paciente para sala cirúrgica? — perguntou a enfermeira.

— Sem perda de tempo — respondeu a médica.

Droga! Estou bem, não preciso ser operado. Por que ninguém me ouve?

No bloco cirúrgico, o anestesista enfiou um cateter no meu braço, a enfermeira cortou meu cabelo, marcou a incisão e lavou a área. A médica preparou a área da cirurgia para abrir a pele, afastou o músculo do osso e fez um furo, passou a serra de gigli, retirou o osso, drenou/aspirou o hematoma.

Sabia disso porque escutava tudo o que diziam.

Foi horrível, sentia-me num filme de terror, com os médicos falando o tempo todo. A médica dizia que eu me encontrava entre a vida e a morte. Comentavam entre si que estavam utilizando todos os recursos disponíveis para me salvar.

Em meio ao burburinho de médicos e enfermeiros, uma luz com tons azulados adentrou na sala. Enxerguei-me imóvel, se alguém me contasse não acreditaria. Os médicos pareciam não ligar, eu acreditava que não tinham a menor ideia do que acontecia comigo.

Seria prenúncio da minha morte?

Nunca acreditei em Deus, se voltasse eu repensaria meus conceitos sobre a vida após a morte.

— Olá? Alguém me ouve?

Tudo acontecia ao mesmo tempo em que os médicos me operavam. Meu outro eu, ou meu corpo sutil — ou fosse lá o que fosse —, pairava acima do meu corpo inerte na sala de cirurgia. Enquanto isso um senhor, um anjo talvez, de mais ou menos 1,80 m, igual a mim e ao meu pai chegou com voz gentil, dizendo que eu não tivesse medo, que estava ali para ajudar. De repente, eu estava de pé ao lado da cama junto dos médicos e enfermeiros.

— Incrível! Isso é magia, só podia ser.

O senhor me segurou pela mão e me transportou para fora do hospital, em seguida embarcamos numa ambulância rumo a um lindo arco-íris.

— Senhor, eu não morri! Não me leve, preciso ficar com os médicos, eles estão me operando. Sinal de que estou vivo! — gritava, mas nada de respostas.

A embarcação era translúcida parecia uma cápsula do tempo, os paramédicos com roupas brancas iguais astronautas, pareciam as pessoas do meu primeiro apagão, ou sonho; nunca investiguei o que foi aquilo que aconteceu comigo.

Era estranho, deitaram-me na maca e impuseram as mãos sobre minha cabeça. Uma tontura se apoderou de mim, meu corpo queimava, lembrava febre alta. O senhor que me socorreu disse ser por causa dos fluídos que emanavam das mãos deles.

— Socorro! Preciso de ajuda! Por favor! — A voz foi diminuindo até eu silenciar.

A viagem durou um piscar de olhos, a cápsula se conectou à base mãe no que parecia outra dimensão. Segundo os médicos daquele espaço, diziam que eu estava num ambulatório emergencial entre o Céu e a Terra.

Meus pensamentos eram respondidos com o olhar. Seria adivinhação ou no espaço teriam o dom de ler pensamentos?

— Sou Josué, sente-se bem?

Não respondi, ainda não compreendia o que acontecia. Teria morrido?

Depois de ser retirado da sala cirúrgica, os médicos continuavam com a tentativa de me salvar. Paralelo a isso, no hospital espiritual do plano invisível, acordava de uma anestesia, dormi por dias, horas ou minutos, não sabia. Mas, acreditava que ao acordar não tivesse noção do acontecido, o mais provável que fosse delírio.

Sentado à minha frente, o senhor que me trouxe para esse lugar fazia perguntas.

— Você sabe onde está?

— Não sei, diz você.

— Logo você mesmo vai se dar conta de onde está.

— Como, se não sei que lugar é esse?

— A sua essência que também é a essência de Deus mostrará o caminho a trilhar. Mas não pense que está no intelecto ou no conhecimento, ou ainda no material que adquiriu nos seus cinquenta anos, mas na consciência do autoconhecimento que o trouxe até aqui. Pense na sua vida e talvez encontre a lâmina afiada da consequência, mas antes de tudo, examine-se.

— Tudo isso é um teste? Terei tempo suficiente para retornar para meu corpo?

— Tudo depende de como você usou o livre-arbítrio, e o que está disponível para ser refeito. Quero dizer, ao seu alcance para completar seu caminho.

— Meu Deus! Nunca pensei na vida por este ângulo.

Josué me olhou e sorriu.

Capítulo 13

Luta íntima.

Conversa franca com o mundo invisível.

— Calisto! Você está pronto?

Olhei-me de cima a baixo.

— O que você quer dizer? — Apontei para mim.

— Desculpe, vou explicar. Está pronto para iniciar a jornada dentro de você? — perguntou Josué.

— Nunca ninguém me fez esta pergunta, mas desconfio que fui treinado para enfrentar qualquer coisa. — respondi sem entusiasmo.

— Calisto! Às vezes é preciso transcender a alma para entender a fragilidade do amor.

O que ele se referia era maior do que eu podia entender, porém meu raciocínio de CEO me dizia que não seria um passeio qualquer, mas uma volta pelo caminho que trilhei, entre altos e baixos me reconhecer no processo do que me tornei. Josué me mostrou uma enorme aglomeração de pessoas num pavilhão com telhado transparente em forma de pirâmide.

— Calisto! Olhe! — Apontou com a mão. — A passagem da vida após a morte do corpo físico. As pessoas que estamos vendo no grande salão, acompanhadas pelos seus mentores aguardam o transporte que os levará cada um para seu destino. Muitos, assim como você, ainda não assimilaram a transitoriedade da vida, enquanto outros, conscientes da travessia, aguardam tranquilos a condução para a nova morada. Contudo, cada um será esclarecido de acordo com a sua evolução — assegurou Josué.

Dei um salto da cama.

— O que está acontecendo? — Arqueei as sobrancelhas.

O choque da possível realidade fez com que minhas pernas ficassem bambas e eu quase desmoronei, sentei-me outra vez na cama.

— Sente-se bem, meu irmão?

— Como posso me sentir bem quando não sei em que lugar estou e o que está acontecendo comigo.

Com jeito de quem está tendo um terrível pesadelo, espichei meu olhar para observar melhor as pessoas.

O lugar de passagem que Josué apontou, segundo meu ponto de vista, era um espelho, no qual refletia a vida após a morte.

O grande salão lembrava um saguão de aeroporto, onde pessoas apressadas transitavam para todas as direções, a maioria sem saber qual a real situação de cada um.

Josué explicou que essas pessoas não viviam mais uma vida na Terra. Algumas caminhavam sonambúlicas, pareciam entregues à própria sorte. Porém todas, sem exceção, seriam transportadas para outra dimensão.

Acredito que a maioria não tinha a menor possibilidade de sequer imaginar o significado da transição da vida.

— Pare de me chamar de meu irmão, não tenho irmão — resmunguei com olhar inquieto.

— Aos olhos de Deus somos todos irmãos. — afirmou Josué.

A visão transparecia familiar, no que tangia a frase popular, somos todos irmãos.

O transporte translúcido assemelhava-se a uma nave gigante em forma da letra V invertida, uma pirâmide. A estrutura triangular transparente aguardava os passageiros pronta para enfrentar grandes tempestades. Com uma divisória no meio, de um lado passageiros conscientes, do outro, os que caminhavam sonambúlicos, orientados pelos seus mentores seguiam para seus destinos.

Desconhecido pela maioria e, o mais interessante, eles não viajariam juntos, cada um seguiria com seu mentor para o lugar adequado segundo o grau evolutivo. Significava que em algum momento a nave se dividiria e os dois grupos seguiriam direções diferentes.

Josué silenciou para que eu pudesse reflexionar sobre o contexto do processo transitório da vida. Imaginei, sendo eu uma pessoa importante, com certeza seria privilegiado, isso era o que eu imaginava.

Josué levantou a mão outra vez e a parede se fechou.

— Não se lembra de nada do que aconteceu com você?

Vistoriei o ambiente, as paredes do quarto eram brancas de ofuscar os olhos. Uma cama de solteiro com roupas brancas, uma mesa de cabeceira, em cima a ampulheta da mesa do meu escritório. Josué se encontrava sentado em uma cadeira simples de madeira. Olhei-me, vestia um pijama azul daqueles usados no hospital. Tremia de frio, os cabelos grudavam na testa, devia ser febre alta, penteei-os para trás com os dedos e outra vez tudo escureceu, desta vez apaguei.

Saí de cena por tempo indeterminado, ao acordar disse a primeira coisa que me veio à mente.

— Por que a minha ampulheta está aqui? — Arqueei as sobrancelhas.

— Por que a surpresa? Você não é o dono do tempo dos funcionários e da empresa?

Desconverso.

— Entendo que as pessoas no salão estão juntas até estarem prontas para seus destinos, e que não vão todas para o mesmo lugar. Quanto a mim, estou neste quarto de hospital, por quê? Não estou doente, estou ciente de minhas faculdades mentais, começo a me irritar. Que horas são? Cadê meu relógio? Minhas coisas? Que lugar é este?

— São muitas perguntas de uma só vez, você não concorda?

— Por favor, responda, por que estou neste lugar? Se não é um hospital psiquiátrico, é o quê então?

— Não se agite, logo saberá. Por ora, posso responder uma das perguntas. Diferentemente dos que estão no salão, você é o único que está na fase de transição. Ou seja, você tem duas opções, partir com eles ou retornar ao corpo físico. Ainda não está decidido.

— Quem decide? Vamos juntos resolver? — indaguei, enérgico.

— Aqui não funciona igual à sua empresa — respondeu Josué para meu desapontamento.

— Você não entende, preciso voltar para o escritório, tenho uma reunião com os acionistas.

— Eles podem esperar, esqueceu que seu corpo está entre a vida e a morte.

— Bem se vê que você não entende de negócios.

— Pode ser que não entenda dos seus negócios, mas compreendo o suficiente sobre as coisas que precisamos conversar. Quer ouvir o que tenho a dizer?

— Você, com esta fisionomia serena, deve ser uma daquelas pessoas irritantes que o mundo pode estar desabando e mantém a mania da gratidão — afirmei com voz alterada.

Josué sorriu, um sorriso acolhedor que me irritava ainda mais.

— Você dá sentido ao que faz e como faz? — perguntou ele.

— Por que você não responde o que eu pergunto? — insisti mais uma vez.

— Uma das coisas que aprendi por aqui, foi a não me preocupar com nada antes do tempo.

— Nisso você tem razão, os grandes negócios são consolidados com astúcia.

Josué se levantou, abriu uma janela na parede, aquilo foi surreal, justo eu que sou um excelente observador não percebi que a parede podia ser falsa, a visão era de uma montanha. Josué percebeu que não era a visão que queria mostrar e voltou a fechar a janela, no lugar surgiu uma enorme tela de cinema.

Perguntei-me, que tipo de magia ele usava.

Imaginei que fosse um filme espiritual como uma homenagem a minha pessoa, afinal sou bem-sucedido. Entre a cama e a enorme tela, surgiu duas poltronas que pareciam bem confortáveis, tive vontade de me sentar em uma delas, no entanto baixei a cabeça em silêncio.

Josué, meu mentor, como ele se intitulava, pareceu ler meu pensamento e gentilmente apontou para uma das poltronas. Saí da cama e me acomodei em uma delas, a anatomia integrou meu corpo como se tivesse sido feita para mim.

Assim que o filme iniciou, não demorei a entender que o enredo era sobre minha pessoa, nem de perto uma homenagem. Pareceu-me uma história de mau gosto e, pelo que sei, ninguém gosta de assistir o que fez de ruim, ou pelo menos não tão bom assim.

— Pronto para nossa conversa, Calisto? Para se reconstruir é preciso reconhecer o caos que se tornou sua vida, despir-se das camadas que o impedem de crescer com um propósito humanitário, encontrar dentro quem você é para evoluir com a espiritualidade redentora — assegurou Josué.

— Conversa? — contestei com voz ríspida.

— Não se preocupe, faremos pausas para que você possa entender os tropeços que trouxeram você até aqui — explicou o mentor.

Olhei para a ampulheta na mesa de cabeceira.

— Você é apegado à ampulheta, mas nunca procurou saber o que ela representa para você, além do amuleto do seu pai, simplesmente repetiu na sua vida o que não gostava nele.

Baixei a cabeça, incapaz de discordar.

— Minha atitude com a vida sempre foi mecânica, nunca me dei o trabalho de pensar sobre a transferência de atitudes do meu pai, que eu detestava.

Arqueei as sobrancelhas.

— Além do simbolismo que a ampulheta representa, temos como fio da meada a passagem do tempo, a mudança da matéria para o Espírito e vice-versa, e a transitoriedade da vida como fonte de compreensão. Quanto a você, tomou para si a ampulheta, manipulando-a como fonte de poder, dissimulou a raiva, repetindo o padrão do pai, o senhor do tempo — ponderou Josué.

Não tive como negar a influência do meu pai nas minhas atitudes.

— Meu pai media os afazeres dele com a ampulheta, dizia que não podemos desperdiçar o tempo, precisamos aproveitar cada segundo, pois a vida é preciosa — relatei com uma ponta de tristeza que apertou meu coração.

— Ele tinha razão quando dizia que a vida é preciosa, mas, às vezes, somos rigorosos no papel que assumimos. O rigor um dia se parte ao meio, ao contrário do bambu que se curva, mas não quebra — respondeu Josué.

Depois, fez um sinal afirmativo com a cabeça e continuou:

— Depende do que seu pai considerava precioso na vida, ser bem-sucedido nos negócios ou na própria evolução? Não responda, é para você refletir quanto a pensar por si próprio.

Silenciamos por alguns segundos, menos a minha mente que continuava agitada.

— Pronto para continuar? — perguntou Josué.

Nem precisaria mencionar que o conteúdo do filme era sobre alguns movimentos da minha vida, o que fiz ou deixei de fazer. Algumas coisas eu não lembrava mais, ainda assim o que escrevi na minha história ficou armazenado na nuvem da espiritualidade.

— Eu diria, no perispírito.

— O que é isso? — perguntei sem me animar.

— Onde ficam armazenados tudo sobre a vida do Ser — respondeu Josué.

— O entendimento de tudo isso é complexo, assustador.

— Comece a estudar — sugeriu Josué.

— Preciso de mais cinquenta anos na Terra para aprender sobre a vida além da vida.

No escritório era um ditador, no casamento uma pessoa amarga, com as namoradas um homem atencioso, contudo não durava mais que uma noite e não me preocupava em magoá-las. No apartamento onde ficava na maior parte do tempo livre, era um homem tranquilo adorava cozinhar e tocar violão e paparicar meu amigo Panthro, meu gato azul russo.

— Devido à complexidade do assunto, eu diria que precisa de muitas vidas. — Sorriu. — Não estou brincando. É melhor começar logo.

O filme recém começou e eu já me sentia desconfortável com o contato com minhas ações, repercussões e com as implicações das consequências. O peso da culpa pesava igual uma mala de pedras. A vida cobrava contas, e a única saída era reparar o mal que causei. O engrandecimento das coisas materiais, ser o melhor na empresa sem pensar nas implicações e sem enxergar as coisas simples da vida era a pior das minhas condenações.

O que fiz alterou meu equilíbrio. Percebi que as coisas materiais não curavam meu coração enfermo. Elas eram ótimas para viver confortável, o melhor mesmo era usar o dinheiro com moderação, mas principalmente contribuir para um mundo melhor.

Começava a me sentir incomodado. Como pude viver tão equivocado? Preferia não tomar conhecimento do que fiz ou deixei de fazer. Pelo que percebi, não tinha escolha. Não podia mais viver como alguém que se esconde atrás do coração de pedra, a máscara que usei para esconder minhas limitações não servia mais.

— Se não tem jeito, melhor continuar — afirmei, contrariado.

— Calisto! A nossa história representa o espelho da alma, como um livro onde podemos fazer várias edições, mas todas, inclusive os rascunhos, continuam a existir no registro perispiritual, não como um peso, mas como progresso da nossa existência imortal. Encontrar-se no passado é fator incondicional para entender a vida, para se autoconhecer.

Josué não apertou nenhum botão, e o filme outra vez se desligou.

♥♥♥

Não conseguia imaginar mais um dia de tormento. Exposto até pelos pensamentos, não projetava um retorno satisfatório para minha vida. Estava tudo acabado, sem aviso prévio.

Era um homem de postura rigorosa, ardiloso nos negócios, mas aqui não conseguia me impor, tudo era transparente. Aí de mim, curvava-me a minha própria história, sem a ilusão de que sairia daqui, e acreditar que tudo seria como antes, que não será. Vivia a maior das loucuras. Via-me além das entrelinhas, e as coisas que já tinha esquecido voltaram para me assombrar.

Entre as minhas indagações, percebi pontos escuros no meu corpo fluídico.

Identifiquei-os como sombras que nada mais eram do que resquícios da visão cega diante da espiritualidade. Enxergava estranhas feridas abertas, e percebia que seriam difíceis de curar. Ao me jogar de cabeça no mundo material, desenvolvi uma assombrosa deformação mental.

Diante de tal visão, congelei. Nunca experimentei culpa pelo que fazia ou deixava de fazer, sempre considerei meu papel no mundo dos negócios suficiente para permanecer onde estava, um homem temido, detestado talvez, mas culpa não existia no meu mundo.

Comigo sempre foi oito ou oitenta, não tinha meio-termo. Equilibrar minha dualidade não fazia parte do meu pensamento, nunca me envolvi com o modismo da época em que vivíamos, luz e sombra, razão e emoção, materialidade e espiritualidade. Na minha vida só existia começo e fim, nada mais, contudo nunca cogitei o fim. A surpresa foi descobrir que existia mais, muito mais, e a pergunta que mais me consumia era: o que fiz com a minha vida?

O mal estava feito, não dava para voltar no tempo.

Josué permanecia em silêncio, esquecia que ele escutava meus pensamentos, baixei a cabeça sem coragem para formular perguntas.

— Meu irmão, a sombra que acompanha você nada mais é do que seu eu distorcido da realidade. No que você pensa que se tornou, distorções da mente, por viver no mundo material das ideias, das ações rápidas para conquistar mais lucros para a empresa. Isso não é errado, mas é necessário encontrar o equilíbrio, para respeitar a humanidade que existe em si e no outro. Você não pode voltar atrás, equivocou-se ao se distanciar do mundo espiritual, da sua essência, mas nada se perdeu aí dentro.

Ele apontou para o meu coração.

— Entendi, preciso sair de trás da arrogância, para enxergar a minha essência a refletir no espelho da minha alma. Até que enfim, percebi que a rigidez é estúpida — respondi num fio de voz.

O homem rigoroso aos poucos se esvaziava.

— Não se julgue, a espiritualidade mais cedo ou mais tarde ajusta-nos no caminho do bem.

— Por favor, Josué, por mais que doa, sinto que preciso continuar a ver as burradas que fiz.

— Entendo a preocupação, a sombra se tornou poderosa, mas não mais do que nossa força de vontade para mudar — assegurou Josué.

— Uma coisa que apreendi é não deixar para depois minhas obrigações, talvez tenha exagerado um pouco — argumentei.

— Pouco ou muito a ação foi praticada — afiançou Josué. — O Universo cobra reparação.

— Agradeço o gesto de bondade, mas o tempo está correndo. Sinto que é urgente olhar o meu rastro para me reconhecer no caminho da nova oportunidade.

Desviei o olhar para a ampulheta em cima da mesa de cabeceira, depois voltei outra vez para a tela a minha frente.

— O que significa almas afins? — perguntei, mas não acreditei que pudesse ter respostas.

— Calisto, dizemos almas afins, todos que se unem numa trajetória de existências. Para a evolução de ambas ou para auxiliar outras pessoas.

— E se eu tiver ignorado, ainda posso encontrar?

— Sempre. A tomada de consciência diante da vida acontece quando se percebe, dentro e fora de si e, assim viver novas possibilidades.

— Retornemos ao hospital, dê-me a mão.

Assim que ele segurou minha mão fomos sugados para outro cenário, a sala de cirurgia do hospital da Terra, contudo, permaneci ao lado de Josué.

Olhei-me e não acreditei no que me tornei naquela cama, um farrapo humano, Josué permanecia em silêncio, e eu, de repente, lembrei-me do que aconteceu naquela noite.

— Após a briga com Joana, saí do edifício cego de raiva, alcancei a calçada como um jumento, juntou a cegueira da ira com a falta de luz na cidade, tropecei e caí como um saco de batata, bati com a cabeça no poste. Horas antes, saí do trabalho disposto a caminhar pela orla, espairecer e, horas depois, em frente o apartamento da Joana, me tornei um obstáculo para os pedestres. Estirado no meio fio, entre a calçada e a rua, mergulhei na escuridão. A pouca claridade que existia sumiu do meu campo de visão. Literalmente tudo ao meu redor foi tragado pela sombra.

— Aos poucos a memória traz os acontecimentos bons e não tão bons — respondeu Josué.

— Josué, pelo que enxergo na sala de cirurgia vai ser difícil voltar à vida, se é que já não morri, partir não pode ser a única solução.

— Existe uma alternativa, só depende de você.

— Pelo jeito é grave. Como posso sair desta situação? — questionei com o coração na mão.

— Calma, enquanto há vida, há esperança. Os médicos são bons, vamos acompanhar daqui. Está muito fraco e as idas e vindas entre um hospital e outro podem ser prejudiciais a sua recuperação.

O que acontecia comigo era surreal. Minha vida nunca foi fácil, depois que me casei piorou. Conversar em harmonia com Joana sugeria terapia diária, ou seja, impossível, éramos geniosos demais, mas tinha de admitir que ela foi supereficiente nas providências que teve de tomar. Seria uma bênção ou castigo?

— Calisto, castigo não existe aos olhos de Deus, o que existe são causas e consequências. — assegurou Josué.

— Ainda não assimilei que você escuta meus pensamentos.

— É hora de aceitar quem você é.

Capítulo 14

Não existe castigo, existe colheita.

Outra vez, observei-me, desta vez percebi com nitidez a cabeça raspada, a situação estava complicada. Por mais que Josué explicasse, não entendia por que me encontrava entre dois estágios da vida?

— Sucesso não é garantia de nada, Calisto, tudo depende de como nos movimentamos no mundo. Não existe castigo, existe colheita, causa e consequência. A alma tem um só destino: a evolução. Nas existências corpóreas, por vezes, abraçamos caminhos tortuosos e os pensamentos julgadores são serpentes cruéis a plainar sobre nossas cabeças.

— Sou cuidadoso, como foi acontecer esta tragédia comigo, Josué? — indaguei, não tentava mais esconder minhas fraquezas.

— Impaciência, irritabilidade, imprudência, arrogância, quer mais? — disse Josué com tristeza no tom de voz.

Baixei a cabeça. Como poderia entender o que estava além do meu olhar de executivo?

— Tenho uma posição na empresa, não posso simplesmente abandonar meu trabalho. Não sei o que fazer.

— Acha mesmo que você é insubstituível na empresa? Como já disse, você pode escolher, mas não pode demorar a se decidir. — Josué cruzou os braços.

— Mas como? Se estou um trapo humano na sala de cirurgia, entretanto, o esforço dos médicos demonstra que posso ter esperança?

— Tenha fé.

— Fé, eu? — Sorri. — Desculpe-me, não sei o que é fé, acredito em trabalho duro. Onde está Deus em tudo isso?

— Disse bem, Ele está em tudo, nas coisas visíveis e invisíveis, inclusive dentro de você. A intuição que tanto se fala, nada mais é do que a semente de Deus em nós. Esforce-se, ainda pode viver o suficiente para cumprir o propósito que sua vida espiritual está destinada nesta encarnação. Compare o tempo que lhe resta com um negócio importante, do qual depende a saúde financeira da empresa, se tiver sucesso recebe bônus — explicou Josué.

— O que diz! Fala por metáforas, meu trabalho até aqui não valeu de nada? — questionei com uma expressão de espanto.

— Calisto! Não se engane, tudo vai para a balança. Quantos de nós temos a oportunidade de retornar ao ponto de partida na mesma encarnação, recomeçar na sua idade é um privilégio — respondeu Josué com os olhos perdidos no horizonte.

Josué demonstrava que ele ainda tinha algo do passado para resolver, no entanto parecia resignado, consciente de uma oportunidade de resgate. No meu entender, estava diante de um homem sábio.

— Não despreze o presente, basta ter vontade para mudar o padrão de comportamento. No processo, aproveite a intensidade da prática de pequenos

atos cotidianos, para fortalecer o poder interno com as armas mágicas que surgir no meio do caminho. Como se ensina boas maneiras a um filho, pratique as boas ações — sugeriu Josué.

Respirava por aparelhos. Sobrevivi como um covarde, viver não vivi, desperdicei cinquenta anos com coisas que não pesam na balança da vida, ao contrário, atrasa o progresso espiritual.

— Não se lamente. No seu caso, as feridas no perispírito impedem a melhora do corpo físico. Se você decidir permanecer na Terra, entrará em coma por tempo indeterminado, até se restabelecer, mas seu Espírito ficará sob a minha proteção — disse Josué com carinho na voz.

— Entendi, depende da minha vontade, porém existe algo em mim que se recusa a morrer.

Josué me olhou de soslaio.

— Eu sei, você me explicou que a morte não existe, usamos como força de expressão. Entendi das nossas conversas, sair de um estado para outro seria morrer para reencarnar. Não é assim?

— A matéria perece, a alma é imortal. Por isso, enquanto estiver ligado aos corpos sutis, você poderá voltar à vida física, tudo depende da sua decisão. Contudo, se voltar precisa mudar sua maneira de viver, conquistar estabilidade e generosidade, do contrário, agravará sua estadia na Terra. Se optar por desencarnar, perderá a grande oportunidade que a espiritualidade oferece a você. Olhe-se, tem dois minutos para decidir — informou Josué.

— Dois minutos era todo o tempo que despendia aos meus funcionários. Vivi no comando, sem contar que ser cruel com eles aliviava minha dor, mas o que eu ainda não sabia era que aumentava meus débitos. Convenhamos, dois minutos com a ampulheta era perturbador, podia ver a angústia nos olhos deles. Muitos não diziam nem a metade do que pretendiam.

Ironia do destino, dois minutos, escorria pela areia meu tempo para tomar a decisão mais difícil da minha vida.

— Por favor, Josué, ajude-me!

— Uma única palavra você pode resumir tudo.

Olhei mais uma vez para meu estado lastimável, os médicos não mediam esforços para me salvar, mas o monitor cardíaco mostrava um coração fraco.

— Estamos perdendo o paciente — disse a neurocirurgiã.

— Não aguentará por muito tempo, se você quiser voltar à vida, precisa aceitar que terá de mudar radicalmente — alertou Josué.

— Entre o conhecido e o desconhecido, prefiro recomeçar com os benefícios que já conquistei. Não consigo resumir numa palavra, o que sei é que preciso reconhecer os atributos de Deus em mim. Distanciar-me da hipocrisia do mal que o poder causa. Minha arrogância me afastou das coisas essenciais da vida, quero viver as pequenas coisas do cotidiano.

Minhas palavras foram sinceras.

— Reconhecer Deus em você é uma boa decisão, mas torno a dizer que sua vida não será mais a mesma. Terá que mudar radicalmente — Josué advertiu mais uma vez.

— Entendi cada detalhe da nossa conversa e percebi o quanto a estupidez me tornou pequeno. A espiritualidade é o ponto central do porquê vivemos. Acredito agora que não viemos para consertar o mundo, a natureza se transforma segundo a necessidade do lugar, já nós, somos o cisco no próprio olho. Aprender para compreender, aceitar para se modificar o que está além da vida. Minha vontade é minha força — afirmei, decidido.

— A poeira do tempo esconde o rastro, mas a pedra bruta está sempre a espera para ser lapidada — esclareceu Josué.

— Durante o tempo que permanecer em coma no hospital, sob os cuidados dos médicos, e a orientação do nosso mestre Jesus, o médico das almas, e sob minha proteção, nossas conversas renderão frutos e você terá a oportunidade para pensar melhor nas suas atitudes.

Um bipe agudo e os batimentos cardíacos entraram numa linha horizontal.

— O paciente pode entrar em coma, se viver será com Deus — continuou a médica.

— Você foi sincero, Deus talvez considere sua decisão.

— Josué! Posso fazer uma pergunta?

— O que preocupa você, meu irmão?

— É sobre meus pais, gostaria de saber por que sempre me senti rejeitado por eles, mas do jeito deles, sei que me amaram. Essa sensação vem da infância e me acompanhou na vida adulta. Da angústia que corrói meu coração, os maus-tratos do meu pai foram os maiores obstáculos que impediram de eu ser quem eu poderia ser.

Josué tocou com suavidade meu ombro.

— Confesso que já esperava por esta pergunta e tenho a permissão dos benfeitores para esclarecer.

— Como assim?

— Vou direto ao ponto, como você foi com seus funcionários?

Baixei a cabeça, coisa que nunca foi do meu feitio admitir que estivesse equivocado, pedir favor, palavra que não existia em meu vocabulário.

— Eu sei que fui cruel na maioria das vezes com todos, e sei que preciso mudar, mas não vai ser tarefa fácil.

Josué sorriu.

— Pois bem, seus pais ainda jovens, sua mãe engravidou de você. Judite achava que não tinha condições de criar o bebê, por outro lado ela sempre desejou ser mãe. Atrelada ao dilema, entristeceu, logo adoeceu e o bebê não vingou. O acontecido agravou ainda mais a tristeza que ela nutria, associada à culpa se fechou para o mundo. Ainda assim, nos exatos dois anos, outra vez ela engravidou. Sentiu-se feliz, mas a gravidez era de risco, precisou permanecer na cama durante os nove meses, nunca reclamou. Seu pai já não desejava mais ter filho o que tornou fácil a rigidez. Você carregou consigo a dor, no inconsciente culpava seus pais por não ter sobrevivido na primeira gravidez.

— Passei a vida com a sensação de rejeição.

— Gostaria que entendesse que as respostas são mais complexas do que imaginamos. Sem perdão não há evolução. Quando vêm sentimentos destrutivos, perdoe-se, quando pensar neles, perdoa.

— Como posso perdoar?

— Entendo seu sentimento, você traz gravado no perispírito a sensação de rejeição. Aguarde, o tempo cura as feridas.

— Entendi o medo de rejeição dos meus pais, mas quanto à minha mulher?

— Joana engravidou sem sua concordância, esta atitude mexeu com as memórias do passado, rejeitá-la não foi difícil.

Corri a mão nos cabelos grisalhos. Eu passei a vida a repetir padrões dos meus pais.

— Ela engravidou para se casar, por isso nunca a perdoei.

— Pensou assim, porque era o mais lógico para você — disse o benfeitor.

— Minha filha, sofreu danos colaterais? — perguntei.

— Sim e não, quando estiveres preparado poderei responder —explicou Josué.

— Só mais uma pergunta. Aurora é filha de Joana?

— Ainda não posso responder. No tempo certo você desvendará a dúvida que paira sobre sua cabeça. Todos nós cometemos delitos, em algum ponto da nossa existência, dos quais não nos orgulhamos, mas em algum momento todos, sem exceção, precisamos reparar o mal.

— Quer dizer que nada escapa aos olhos de Deus?

Ele demorou a responder, fez sinal para deixarmos a sala de cirurgia.

— Ele tudo vê. Pense bem no que você deseja, decisões têm efeitos negativos e positivos. Minha resposta ainda é singela, meu alcance nos estudos ainda é precário — disse Josué.

— Pensei que sendo você o meu mentor como diz ser, já soubesse de tudo o que acontece aqui e do outro lado da vida — comentei com apreensão.

— Não é porque estou aqui do outro lado da vida que sei tudo, estou longe disso, ainda estou no processo de aprendizado. Por aqui, o tempo não é relevante pode demorar ou não — retrucou Josué.

— Agora entendo, descontruir padrões de uma vida, não deve ser fácil.

— Vamos ver outros pacientes.

Seguimos pelo corredor, Josué mostrava pessoas sedadas, outras em coma com a alma presa a matéria ligada por padrões de pensamentos destrutivos.

♥♥♥

No final dos dois minutos, adentramos mais uma vez no bloco cirúrgico.

— Continuamos a perder o paciente — disse a neurocirurgiã.

O médico da equipe espiritual que auxiliava os médicos a manter minha vida avisou Josué que era a hora da decisão.

— Sim! Aceito continuar na vida terrena, não viver a vida de antes, sim, a que eu vou construir. Prometo me esforçar para ser uma pessoa melhor, pena que não posso pedir perdão aos meus pais; eles desencarnaram num acidente de carro por minha culpa — contei com lágrimas nos olhos.

— Quer falar sobre isso? — perguntou Josué.

— Um dia eles foram me visitar e tentaram me dar conselhos sobre meu casamento. Brigamos e eles saíram muito tristes da minha casa, em uma curva meu pai perdeu o controle da direção capotando várias vezes. Morreram na hora.

— E se eu disser que você não teve culpa, seu pai dirigia com segurança, o carro que vinha no sentido contrário cortou a frente dele, ele tentou desviar por isso capotou.

— Mas nunca soubemos de outro carro, sempre disseram que ele se perdeu sozinho.

— O outro carro fugiu sem deixar vestígios.

— Se existe outras vidas, para onde meus pais foram?

— Seu pai, aqui perto, já sua mãe tem uma missão muito importante. Judite integra um grupo de auxílio aos doentes nos hospitais terreno.

— Posso vê-los? — Olhei para Josué juntando as sobrancelhas.

— Tudo ao seu tempo — assegurou Josué.

Tinha ternura em seus olhos.

— Queria conversar com eles, redimir-me dos meus atos.

— Na oração você poderá se conectar.

— Não sei fazer isso — justifiquei.

— Pense neles com carinho, já é um começo.

Olhei para Josué com expressão de arrependimento.

— Lembre-se, estarei sempre com você. — Josué sorriu.

— Confio em você — admiti.

— Conte sempre comigo — afiançou Josué.

Na sala de cirurgia, a luta dos médicos continuava.

Josué colocou a mão no meu ombro. Paralisei.

— Coragem, meu irmão, você precisa se unir ao corpo, os médicos precisam de você. Não tenha medo, logo continuaremos nossa conversa.

— Escolho tentar. Sei que é o caminho do meio, mas no momento é o que posso prometer.

A palavra foi como um imã, que me sugou para meu corpo físico, os batimentos cardíacos regularizaram.

— Ele voltou. Graças a Deus! — concluiu a neurocirurgiã.

A médica identificou o sangramento vindo do ramo da artéria meníngea, coagulou o vaso, colocou hemostáticos da borda, ancorou a dura-máter, recolocou o osso e fixou com fio, colocou dreno no espaço, fechou o músculo, subcutâneo, pele, por fim, curativo cirúrgico.

— Veja, doutora! Uma lágrima — disse a enfermeira.

— Bom sinal! — respondeu a médica. — Ele decidiu viver, mas ainda não sabemos por quanto tempo ficará em coma ou se viverá. Podem levar o paciente para CTI, agora é torcer por ele.

Segundo a equipe médica espiritual, eu ficaria em coma no hospital terreno por tempo indeterminado, para a espiritualidade, até eu ter consciência do mal que causei, e amadurecido com a ideia de mudar minhas atitudes.

Capítulo 15

O caminho do meio é o elo entre a vida e a morte.

Abri os olhos, ainda sentia resquícios da sedação.

— Onde estou, Josué? — perguntei, sonolento.

— Como prometi, estou ao seu lado velando por você até sua completa recuperação — respondeu Josué.

— Não entendo, morri ou não?

— A cirurgia foi um sucesso, mas você está em coma.

— Entendi que eu podia escolher!

— Escolheu bem, já deu o primeiro passo, sobreviveu à cirurgia, contudo ainda depende de você.

— Continuo sem entender.

— Como você mesmo já percebeu, os registros negativos precisam ser curados para você sair do coma.

— E o que posso fazer?

— Aceitar que toda a vida na Terra é importante tanto quanto a sua. Mas como já disse, um dia você entenderá.

— Sinto-me cansado.

— Tome a sopa que preparei para você, vai lhe fazer bem.

Depois de tomar toda a sopa, fechei os olhos devagarinho.

— Agora dorme, descanse, meu irmão.

Durante a noite tive um sono tranquilo graças a sopa que Josué me deu para tomar. Não sei o que tinha, só sei que apaguei. Enquanto meu Espírito permanecia sob a guarda de Josué, meu corpo em coma era cuidado pelos médicos e enfermeiros do hospital onde fui operado.

♥♥♥

No outro dia bem cedo, acordei mais calmo.

— Dormiu bem? Trouxe um chá. — Sorriu Josué.

— Ontem você me deu uma sopa. Não sei o que tinha, mas devia ter um calmante, porque apaguei.

Josué sorriu.

— Não foi mérito meu. Judite esteve aqui.

— Minha mãe?!

— Sua mãe auxilia nos cuidados — disse Josué.

— Por que não a vejo?

— Porque ainda não é hora — respondeu Josué. — Você está preparado para a nossa viagem à colônia espiritual transitória, para o fortalecimento do aprendizado?

— Sinto-me, mais jovem.

Ele sorriu.

♥♥♥

Josué e eu saímos do hospital onde me encontrava em coma, embarcamos no veículo translúcido rumo à colônia espiritual transitória. Chegamos ao meu aposento, convidou-me a sentar na poltrona com o encosto magnífico.

— A câmara já está pronta para reiniciar o filme, veremos somente o que for importante para incorporar à nova vida — explicou Josué.

— Então temos muito que assistir e conversar. Entendo do meu trabalho, mas de outras vidas não entendo nada. Enquanto isso, vou permanecer em coma?

Ele não respondeu, em silêncio assistimos mais um capítulo da minha história.

Assim que terminou o episódio, ele acenou como se a mão fosse um controle remoto. A janela se abriu e no mesmo instante a tela que passava o filme da minha vida desapareceu e deu espaço a uma linda paisagem composta de campos e montanhas. A mesma que vi quando me sentei em frente pela primeira vez. Era de um verde brilhante, tamanha beleza trazia paz no coração.

— Vou explicar o pouco do que aprendi por aqui.

Ajeitei-me na poltrona, cruzei as mãos, apoiando-as no colo, e fixei o olhar na linda paisagem lá fora. De algum jeito Josué lembrava meu pai, às vezes, a voz soava estranha, encará-lo dava arrepios.

— Meu irmão, a reencarnação é uma bênção, contudo as sementes do passado estão intrínsecas na memória perispiritual, nas quais, carregamos

na bagagem fixas como feridas abertas que só cicatrizam com a reparação. Escritos com o tinteiro das reencarnações, não se apagam com o tempo, podemos atenuar ou agravar, mas permanecerá para sempre no livro da nossa história — disse Josué.

Com outro aceno de mão, fechou a janela da linda paisagem e no lugar surgiu outra vez o filme da minha vida, desta vez trazia imagens do hospital que eu estava mantido em cativeiro pelo coma. Observei ao lado da minha cama uma senhora com roupa brilhante que flutuava por entre as macas dos enfermos.

— Gente! Já tomaram o chá de alecrim. — A mulher bateu palmas, como se pedisse agilidade. — Quero amor circulando, muito amor.

Virou-se para a mulher escorada na porta com um vestido de flores amarelas, na cabeça uma coroa de folhas.

A voz que se ouvia era doce, mas firme.

— O que está fazendo escorada na porta? O tempo urge, busque sapatinhos de esperança e calce em todos eles.

A moça ficou ereta, saiu da posição de espectadora para atuar junto aos necessitados.

— Eles são fresquinhos, os pés vão ficar gelados — respondeu a moça, como se estivesse constrangida por ainda não ter feito nada.

— Traz esperança. Vamos, rápido! — Bateu palmas. — Eles precisam voltar para os familiares.

— Pode deixar, num piscar de olhos estou de volta — respondeu e se virou.

A moça saiu como um vento para buscar os sapatinhos. Quando retornou cobriu os pés dos enfermos, inclusive os meus com seus sapatinhos mágicos de folhas frescas.

— A vida vai respirar melhor com a nossa mãe Terra — disse a moça com brilho nos olhos.

— Bom trabalho, guardiã da floresta! — elogiou a senhora com roupas brilhantes.

— Josué! No meu caso, o retorno à vida é trabalho de formiguinha, não é? — perguntei com os olhos marejados.

— O tempo necessário, lembrando que o tempo de Deus não é o nosso tempo — respondeu Josué.

— Quer dizer que aos poucos alguns, inclusive eu, conseguiremos retornar às nossas atividades? E aqueles que não conseguirem?

Observava meu corpo imóvel na cama, em meio a jovens, e velhos de todas as idades na mesma posição que eu; quero dizer, em coma. Era muito triste, percebi que a maioria não lutava mais pela vida.

Cada vez que me observava entre a vida e a morte, o choque era inevitável.

Do lado direito uma médica estava pronta para aplicar uma injeção no meu braço pelo cateter sem demonstrar sentimentos, como se eu fosse um boneco. Pelo tremor das mãos dela, conclui que algo estava errado. Muito errado.

A senhora, a mesma que vi a pouco circulando pelas camas, vestida de roupa branca translúcida com brilhos em tons azulados e olhar de preocupação se aproximou da médica e cochichou ao ouvido, ela arregalou os olhos como os de alguém que saiu de um sono profundo.

— A médica passou por dois plantões, são horas a fio sem descanso, se por dinheiro não cabe a nós julgar, ela está fazendo o melhor que pode — disse Josué.

— Ela poderia ter me matado, não fosse o anjo vestido de mulher.

— Por isso estamos aqui. Percebeu, nada escapa aos olhos de Deus — assegurou Josué.

Quando disse anjo, pensei na minha mãe.

— Ela é minha mãe, Josué?

— Sim. É sua mãe.

A médica arregalou os olhos, olhou o meu prontuário, a injeção não era para mim, se aplicasse no meu braço, eu não teria uma segunda chance. Assustada, saiu a passos largos.

Respirava com oxigênio, mas enxergar o que acontecia ao meu redor no meu ponto de vista era extraordinário. O mais estranho era escutar a conversa dos médicos e enfermeiros e ao mesmo tempo, dos auxiliares do outro plano. Na divisão, tudo se completava.

— Estranho que ainda questiona o que acontece além do corpo físico — disse Josué.

— Josué, sei que lê meus pensamentos, mas pode me explicar?

— Preste atenção, Calisto, e entenderá — respondeu Josué.

A senhora de branco com azul brilhante olhou para mim e uma tontura ofuscou a visão.

Aqueles olhos que eu conhecia tão bem atravessaram minha alma.

Ela movimentou os lábios como se quisesse falar comigo, a imagem belíssima se tratava de minha mãe. Do outro lado da cama, um senhor, com aparência de meu pai, aproximou-se, deu um beijo na minha testa e acariciou minha face.

Congelei, não sei se de raiva ou de emoção. Era difícil acreditar que pudesse ver almas de outro mundo. Das duas uma, ou eu tinha morrido ou tudo aquilo era um sonho sem fim. Fosse o que fosse, eu continuava preso entre a vida e a morte, o mais interessante era que convivia com um pesadelo interminável.

— Calisto, não duvide do que já conversamos, você está vivo nos dois planos — interveio Josué nos meus pensamentos.

A senhora com a aparência da minha mãe se aproximou de mim.

— Meu filho, a morte não existe, mas isso já não é mais segredo para você. Confie em Josué. — disse-me ela.

O perfume era idêntico ao que minha mãe usava.

Queria falar com a senhora de branco com azul brilhante, mas estava entorpecido pela beleza que a voz não saiu. Como mágica, ela me abraçou, a emoção tomou conta de mim.

— Não tenha medo estou cuidando de você.

Os aparelhos dispararam.

♥♥♥

O filme mudava de cena, desta vez não o reconhecia dentro das minhas lembranças.

Encontrava-me dentro de um avião que voava em direção à França, de repente ouvi um estouro e tudo escureceu.

Ora me encontrava no hospital em coma, ora caminhava entre mortos do avião.

Preso numa cama de hospital, agonizava entre o passado e o presente, nos dois a dor era constante, com a diferença que no hospital me recuperava, já nos destroços do avião o socorro não chegava. Só restava a morte, apaguei.

Quando dei por mim, a alma se afastava sabiamente, enquanto meu corpo tecia a luta mais árdua da minha existência. Os médicos lutavam para que eu saísse do coma. Eu lutava para entender o que acontecia. Médicos e enfermeiros me observavam imóvel na cama de UTI, ligado a fios e monitores que faziam vários sons. Da minha boca saía um enorme cano ligado ao tubo de oxigênio.

Josué me observava, calado, enquanto eu cada vez mais atordoado caminhava de um lado a outro.

— Por favor, não se agite! — suplicou Josué. — Eu estava lá com você e continuo aqui com você, não desista.

Eu me encontrava dentro de uma cena horrível de um passado distante, não era fácil sentir tudo outra vez. Reviver os acontecimentos, dos quais na época julgava ser um pesadelo, agora era intenso, bem real. Contudo, a vida era tecida por mistérios que não ousamos mensurar. Ou me encontrava no inferno ou a loucura me atacava por inteiro. Talvez, as duas coisas.

Josué continuava, quieto, mas compadecido. Ouvia meus pensamentos e, para meu alento, em tom amoroso outra vez se pronunciou:

— Calisto, entendo a confusão mental. Você carregou por muito tempo a dor sem reconhecer de onde vinha. Às vezes, é preciso mergulhar no escuro para encontrar a luz. A conexão com o passado foi necessária para encontrar a cura dentro de você, mergulhar fundo para reconhecer que viver é um processo de acertos e desacertos. No entanto, quando disposto a cumprir sem reclamar os desígnios de Deus, o fardo é menos pesado.

Olhei para Josué com os olhos marejados, mas não menos apreensivo.

— A consciência, é uma conta que não se apaga, permanece quieta até o gatilho ser acionado e tudo vir à tona igual uma avalanche. — resmunguei.

Entendia que seria sempre um pesadelo revivermos os acontecimentos infelizes, dos quais não nos orgulhamos; como fugir pelado num campo de espinhos. Ter noção das minúcias era dolorido.

Baixei a cabeça.

Um cordão fedido em forma de cipó, daqueles representados em filmes de terror, agarrou o que restava de mim. Sem tempo para me defender, fui sugado para dentro de um ambiente pior do que estava, quando dei por mim, caminhava entre os destroços do avião que acabara de cair. Perguntava-me como fui parar ali, se evitava aviões. Voava só por necessidade, com certeza não fazia sentido estar entre várias pessoas mutiladas numa floresta em meio do nada. Foi então que uma lâmpada se acendeu, naquela época era tempo de guerra, eu era o piloto, fazia sentido eu não gostar de voar. Transportava passageiros em fuga de um país a outro, quando o avião foi abatido.

Pressenti que eu não era o mocinho.

— Enxergar o passado é reviver outra vez a dor, mas é necessário, você consegue. — disse Josué.

Josué continuava sereno, enquanto eu amargava, punido pelos espinhos da dor.

Pessoas mutiladas gritavam por socorro, braços arrancados para todo lado, pernas quebradas com ossos expostos e muitos mortos. O clarão de fogo em vários pontos dos destroços amenizava a escuridão.

Do outro lado dos destroços enxerguei uma das turbinas do avião ainda em chamas. Digo ainda, porque não tinha noção do tempo, eu diria que pelo fogo tudo aconteceu recentemente, contudo o cheiro indicava muito tempo. Com a claridade do fogo dava para enxergar malas por todo o lado.

Naquele teatro de horror eu não me identificava.

Falei a Josué:

— Na ocasião, você me resgatou dos escombros?

O avião caiu no meio da mata, as pessoas se arrastavam, outras sem braços caminhavam como zumbis em meio à escuridão. Notei pelas roupas dos sobreviventes que estávamos em outra época. Comecei a procurar pistas que respondesse as minhas indagações. Foi então que ouvi um estouro, um pedaço do avião caiu perto dos meus pés, cheguei mais perto, mas não dava para ler os escritos chamuscados pelo fogo.

Josué escutava como se tivesse todo o tempo do mundo, apontou para a tela.

— Presta atenção numa jovem, perto da roda do avião.

Fixei meu olhar onde ele pediu, a jovem gritava por socorro, mas eu só pensava em mim, não a socorri.

— Na época, você não a auxiliou, mas nesta vida terá nova oportunidade, ela precisa de ajuda. Quando se encontrarem, e se estiver despido do orgulho, da arrogância que agora possui, você a reconhecerá como alguém que merece sua atenção, ela pode ser a luz na sombra que você projetou durante sua vida — esclareceu Josué.

Sentia-me aliviado pela oportunidade para reparar meus desacertos, por outro lado, a angústia ainda me consumia. Conseguiria? Teria alguma lembrança da conversa?

— Vou me lembrar de tudo que aconteceu entre nós no passado? — perguntei arqueando as sobrancelhas, como se ele já não soubesse o que eu pensava.

— Foi permitido vivenciar o episódio porque faz parte da oportunidade para resgatar o lado espiritual que você se distanciou. Seria mais ou menos como tirar a venda dos olhos da alma para enxergar a essência dentro de si, compreender o outro a partir de si mesmo. Quando sair do coma, não se lembrará de nada, mas terá flashes do que for importante.

— Será que vou reconhecer a jovem que precisa de ajuda? Nunca tentei me modificar, fui coração de pedra quase o tempo todo, para muitos que se relacionavam comigo, principalmente meus funcionários. Como já mencionei, escolhi o caminho do meio, não para permanecer entre o céu e a Terra como estou agora, mas para me esforçar, enfim controlar emoções exige disciplina, paciência e coragem. Quando sair do hospital, vou estabelecer uma rotina diária de cuidados comigo mesmo. Isso eu prometo.

— Tenho esperança de que você vai conseguir, a bondade intrínseca dentro de você está aguardando a tomada de consciência. O resto é só praticar o bem que vai chegar até a jovem.

A paciência é uma virtude que preciso praticar muito. Nunca tive tolerância com meus subordinados e Josué possui de sobra comigo. Envergonhei-me.

— Minha missão é cuidar de você — respondeu Josué.

— Como um pai cuida do filho? — perguntei, aliviado.

— Mais ou menos. Um pai direciona o filho, principalmente até ele ter condições de se posicionar na vida. Enquanto eu, seu mentor, não posso escolher por você o que é melhor, nem interferir nos seus atos. Você tem o livre-arbítrio. Se pedir ajuda posso orientar, mas você decide. Dizem alguns, que os mentores são anjos que Deus colocou no caminho para auxiliar o tutelado. Em parte, é verdade, contudo estamos longe de sermos anjos. Digo por mim, ainda tenho muito que aprender para merecer este título.

Olhei para Josué como se perguntasse: o que sobra para mim?

— Preste atenção no filme, por favor! — solicitou Josué.

Uma das turbinas do avião ainda estava em chamas e o fogo cobria a jovem. Vi como se debatia e o olhar que me dirigiu era de súplica. Era um teatro de horror, do qual eu fazia parte.

De repente, vem a lembrança da casa de meus pais. Aos domingos eu não podia sair para brincar se não participasse do evangelho, mais tarde, já adulto e com o acidente deles a espiritualidade deixou de fazer sentido na minha vida.

— Se quiser, podemos falar sobre este assunto.

— Uma coisa de cada vez. Acho que ainda não estou pronto para desenrolar este novelo. — Desviei o olhar.

— Você quem sabe — replicou Josué.

Cada cena do filme era uma surpresa de arrepiar os cabelos. Naquele horror que vivi em outra vida, escutava a minha voz rezando o "Pai-Nosso". Como não tinha noção de tempo e não saberia confirmar o período que permaneci naquele lugar, que vou chamar de "Umbral", circulava sem trégua entre pessoas cambaleantes como zumbis. Não aguentava mais o cheiro forte de podridão, devia ser de sangue espalhado por todos os lados. Rezava, rezava e rezava um "Pai-Nosso" atrás do outro. Entre, destroços do avião, malas e gemidos, não pensava em nada, só recitava a única oração que vinha à mente.

O filme pausou.

— Não sou uma pessoa religiosa, pelo contrário, não tenho fé, não rezava, enfim, não acreditava em Deus, mas naquele lugar rezava sem parar. Por que Josué, bancamos o santo quando estamos em apuros? — perguntei.

— Entendo — observou Josué.

— Quero voltar a rezar.

Josué desconversou.

— Antes de encerrar nossa conversa, gostaria de saber o que você fez para estimular os funcionários. Digo, enxergar suas potencialidades? — perguntou Josué.

Não tinha o que responder, nunca fiz nem um nem outro.

— Você entende que não estimular a criatividade dos seus subordinados, acrescido a seus excessos de cobrança, que você mesmo disse que fez, eles criaram uma barreira mental por medo da demissão? Por isso, tinham bloqueio para pensar por si mesmos. — Josué cruzou os braços.

— Por que isso agora? — inquiri.

— Um lembrete da nossa conversa. Por minha vez, considero um processo vital estimular você a reconhecer o passado para viver o seu papel na Humanidade.

— Entendo o que você quer dizer, o medo desestimula qualquer um, por isso meus funcionários não se arriscavam, não opinavam. Eles tinham razão, sempre tive prazer em manipulá-los — confessei com aperto no coração.

— Por conta do orgulho, querer tudo a todo custo, sem pensar no próximo, os monstros manipuladores se apresentam como lâminas afiadas. É preciso resistir com vontade, persistência com olhar na espiritualidade.

Sentia-me sonolento.

— Permite-me uma sugestão? — perguntou Josué.

Observei-o com respeito.

— Quando acordar do coma, o presente da sua filha, a caixinha de joias será de grande auxílio. E como você ainda não sabe o que fazer com ela, sugiro bilhetes vermelhos para você.

— Bilhetes? — complementei. — A ideia é interessante, mas qual a finalidade.

Lembrei da Aurora.

— *Um dia você vai encontrar utilidade, talvez mais cedo do que você imagina. Vou dar uma dica, coloque tesouros, aqueles que não se pode comprar nem com dinheiro, nem com autoridades* — ela assegurou, como se soubesse do que falava.

— Os bilhetes vermelhos vão servir de instrumento para você manter firme a vontade de aplicar bem suas ações com equilíbrio. Ao contrário dos bilhetes vermelhos nas pastas dos funcionários, que serviam para demiti-los sem consideração nem compaixão.

Quando a morte assovia ao ouvido precisamos rever as ações para refazer o caminho no bem, mergulhei no que o mentor me dizia.

As palavras da minha filha ressoavam aos meus ouvidos:" *Coloque tesouros, aqueles que não se pode comprar nem com dinheiro, nem com autoridades".*

— Sua filha tinha razão, os tesouros são as boas ações.

— Sou um livro aberto sem segredos.

— Para a espiritualidade não temos segredos, queiramos ou não. Mas não estou me aproveitando disso, vou explicar melhor sobre os bilhetes. —

Sorriu. — Eles podem auxiliar você a praticar a reforma íntima entre as coisas simples. Explorar a sombra permite que você encontre a luz. Divida a caixa em três partes, numa parte coloque os bilhetes do aprendizado de uma vida, na outra parte coloque os bilhetes das ações positivas e na outra parte os bilhetes das ações negativas.

Visualizei as pastas dos funcionários com bilhetes vermelhos.

— Logo perceberá do que você precisa para alinhar o processo de reconstrução — disse ele.

— Seria uma forma de rever meus padrões, utilizando meu próprio aprendizado? — perguntei apertando os lábios.

— Quando começar a praticar vai entender — explicou Josué.

— Durante minha vida o aprendizado se tornou um campo de bilhetes espalhados sem proveito para a minha evolução. Sempre tive o pensamento em alinhar meu conhecimento, guardar o que serve e retirar o que não serve mais, perceber o que faz sentido.

— Estarei sempre torcendo para dar certo. — Sorriu.

— Não vou me lembrar das nossas conversas? — perguntei juntando as sobrancelhas como uma criança.

— O processo de mudança começou com sua queda na calçada, se intensificou no coma, mas a prova maior será após a saída do hospital. Estarei por perto, mas será sempre você que terá de tomar as decisões. Contudo, a fé plantada no seu coração prevalecerá e a vontade de mudar será seu cajado. Se não desanimar, vencerá. Sentirá que este período no hospital é uma bênção de Deus, terá a oportunidade na prática, o que já assimilou em pensamentos se firmará em suas ações.

Movendo as mãos, como sinal para que eu me acalmasse, finalizou:

— Agora relaxe, você tem tudo do que precisa para estagiar na sua nova experiência, mas advirto, não será fácil recomeçar.

Continuava imóvel na cama do hospital, cheio de fios por todos os lados. Entrei devagarinho na minha morada física, como alguém que chega tarde da noite e entra em casa pé ante pé para não acordar ninguém.

Capítulo 16

Quando a dor me abraçou por inteiro, partir não era a solução.

Não sei quanto tempo permaneci em silêncio. Quando acordei do sono da alma, flutuava. Enxerguei-me conectado ao um cordão prateado com brilho azulado. Meu coração disparou, o alarme soou, ruídos barulhentos de vários sons alertavam os enfermeiros e médicos de plantão que corriam de um lado a outro para ver o que acontecia comigo.

— Doutora — disse a enfermeira —, não tem nada de errado com o paciente. Por que será que os bips dispararam?

— Como assim, nada de errado? — perguntei alto, mas ela não podia me ouvir.

Sorri da minha ingenuidade, lembrei da criança que precisa de respostas para tudo, mas nem tudo tem respostas. Se os médicos e enfermeiros soubessem o que acontecia comigo. O que fariam? Melhor não.

Que proveito eles teriam? Acreditariam? A agitação aconteceu pela incontestável fragilidade diante da iminência da morte. No meu entendimento, o mais importante era eu ter consciência do meu processo diante do coma. Tinha esperança de que logo estaria em casa.

— Não se preocupe, pode ser só uma reação fisiológica — respondeu a médica

Quando Josué conduziu minha alma, não me disse quanto tempo ficaria preso aos aparelhos do hospital. Perguntei, mas ele desconversou, talvez porque naquele momento não fosse necessário eu saber.

Queria que alguém me dissesse. Por que diriam?

Enquanto as enfermeiras ajustavam o medicamento, eu prestava atenção em Josué, ele permanecia no hospital, próximo da minha cama. Vestia uma túnica branca e com seu sorriso angelical que acalentava minha alma pedia que não gastasse energia com indagações sem proveito. Queria que ele continuasse ao meu lado, mas ele se afastou devagarinho até que se tornou um ponto transparente e desapareceu de vez. Assim, num estalar de dedos.

Não esmoreci, acreditava que ele sempre estaria por perto. Afinal, ele era meu mentor.

Anestesiado pelos acontecimentos, outra vez adormeci.

Capítulo 17

Apreciamos a luz quando percebemos a escuridão.

No final do dia acontecia a troca de plantão, as enfermeiras noturnas tinham mais compaixão pelos enfermos. Na quietude da noite o trabalho fluía diferente do dia, para melhor. Uma jovem técnica de enfermagem no horário de descanso lia poesias à cabeceira da minha cama.

No começo, não entendia direito, o vocabulário era muito rebuscado com palavras que não usamos mais. Nunca fui um apreciador das artes, mas aos poucos minha alma apaziguava com a leitura, adormecia com mais leveza.

Enquanto curava as feridas do corpo, minha alma se restabelecia e se preparava para uma nova vida. Entendia tudo o que Josué me explicava, no entanto, as recomendações eram para ter cuidado. Ele dizia:

— Acautele-se, meu amigo, a vida na Terra parece simples, mas é fácil de ser corrompida.

Nossos encontros se fortaleciam cada dia mais.

Nesse burburinho que se tornou minha vida, engoli minha vaidade, meu orgulho e deixei fluir o amor pelas coisas abstratas, aquelas que não vemos, mas sentimos. Aurora era o sinal vivo que o amor residia na minha alma.

— Aurora, como você está? — chamei-a com a voz da alma.

Lembrei-me da nossa conversa por telefone na véspera do meu aniversário.

— *Sei que seu tempo é ouro, o meu é dou...*

O que ela queria dizer com dou? Não conversamos sobre o assunto, por minha falta de humanidade do que acontecia com as pessoas. Mas com Aurora? Minha doce menina... Como foi possível amar sem dar a atenção que você merecia? No fundo, eu pressentia que algo muito difícil, eu ainda teria de enfrentar.

Vivia ocupado com meu próprio umbigo, a vida de executivo autoritário que assumi foi meu pior entrave. Minha atenção agora girava em torno do mistério que se tornou minha vida em coma. Segundo Josué, primeiro eu precisava ancorar minha cabeça na observação sem julgamentos, depois fazer o que estava dentro do meu alcance, sem culpas.

O que ele queria dizer com isso? Pensar sobre o assunto me assombrava. Inerte numa cama de hospital, tinha muito tempo para refletir.

Um brilho ofuscou meus olhos. Aos poucos me acostumei à claridade e, para minha surpresa, minha filha surgia abraçada a Joana, e ao lado de Aurora, Josué. Apesar da luminosidade que a alma dela exalava, o rosto pálido como a neve mostrava fragilidade. Joana a ajudou a se sentar na cadeira ao meu lado.

— Calisto! — Escute o que Aurora tem a dizer, com a minha ajuda ela vai poder escutar você, tenha cautela no que diz. — advertiu Josué.

— Filha, aguardo você na sala de espera — disse Joana.

Aurora olhou para a mãe e tentou sorrir. Meu Deus! O que aconteceu com meu Raio de Sol? Agitei-me e tudo que eu consegui foi desestabilizar meus batimentos cardíacos.

Foi um corre-corre, a enfermeira chegou e fechou a cortina, não pude ver mais Aurora. Respirei fundo, precisava ficar calmo, do contrário minha filha teria de voltar outro dia, e isto estava fora de cogitação, eu não aguentava mais de saudades.

Lutei para conter minha ansiedade.

Depois de um tempo, , deixaram Aurora outra vez me ver.

Josué advertiu mais uma vez, tudo que eu precisava fazer era ser bom ouvinte. Com auxílio dele, poderíamos nos comunicar através do pensamento. Prometi me comportar, ele sorriu, compreendia a fragilidade humana em gerenciar as emoções.

Os olhos azuis da minha filha se tornaram vermelhos de tanto chorar. Queria abraçar meu Raio de Sol, sentir o cheiro do perfume de lavanda em seus cabelos ruivos levemente ondulados, dizer que ela era a razão de eu querer voltar.

— Papai, me desculpa! — Uma lágrima rolou pelo rosto pálido da minha filha.

A emoção me atraiu para junto da Aurora, quando dei por mim meu espírito estava em pé ao lado dela, passei a mão na cabeça e enrolei meus dedos nos seus cabelos ruivos, depois cochichei ao seu ouvido:

— Meu Raio de Sol, sou eu quem pede desculpas.

Aurora estremeceu, olhou-me deitado na cama como se estivesse vendo um fantasma.

— Meu amor, não tenha medo, ainda não morri.

— Meu Deus! O que está acontecendo? Estou ficando louca ou posso ouvir você, papai?

— Meu amor, não se assuste, você pode me ouvir. — respondi.

— Você nunca acreditou na vida após a morte, papai. Por que isso agora? — franziu a testa e fixou os olhos no meu corpo imóvel respirando por oxigênio.

— Eu enxergo com os olhos da alma, e posso conversar com você, porque Deus permitiu que um anjo fosse nosso guia.

— Será que ele permite você abrir os olhos?

— Não é tão simples. — respondi com paciência.

— É inacreditável, como pode ser?

— Querida, posso garantir que somos imortais, a vida contínua do outro lado. Respondi num murmúrio que somente os ouvidos da alma de Aurora, aguçados pela sintonia do amor entre pai e filha, em união de pensamentos poderíamos nos escutar.

— Se o som da sua voz não é apenas um ruído do meu desejo, e na hipótese de estarmos conversando, preciso pedir desculpas.

— Não acredita? É difícil eu sei, só não quero que se exalte e possa permanecer um pouco mais comigo.

— Desculpe, Papai! Mas como posso acreditar? Ainda assim preciso pedir desculpas por não ter completado a palavra dou...?

— Você é minha filha querida, e eu é quem pede desculpas por não ter insistido para que me contasse o que afligia você.

— Queria esperar o melhor momento, aí aconteceu esta tragédia com você. — Falou num sussurro.

— Minha filha — explicou em lágrimas — a dor que senti, quase me sufocou. — Respirei fundo.

— Acorde, acorde, acorde, papai! Quero conversar com você olhando nos olhos, se demorar, pressinto que não nos veremos mais, não nesta vida.

Abracei aquela criatura frágil contra meu peito, segurei-a com todas as dores da minha alma, tanto que meu coração parecia sair pela boca. Respirei fundo, precisava de mais tempo com meu Raio de Sol.

— Amo você papai — disse Aurora, com voz embargada.

Afoguei meus anseios nos olhos embaçados das lágrimas contidas que nunca ousei derramar, respirei fundo outra vez e voltei a conversar com minha filha pelo pensamento.

— Após a minha queda experienciei do outro lado o suficiente para acreditar na espiritualidade. Estou vivo no hospital em coma, porque tive uma segunda oportunidade, escolhi viver. Por enquanto, estou no caminho do meio, entre a vida e o coma.

— Isto é possível? — perguntou Aurora sem tirar o olhar do meu corpo imóvel.

— Estamos conversando, não estamos? Preste atenção, estou abraçado a você, ouço seus batimentos cardíacos. Sinto o cheiro de lavanda nos seus cabelos. Acredite, ouço você, conte-me tudo, não esconda nada.

— Papai! Ainda que eu esteja alucinando, por supostamente conversarmos, sempre respeitei você. Até sua arrogância, sabia? Claro que sabia, você é a única pessoa que me conhece como a palma da mão. Recorda da pedra de ametista? Você sempre quis me convencer de que ela tinha poder curativo, dizia para mim algo que você não acreditava. Ainda assim, foi meu presente favorito, meu pequeno talismã, adoro a nuança da cor violeta. Hoje vou deixar com você, para dar força e segurança, quando acordar. Tive a ideia de mandar adornar com prata e colocar suporte para pendurar a pedra com o cordão também de prata. Espero que goste, e o mais importante carregue com você, seja pendurado no pescoço ou no bolso.

Aurora colocou a pequena pedra na minha mão, depois a fechou assegurando que ela não se desprendesse, beijou minha testa. O calor dos lábios, as batidas fortes do coração tocavam minha alma.

— Quero confessar uma coisa, quando acordar e souber do que aconteceu comigo, não se culpe. O destino, às vezes nos prega peças, quando não terminei de falar a palavra misteriosa dou...

Aurora fez uma pausa antes de continuar, enquanto eu tranquei a respiração, ainda negava qualquer coisa que fosse magoar minha filha.

— Naquele telefonema a palavra que não completei; era dourado. Vou explicar. Fiz um teste do meu sangue, porque precisava receber doação por conta da minha anemia, a princípio o fator negativo serviria. Mas como não sabia meu tipo sanguíneo aproveitei para fazer o teste. Para minha surpresa, meu tipo sanguíneo é Rh nulo, um tipo raro difícil de ser encontrado, conhecido também por sangue dourado. Minha anemia frequente, agora tem explicação.

— Aurora, não me diga. Tem solução, não tem?

— Sim e não, papai. No meu caso, esperei demais. Devia ter dito antes, mas o tempo foi passando e aconteceu esta coisa horrível com você. Acho que não levei muito a sério e, quando percebi, já era tarde.

— Minha filha, nunca é tarde.

— No meu caso receio que sim.

— Pesquisei e descobri que só cerca de quarenta pessoas no mundo são conhecidas como portadoras deste tipo sanguíneo. Ele pode salvar vidas, mas também representa grande risco a quem é portador. Por causa de questões de compatibilidade, pessoas com este tipo de sangue Rh nulo só podem receber de doadores de sangue iguais aos seus.

— Pede ajuda na minha empresa para encontrar doadores com o tal sangue. Ou talvez tenha um banco com este tipo sanguíneo.

— Acredite, não é fácil, estou assustada.

Ao ouvir aquilo, tive certeza de que nada era tão simples quanto parecia. Aurora sempre foi uma menina frágil, mas nunca teve sérios problemas de saúde, cresceu com cuidados, mais pela paranoia da mãe do que por necessidade. Então, por que sinto náusea só de ouvi-la falar que tirou sangue?

— Minha vontade agora é lutar por sua vida.

— Pai, tem mais.

— Mais o quê?

— Por favor, não se altere, minha vida escorre pelas minhas mãos, talvez não tenhamos mais tempo para nos falar.

Senti o gosto de sangue das chicotadas do meu pai. Outra vez, o ritmo cardíaco oscilou e mais uma vez dispararam os batimentos cardíacos.

— Lute, papai, já faz dois meses que está nesta cama. Estou tão cansada.

Lutei com todas as minhas forças, equilibrei minha respiração.

— Já contou a sua mãe?

— Minha mãe sabe de tudo sobre minha vida.

Conversamos até terminar o horário de visitas, uma lágrima rolou e esquentou minha face.

— Acredito em você, pai, ainda que a conversa tenha sido um monólogo, desabafar fez-me um bem enorme. — respondeu com lágrimas nos olhos.

Ela beijou meu rosto, não tinha dúvidas de que aquela era a despedida, não mais nos encontraríamos; pelo menos, não nessa vida. A dor da minha menina me instigava a lutar pela nova oportunidade.

— Amo você, minha filha — disse com voz apertada.

— Gravei um vídeo num pen derive e guardei dentro da caixa de joias. Documentei algumas coisas, no caso de necessidade. — disse com toda a propriedade de quem acredita na vida após a morte. — Ah! Desde a descoberta da minha saúde frágil, estudo a vida após à vida. Por entender um pouco sobre o assunto, que eu acredito que nossa conversa existiu.

— Amo você papai. — disse, e mais uma vez beijou minha testa, e o calor dos seus lábios inundou minha alma de esperança.

Em silêncio, apertou a campainha atrás da cama e uma enfermeira auxiliou Aurora até a saída. Josué permaneceu comigo. Joana aguardava por ela na sala de espera.

Os aparelhos dispararam.

♥♥♥

Amanhecia, a claridade lá fora mostrava através da cortina da janela do hospital um dia ensolarado. Eu abria e fechava os olhos, mas ninguém percebia que eu estava consciente, quanto mais o tempo passava, mais eu achava tudo aquilo uma loucura.

Vivi na impermanência das coisas perecíveis, recomeçar era o desafio mais difícil da minha vida.

Refleti sobre os ensinamentos de Josué, tinha a nítida impressão de que ele me escutava.

— Eu sei, meu amigo, que não vai ser fácil me ajustar a uma nova vida, será um trabalho de formiguinha, ainda assim darei um passo para frente e dois para trás, até me fortalecer. O que me dá força é acreditar que você está comigo, torcendo por mim. Você compreende que daqui para frente preciso travar uma batalha sem trégua com meu ajuste de contas. Se vacilar, os monstrinhos de prontidão vão me atacar. Prometo recuar quando for

necessário, para avançar com mais força, mas nunca desistir até alcançar a arte de viver com lucidez.

Uma enfermeira entrou e mexeu no cateter em meu braço.

Segundo você, Josué, se eu estiver disposto a ouvir a minha essência conquistarei o direito de me reconhecer dentro da mudança. O poder interno é uma arma mágica que eu vou tentar trilhar para superar os desafios que terei de enfrentar.

Logo eu, o coração de pedra, passando por tudo aquilo que não acreditava. Enquanto estivesse preso na cama, era fácil acreditar na mudança, mas o que me assustava era acordar e não cumprir o prometido.

Como mágica, escutei a voz de Josué.

— Calisto! Nunca disse que seria fácil. Asseguro, o mais difícil você já passou. Imagine você, ao se encontrar com suas experiências e poder dar novas possibilidades a elas para realizar coisas que nunca imaginou que seria possível?

— Você está aqui? — Olhei em todas as direções. — Onde?

— Claro que estou, no seu pensamento — respondeu ele.

— Quer dizer que o conhecimento nas coisas espirituais é bom para o crescimento interior?

— Essencial. Jamais afirmei ser o contrário, precisamos estudar para compreender o significado da vida. A intelectualidade sem o progresso moral, seja pessoal ou coletivo, que proveito tem? Fé e razão são dimensões complementares. Em Kardec, "a fé raciocinada é a fé que permanece em constante contato com a razão, isto é, busque sempre um saber mais amplo, argumenta e se questiona" — finalizou Josué.

Josué era humilde, sem contestar, um grande Espírito protetor. O que ele disse, tamborilou na minha alma.

Capítulo 18

Recomeçar.

O desafio mais difícil que enfrentei.

Acreditava que ia durar para sempre, eu com meus caprichos egoístas, agia como um tolo, como se não tivesse mais nada de importante além de mim. Contudo, no meio do caminho a morte sussurrou ao meu ouvido, não demorei a descobrir que minha vida tinha um fim e, por mais clichê que possa parecer, se decidisse ficar do outro lado, deixava muitas coisas importantes inacabadas.

Chorei por tudo que me equivoquei, por tudo que não realizei; por não prestar atenção às dificuldades dos outros, por deixar para depois a conversa com Aurora. Por copiar as coisas destrutivas dos feitos do meu pai. Enfim, por não entender os sentimentos da Joana.

Na véspera do meu aniversário Aurora me ligou, suspeitei que fosse sério o que ela fez menção de dizer, mas não disse, não conversamos diretamente sobre o assunto, talvez tenha desperdiçado a oportunidade.

Arrogância de achar que tudo era permanente, pensar assim me tornou tão pequeno, diante do mistério da vida. A finitude faz parte de um tempo, um lugar ou uma circunstância, mas a alma é imortal.

— A imortalidade não pertence a este mundo. Somos passageiros transitórios entre vidas que se sucedem, assim como o tempo é somente um olhar, uma medida humana, a encarnação é um caminho curto, trazemos na bagagem memórias antigas, desde a criação do Espírito — disse Josué.

Não respondi, aquietei-me.

— Calisto, abra os olhos!

Abri os olhos da alma, Josué se postava ao lado da cama, desta vez puxou a cadeira de visita e se sentou. Estremeci. Um frio percorreu minha alma. Pelo olhar dele, era sério. Ao longo da minha vida aprendi ser duro comigo mesmo. Não ia fraquejar agora, estava disposto a mudar, mas não me entregar ao fracasso.

Desistir não era do meu feitio.

— Calisto! A notícia que tenho para você pode não parecer justa, mas quero que saiba que sempre foi e sempre será a vontade do Criador.

— Memória das coisas não perecíveis, seria isto? — perguntei a Josué.

Suspeitei que as lacunas que tranquei no porão escuro do túnel tinham sido libertadas, já não tinha para onde correr ou negar, desafiavam meu raciocínio prático. Percebi a duras penas que entre o nascimento e a finitude, guardamos coisas, das quais não nos orgulhamos. No dia do chamado somos expostos a revisão, num exame de Raio-X, e a consciência se torna dedos a cutucar as feridas.

— O espaço aberto seria como um eletrocardiograma, poderíamos dizer que os picos são os feitos memoráveis e a linha reta são as ações não produtivas, oriundo das coisas perecíveis — pontuou Josué.

— Chega de metáforas? Não sou criança, estou impossibilitado de sair da cama, mas como bem sabe, prossigo consciente.

— O corpo está imobilizado, a alma não. De maneira alguma quero enrolar, mas tranquilizar que têm coisas que não depende de nós — disse ele com firmeza na voz, acrescentando de uma só vez: — Aurora desencarnou e se encontra em recuperação no hospital transitório.

Que eu lembrasse nunca chorei na minha vida, nem mesmo quando apanhava do meu pai, aprendi a suportar calado todas as dores. Até projetar em mim um escudo invisível, foi assim que conquistei o título de coração de pedra. Necessitava retroceder para compreender o que acontecia comigo.

Talvez tivesse oportunidade para iniciar uma nova jornada, mas não hoje, não estava pronto para receber tal notícia.

Fechei os olhos e chorei todas as lágrimas de uma vida.

Após algum tempo, Josué se pronunciou.

— Você está pronto para vê-la?

Abri os olhos e percebi que Josué permanecia ao meu lado em silêncio.

— Eu posso?

— Depende, se conseguir se manter sereno.

Num salto da cama me postei ao lado de Josué.

— Isso é surreal, ainda não me acostumei com o movimento instantâneo da alma. — sorri.

Olhei para meu corpo físico imóvel na cama, enquanto minha alma estava em pé ao lado de Josué.

— Um é denso e o outro é sutil, o corpo está imóvel, mas a alma é livre para ir e vir. — explicou Josué.

— Não vejo a hora de ver minha filha, vamos!

Capítulo 19

Encontro com meu Raio de Sol.

Conduzido por Josué me sentia seguro, ainda assim a aproximação do lugar onde Aurora se encontrava me deixava apreensivo, não sabia o que encontrar, logo eu que sempre fui uma pessoa segura de si. Desde a queda, tudo era novo para mim, aos poucos entendia algumas coisas, com sorte, encontraria minha filha bem.

— Calisto sei que está ansioso para encontrar Aurora, mas peço que confie no amor do Criador sobre todas as criaturas. Preciso explicar que cada caso é um caso, e nem todos os parentes têm a possibilidade de se encontrar com o ente querido, ainda mais num desencarne recente. A espiritualidade não é um manual que estudamos e o assunto se esgota, é preciso estudar muito, eu diria sempre, e segundo a condição de cada um, os conceitos são assimilados. No caso de Aurora, ela acordou com clareza de consciência. Ela é um espírito mais evoluído do que a maioria que chega aqui do outro lado confuso, sem saber onde está. Há muito tempo, ela buscou auxílio na espiritualidade. — esclareceu Josué.

Tentei disfarçar minha ignorância sobre o assunto.

O céu azul refletia sua mais bela forma sobre nossas cabeças. Ao adentrar à colônia onde minha filha se recuperava, percebi que o lugar era diferente, exalava uma atmosfera agradável, de paz. Entramos no prédio branco que seria o hospital, o corredor tranquilo, um oásis.

A grande surpresa foi ver minha filha com aspecto saudável, a luz que entrava pela janela da sala refletia nos cabelos ruivos, lembrava um campo de capim dourado.

Encontrei minha filha sentada numa cadeira azul em frente a janela. Os raios de sol refletiam nos seus cabelos a ofuscar meus olhos, paralisei por alguns segundos, sem saber o que dizer ou fazer. Ao lado da cadeira onde ela estava sentada, uma mesa de centro com um livro aberto.

— Minha filha! Como você está? — perguntei com lágrimas a escorrer pela face.

Aurora se virou e levantou-se. Secou minha face com os dedos, senti o toque suave e acolhedor das suas mãos delicadas.

— Papai você veio!

— Josué me acompanhou. — respondi com os lábios trêmulos.

— Esperava você, papai. Mas quero que saiba que ainda estou me recuperando, enquanto isso, estudo, e medito sobre os esclarecimentos valiosos dos amigos espirituais. Agora eu entendo que fazemos planos, até descobrir que somos pequenos aos olhos da grandeza de Deus.

— O que você quer dizer minha filha? — perguntei com um nó na garganta.

— Não fique triste, vamos ficar bem. — respondeu com voz suave.

Tinha tanta saudade que não cabia em mim. Passei a mão no cabelo dela, a maciez e o perfume de lavanda, permaneciam. Josué assistia com olhares atentos. Eu estava me comportando, mas sabia que não seria por muito tempo.

— Pai! — segurou minha mão — preciso que ouça com atenção o que vou dizer; quando você sair do coma é provável que não recorde do nosso encontro, talvez, se lembre de algumas coisas como um sonho. Não se preocupe, tudo será esclarecido no tempo certo. Por enquanto, precisamos nos recuperar, para entender a pluralidade das existências, mas o assunto requer estudo, muito estudo. Por enquanto, vamos assimilar o que nos foi permitido vivenciar.

— Josué tem explicado algumas coisas, das quais, me sinto comprometido a organizar meus pensamentos.

— Cuide-se e cuide da mãe, promete? — pediu com súplica no olhar. — Não se culpe por tudo o que está acontecendo. — pediu unindo as sobrancelhas — Coragem, pai! — Não tenha medo de amar, você merece. Ah! Já ia me esquecendo. Abra a caixa de joias, o que tem dentro pode surpreender você.

Eu fiquei pasmo com a clareza de raciocínio da minha filha.

— Recém cheguei à colônia, não posso dizer muita coisa daqui. Por ora, estou feliz com a possibilidade de ficarmos bem — respondeu como se a conversa terminasse.

Josué interferiu.

— Vocês podem conversar em sonho.

— Pai! Não se preocupe comigo, tudo estava programado, fazia parte da minha evolução passar por isso. Sei disso, porque os mentores me explicaram. Pedi para me encontrar com você, e Deus permitiu. Estava muito fraca, e preocupada com você, minha recuperação seria prejudicada se continuasse a me afligir por coisas que não posso mudar. Aos poucos, percebi a dimensão dá vida, nada seria simples para nós, acredito que não é para ninguém. Josué guiou meus pensamentos com suas orientações.

— Do jeito que você diz, faz parecer simples. — baixei o olhar.

— Meu entendimento foi significativo sobre o processo da vida após à vida, mas ainda é uma agulha no palheiro, talvez, um dia eu possa compreender melhor. Minha vontade, assim que estiver pronta é pedir para estudar sobre o processo de transição que amedronta a todos, e nisso não sou diferente. Mais de uma coisa tenho certeza, a vida é guiada pelos planos de Deus. — disse convicta e se afastou.

Josué colocou a mão no ombro de Aurora.

— Agradeço a Deus pelo nosso encontro, papai. Agora preciso me restabelecer. Aguardar com paciência uma nova encarnação. Josué me ajudou a entender que o planeta está no processo de regeneração. Precisamos contribuir com bondade, compaixão e muito amor com todas as formas de vida. Uma mudança espera por você, por mim, e por toda a Humanidade. Esqueça o passado que não traz benefícios, siga a vida de outro jeito, papai. Nada mais será como antes, nem para você, nem para ninguém. Chegou a hora de acordar para a verdadeira essência.

Josué retirou a mão do ombro de Aurora e se afastou, dando espaço para minha filha se aproximar outra vez de mim.

— Papai! — pegou outra vez minha mão — por favor, não desanime.

— Quando acordar, quero dizer quando sair do coma, não sei se vou suportar sua ausência, minha filha. Tenho receio de que as coisas mudem para pior — falei com lágrimas nos olhos e desviei o olhar.

— Ore por nós, papai, farei o mesmo. — disse com brandura no olhar.

— Sempre acreditei que não existia hora para você partir..., não para minha filha.

— Para os pais, nunca é hora. Seja otimista, papai. Adeus!

Aurora outra vez, sentou-se, ajeitou-se na cadeira e pegou o livro da mesa para ler, percebi que o olhar se perdeu na linda paisagem vista pela janela. Quanto a mim voltei com Josué para o hospital, entrei no meu corpo e num piscar de olhos e adormeci.

♥♥♥

Depois do encontro com Aurora na pátria espiritual, ainda permaneci por dias dentro daquele coma interminável, até finalmente abrir os olhos físicos. Primeiro olhei para o teto, depois para todas as direções, levei um tempo para me acostumar à claridade.

Uma médica entrou, encheu-me de perguntas.

— Você sabe onde está? — perguntou.

— Sei, está escrito no seu jaleco, e seu nome é Lúcia. — disse com ironia.

Ela sorriu.

— Qual é a última coisa que você recorda? — perguntou com firmeza no olhar.

— Da minha filha Aurora.

Outros médicos entraram, e se olharam entre si com ar interrogativo. A médica chamada Lúcia, apresentou-me ao chefe da equipe da neurologia.

— Sou doutor Marcos, como está se sentindo Calisto? — apertou minha mão.

— Não sinto dores, mas ainda não sei o que estou fazendo aqui. — respondi com rispidez no tom de voz.

— Vou deixar prescrito um exame de ressonância, depois voltamos a conversar, enquanto isso a médica Lúcia vai continuar a observar você.

— Estamos felizes com seu retorno à vida — disse a médica

— E o que aconteceu comigo? — perguntei apreensivo.

— Não se preocupe, você pode levar algum tempo para processar os pensamentos. — respondeu doutor Marcos e se foi.

Não demorou muito para uma enfermeira me deslocar para fazer a ressonância. Na volta do exame, Lúcia me aguardava.

— Daqui mais ou menos uma hora, doutor Marcos chega com o resultado do exame, agora descansa, vou dar uma saída, mas se precisar de alguma coisa aperte o botão ao lado.

Uma moça loira sorridente empurrava um carrinho de remédios.

— Não se preocupa doutora Lúcia, vou permanecer por aqui.

Uma hora passou num piscar de olhos, e o branco na memória continuava. Não demorou para doutor Marcos chegar com o resultado.

— Ainda estou com a cabeça embrulhada, doutor. — disse arqueando as sobrancelhas.

— Não se preocupe com o tempo você vai recuperar a memória, talvez seja aos poucos, nada indica o contrário. A ressonância está bem, não há o que se preocupar. Vamos transferir você para o quarto, e se tudo continuar bem, logo darei alta. Tem uma pessoa que veio ver você todos os dias, mas hoje pedi a ele para voltar amanhã, antes dei a notícia que você acordou. Ele saiu feliz. Assim que estivar instalado e o quadro clínico não apresentar nem um problema vou liberar as visitas,

— Obrigado doutor.

Os médicos assistentes saíram junto com o doutor Marcos, e eu fui transferido para um quarto onde poderia receber visitas.

Dias depois, as visitas foram liberadas, mas ninguém foi me visitar além do meu motorista.

— Bom dia! Um lindo dia nos aguarda. — disse uma enfermeira que entrou sorrindo.

Ela abriu as cortinas, a claridade ofuscou meus olhos.

— Vamos ficar bonitos, um passarinho me contou que hoje você vai receber uma visita.

Sentou-me numa cadeira de rodas, e me acompanhou até o chuveiro, meu corpo ainda estava frágil e necessitava de cuidados.

— Nada melhor que uma ducha quentinha para começar o dia. — disse ela ensaboando meus cabelos.

— Não parece ser algo ruim. Comentei.

Ela riu.

— Carlos, meu motorista tem me visitado. — disse.

— Conversar com alguém, depois do que aconteceu a você é muito bom. — disse a enfermeira.

— Nos damos bem. — respondi sem dar muita ênfase ao assunto.

Carlos era uma pessoa especial, sempre respeitei, apesar do meu temperamento rude. Ainda não lembrava de muitas coisas, mas os dias foram passando e nossas conversas foram muito produtivas. As respostas para as minhas perguntas foram sempre respondidas com cuidado, eu percebia que ele evitava falar sobre coisas doloridas, e, pela primeira vez não tive pressa em obter respostas precisas, no fundo eu sabia que algumas coisas seriam

maiores do que eu podia suportar. Talvez se soubesse de uma só vez do que aconteceu nos três meses que eu estava ausente, era possível que eu não fosse aguentar, aguardaria com paciência. Logo eu que nunca soube o significado desta palavra.

Os médicos me visitavam todos os dias pela manhã, fisioterapias, caminhadas pelo corredor do hospital, reforçava minha musculatura.

— Carlos!

— Vejo que melhora a cada dia doutor Calisto?

— Não vejo a hora de sair daqui. — respondi.

— É bom se recuperar antes de sair, aqui tem mais recursos. — respondeu desviando o olhar.

— Nos últimos dias você tem evitado falar sobre algumas coisas, acredito que já posso ouvir o que tem a me dizer que o preocupa, sobre a empresa. Conte-me tudo — pedi, e arquei as sobrancelhas. Nos três meses que estive no hospital a empresa desmoronou, é isso?

— Sim e não.

Olhei para o teto, minha voz trancou na garganta.

Lembrei de Josué e a voz dele ressoou nos meus ouvidos.

— Aos poucos você se lembrará da conversa que tivemos durante o coma. Não desanime, tenha fé. Meu irmão, não fraqueje diante das adversidades. Tudo passa, a dor também.

—Josué, é você?

Olhei para os lados, Carlos me olhava com os olhos arregalados.

— Aurora e Joana, por que não estão aqui, Josué?

— Seu amigo Carlos esteve sempre com você, escute ele. — disse a voz.

Sem dar explicação sobre com quem eu falava, perguntei ao Carlos.

— Conte-me tudo o que sabe sobre a empresa, sobre Aurora e Joana.

Carlos se levantou da cadeira a minha frente, ajeitou a calça na cintura e com voz trêmula questionou.

— Ué, por que não? Se é isso que você quer.

Sentei-me na cama para escutar, devia ser muito sério.

— Desembucha de uma vez, eu aguento.

Carlos relatou com detalhes tudo o que aconteceu na minha ausência. Depois disso, não tive coragem de continuar a conversa. Escondi meu rosto com as duas mãos, e chorei todas as lágrimas que ainda restavam.

Por conta disso, precisei permanecer mais uns dias no hospital para novos exames. As visitas do Carlos, continuaram. Mas já não era mais a mesma coisa, o silencio tomou conta da minha vida.

Dias depois, chegou o dia da minha alta, me despedi dos médicos e enfermeiros. Carlos assinou a papelada do hospital e me conduziu com uma cadeira de rodas até a saída. Levou-me para o apartamento, e continuou comigo por mais um tempo.

Foi um amigo daqueles que toda a pessoa queria ter por perto. Permaneceu ao meu lado nas horas mais difíceis, de angústia e medo. Encarar a nova realidade que se descortinava a minha frente não era nada fácil. Ainda assim, mandei-o embora, indenizei ele por tudo. Não era justo prendê-lo a minha solidão, enquanto a família dele o esperava em São Paulo.

Meu amigo partiu com lágrimas nos olhos.



O contato com minha nova oportunidade era desanimador, descobrir por meu motorista que a empresa não precisava mais dos meus serviços foi um soco no estômago. Outra pessoa ocupava meu cargo.

Por uma estranha razão, não liguei. Ou nem tão estranha assim, afinal minha filha partiu sem eu poder fazer nada, nada mais importava. Não tinha dor maior, era a pior coisa que podia acontecer na minha ausência.

Agradeci a Carlos por tudo o que ele fez por mim, único amigo que pude contar.

Ele voltou para São Paulo, Joana não cabia mais na minha vida, desistiu de mim e foi cuidar das suas próprias dores. A solidão encontrou morada na minha vida e, por não saber por onde recomeçar, permaneci à mercê da própria sorte.

Remorso, dúvidas, medo e raiva tiravam meu sossego. Precisava encontrar algum propósito que fizesse sentido.

Chorei muito, por dias a fio, até não aguentar mais e perceber que continuava vivo. A vida era tudo que me restava, no entanto, não cuidava da saúde do corpo, da saúde mental, e menos ainda da espiritual.

A oportunidade de me reconstruir precisava da minha boa vontade. Mas o emocional não é redondinho como pensamos, têm curvas, estradas pedregosas, espinhos e muitos precipícios. Às vezes, tudo junto.

Nos dias que fiquei no meu apartamento, o pássaro não apareceu na minha janela.

Eu permanecia a maior parte do dia na cama, a principal razão de viver era meu gato, por ele eu me levantava por algumas horas. Panthro cada dia mais magro, vivia a própria sorte. Segundo Carlos, ele não se alimenou direito durante minha ausência.

— Miau.

— Eu sei, meu amigo, que preciso tomar uma atitude, mas estou sem ânimo.

Despertei para a vida, mas ainda não me sentia pronto para recomeçar.

Capítulo 20

Reconstruir a si próprio, exige motivação, coragem, vontade e equilíbrio.

O inverno saía de mansinho, com períodos de temperatura agradável.

Recomeçar depois dos cinquenta anos era assustador. As sessões de terapia ajudaram, mas me incomodava não ter uma direção para seguir. Minha intuição dizia que minha memória estava prestes a revelar um propósito. No entanto, tudo o que vinha à mente era sobre a vida após a morte.

— A pressa sempre foi uma inimiga, desacelere — disse a voz ao meu ouvido.

As poucas pessoas que conversei sobre o assunto me consideravam louco. A longa mentoria com meu anjo Josué foi complexa para um homem como eu, descrente de tudo que não era palpável, receava não recordar do que precisava fazer. Por ora, tinha flashes de memória, um medo enorme de cair nas armadilhas emocionais e não ter outra oportunidade.

— Eu nunca disse o que você devia fazer, você vai descobrir por si mesmo. — A voz de Josué continuava comigo.

Panthro bateu no meu ombro.

— Miau!

— Meu amigo, não se preocupe vou tomar uma atitude, e vai ser já. Como está, não dá para ficar.

Dei um pulo da cama, respirei fundo. Há dias não me barbeava, não tomava banho, não mandava limpar o apartamento e mal me alimentava. A primeira coisa que fiz foi tomar banho e me barbear.

Tinha dias que a temperatura ainda era de inverno, e a noite caía consideravelmente. Eu não ligava. Decidi dar um rumo a minha vida, pelo menos mudar para a casa de praia; um passo de cada vez. Primeiro deixei a chave do apartamento e um bilhete com o porteiro para ele entregar na empresa. Deviam estar precisando dele para o novo diretor executivo.

Na minha casa, eu saberia qual seria o próximo passo. Juntei poucos pertences e enfiei numa mochila com a caixa de joias que ganhei da Aurora. Ainda não tive coragem de abrir. Na sacola do Panthro coloquei a ração, a cama e a bola: seu brinquedo favorito. Retirei o violão da parede. Bati a porta e descemos para o estacionamento.

— Miau!

Panthro deu de cara com o porteiro no estacionamento, ele não gostava do homem, mostrou os dentes e fez um ruído de defesa. O porteiro por sua vez arregalou os olhos como se tivesse visto fantasmas.

— Vamos amigão.

Entramos no carro e dirigi no automático até o litoral.

♥♥♥

Sentei-me na areia com os braços cruzados nos joelhos.

Debrucei-me nas recordações e percebi que elas traziam mais dor do que alegria. Levantei-me em silêncio, caminhei pela beira da praia e repassei na memória as últimas imagens, algumas antes da queda, outras durante o coma, mas preferi viajar na experiência com a espiritualidade.

O processo entre os dois mundos me tirava da arrogância executiva.

A dor da ausência de Aurora, e simplesmente partir, era algo que ninguém entendia. Deixar a empresa sem lutar por tudo que conquistei, e recomeçar, era caminhar por um caminho desacreditado no mundo dos negócios. Com certeza era a decisão mais difícil, no entanto, tudo o que me aconteceu não dava para deixar em branco e aceitar que foi alucinação.

Observei a agitação das águas, então percebi que não fazer nada era uma solução simplista demais, sem contar que arruinava a autoestima. Voltei para casa, chamei Panthro que corria atrás das aves. Escrevi um bilhete para o jardineiro, deixei em cima da mesa com dinheiro suficiente para ele cuidar da casa até meu retorno.

Dei comida para Panthro, tomei um café preto. Juntei algumas coisas e me vesti sem nenhum agasalho para o frio.

Acho que queria sentir a dor de continuar vivo.

Fechei a porta da minha casa da praia, não sei se para sempre. Isso o tempo diria. Joguei a mochila com os poucos pertences no banco da minha caminhoneta de trilha, e ao lado o meu violão do qual não me desgrudava. Ajeitei a caixinha de joias, presente da minha filha junto com meus pertences. Panthro, meu gato azul russo, coloquei no banco de trás ao lado da sacola dele.

Minha vontade era ir em direção do mato, não qualquer mato, mas o mais longe possível da civilização e do imenso mar carregado de lembranças de Aurora. Mas a mente pregava peças e não deixava partir quem a gente amava.

Entrei no carro, sentei-me no banco do motorista, abri o vidro e por tempo indeterminado mirei mais uma vez o balanço das ondas do mar. Lembranças ficam armazenadas na memória, impossível de retirar ou trancar na caixa preta. Elas sempre davam um jeito de sair para assombrar ou alegrar.

Assistir por mais uma vez meu Raio de Sol dançar dentro da sua fragilidade física, era tudo que eu precisava antes de partir, mas milagres não pertenciam aos mortais.

Um sopro de Deus, um sopro de vento, eu não sabia dizer o que foi aquilo que vi. Uma bruma que ora vinha do mar embaçou minha visão, cercou o veículo e as lágrimas esquentaram minha face.

Aurora cresceu e se tornou uma linda jovem, na altura puxou a mim. Mas Joana e Aurora em nada se pareciam. Minha menina seria médica, se eu tivesse prestado atenção no que acontecia com ela. O cabelo ruivo e os olhos azuis se misturavam com a imagem da mulher que conheci numa noite de

festa, o encontro passageiro se apagou, mas o resquício de memória acendia uma luz de alerta na minha cabeça.

Joguei fora o celular que vibrava no meu bolso, acendi os faróis, liguei o carro e, num esforço sobre-humano, dirigi sem rumo como um pássaro ferido pela estrada da Rota do Sol.

Com a visão embaçada, as ruas serpenteavam à minha frente.

Capítulo 21

Em busca do desconhecido.

Panthro pulou para o banco da frente, esqueci de colocá-lo na caixa de viagem.

— Pode ficar, mas só por hoje.

— Miau. — Passou a patinha no meu braço.

— Amigão, agradeço seu carinho, mas você entende que não pode viajar no banco da frente?

Panthro se acomodou no banco.

— Sei, eu o vejo, viu?

Dirigi por horas, não sei por quanto tempo estive perdido na estrada, até encontrar uma rua de chão batido com uma placa fixa numa árvore esmaecida pelo tempo, coberta pela poeira.

Desci do carro para ler o que dizia. Parte do letreiro estava apagado, visualizei os dizeres: bairro Ulisses, em Canela. Descanse na Pousada Flor do Deserto de Íris, localizado há poucos quilômetros daqui.

O nome era bem sugestivo, dirigi na direção que a seta apontava. Após alguns quilômetros, avistei uma velha cerca viva e um enorme pórtico de pedra escrito com entalhe na madeira, Pousada Flor do Deserto de Íris. Várias araucárias no terreno, a grama se existiu um dia, estava coberta por pinhas.

O lugar parecia abandonado. Entrei.

Cápitulo 22

Pousada Flor do Deserto de Íris.

Olhei as árvores enormes, entre elas um casarão térreo antigo de pedra, com várias janelas enormes de madeira. Cheguei perto, a funcionalidade não me convencia. À medida que me aproximava, constatei telhas soltas, as trepadeiras abraçavam as paredes, a pintura das janelas estava gasta pelo tempo.

Tudo ali indicava abandono.

Estacionei o carro em frente a uma das sacadas na sombra de um plátano. Aliás, parecia ser único na propriedade, as outras árvores eram araucárias. Desci e caminhei em direção a porta principal.

Toquei a campainha do casarão e, como suspeitava, ninguém atendeu.

Panthro, acostumado ao conforto, parecia não entender o que fazia naquele lugar. Para ser sincero, nem eu. Soltei-o. Peguei a mochila do carro, enquanto o gato se espreguiçava, deitei-me no chão ao lado dele. Fiz da mochila meu travesseiro, estiquei-me em cima dos matos que cresciam no lugar da grama. Adormeci.

♥♥♥

Acordei com uma jovem cutucando meu ombro de longe, talvez com receio de alguma doença grave não chegou muito perto.

— Senhor! Senhor! O senhor não pode ficar aqui, é propriedade privada.

Arregalei os olhos e me sentei.

O senhor está bem? — perguntou a moça ruiva de olhos azuis.

A voz suave despertava uma tênue sensação de que a conhecia.

— Precisa de um médico?

Lembrei que ao me deitar no chão, o sol apontava acima da minha cabeça, isso significava que era perto do meio-dia. Agora me deparava com raios brilhantes por entre as araucárias, apontavam na direção do sol nascente.

Por quanto tempo eu dormi?

Aquela era uma pergunta sem resposta, minha única testemunha era Panthro.

Apoiei meu corpo com as mãos, endireitei a coluna, a moça devia ser uma miragem, era idêntica a minha filha Aurora. Olhei-a de cima abaixo, cabelos ruivos, olhos azuis, e usava perfume lavanda. Sabia disso porque era o mesmo aroma do perfume que Aurora gostava. Crivei-a de perguntas.

— Não preciso de médico. Quem é você? O que faz aqui? Pensei que não morava ninguém neste casarão.

— Você está na minha propriedade.

— Sério! Achei que não tinha dono, a notar pelo abandono.

A moça não se irritou, permaneceu séria.

— O que faz por aqui?

— Uma longa história — respondi com jeito de quem não está disposto a falar.

— O lugar está fechado faz tempo. — Franziu a testa.

— Isso explica a velha placa à entrada — falei sem manifestar interesse de sair.

Ela me olhou e não entendi se era bom ou ruim.

— Você precisa de ajuda. — Colocou a mão no queixo. — Não me parece ser um bandido. Aliás, antes deste desalinho... — Desenhou com a mão um círculo ao redor de mim. — Deve ter sido uma pessoa refinada. Seja o que for, precisa se alimentar, tomar um banho. Depois segue seu caminho. Vou logo avisando, não tente nenhuma gracinha. Tenho o número do delegado da região, em minutos está aqui.

— Por que diz isso? — perguntei, curioso.

— O corpo fala, sabia?

— No estado em que me encontro, não deve dizer muita coisa. — Olhei para minha aparência pouco incomum. — Quando andava impecável, era considerado atraente. Agora, não ligo para o que a moça pensa sobre mim.

— Roupas finas cobrem a aparência, revela o status que a pessoa ocupa. Já o corpo, revela quem você é.

A moça explicou como se lesse meus pensamentos. A minha aparência devia estar horrível, passei dias sem me cuidar, sem banho, e sem fazer a barba com frequência, comendo o suficiente para me manter vivo.

— Prazer, eu me chamo Íris! — Estendeu a mão.

— A deusa do arco-íris, mensageira dos deuses — disse sem pensar.

— Isso nunca me passou pela cabeça — respondeu a moça sem ênfase no tom de voz.

Levantei-me para apertar a mão da jovem de beleza genuína, daquelas saídas de contos de fadas. Arrisco a dizer que pela aparência teria uns quarenta e cinco anos, bem cuidados, talvez 1,70 m em comparação com meus 1,80 m.

Uma jovem linda de cabelos ruivos, com os olhos azuis, no semblante revelava serenidade, contudo trazia resquícios de algum sofrimento do passado, destes que guardamos de nós mesmos, de alguém que lutou uma batalha interior.

— Eu me chamo Calisto, o significado não vem ao caso.

Nossas mãos se cruzaram num aperto, um sentimento longínquo como um relâmpago eclodiu dentro de mim. Retirei rápido a mão suada e sequei na calça.

— Vem comigo, você precisa de um banho, descanso e comida. Não necessariamente nesta ordem. — Sorriu. — Deduzi que você é ou foi bem-sucedido. A marca do carro, indica que você está longe da pobreza. — Apontou para ele.

Não respondi. Se o Universo me conduziu, talvez fosse aqui meu recomeço.

— Isto aqui — gesticulou com uma das mãos. — Você está certo ao pensar que não tinha dono, tudo por aqui está abandonado. Mas pode acreditar, esta propriedade já foi um lugar de luxo. O que quero dizer é que não sou diferente, tenho uma longa história, como você e muitas outras pessoas.

— Tudo se torna um livro aberto quando aprendemos a prestar atenção no complexo caminho do humano.

Íris sorriu.

— É fácil. Um homem aparece no pátio da minha propriedade, por si só já é incomum, à primeira vista com aspecto de uma pessoa sem eira nem beira, prestando atenção se percebe que é de fino trato, deitado no chão com uma mochila feita de travesseiro. Não sei, não. Você revela muito mais do que uma aparência amassada e barba por fazer. Vejo uma situação de grande crise emocional, talvez financeira. Ou ambas.

— Terminou a adivinhação? Talvez eu só tenha enfrentado a morte, nada mais, e quem sabe só queira recomeçar — justifiquei.

Íris arregalou os olhos azuis que deixavam transparecer um brilho inquietante com marcas de dor.

— Algumas vezes contamos histórias através do olhar, da aparência, das experiências desta e de outras vidas. Outras vezes, elas surgem de um acontecimento bom ou uma experiência ruim. O importante é transformar o que incomoda em algo que faz sentido — respondeu Íris.

— Seria como viver o presente com a experiência do passado? — perguntei sem saber por que estava tendo aquela conversa com uma estranha.

— Sim, contudo sem esquecer que as experiências adquiridas, queiramos ou não, refletem nas horas que transcorre o dia infiltradas em nossas ações. Por outro lado, a motivação nos coloca na egrégora para um futuro melhor — ponderou Íris, agora com certa timidez.

— Além de recomeçar a vida aos cinquenta anos, preciso entender a dor da saudade que combato desde sempre, acrescido a outras perdas, quebra as pernas e nos deixa sem movimento.

A conversa cessou. Talvez o cansaço, a fome ou os dois juntos, tenha dominado minha vontade de continuar.

— Vamos! Trouxe almoço, deve dar para nós dois.

Entramos no casarão que um dia foi uma pousada, carreguei a mochila, Panthro seguiu atrás, o violão permaneceu no carro. Talvez minha alegria nunca mais voltasse e eu não precisasse mais dele.

— Acredito no ditado, "quem foi rei ou rainha nunca perde a majestade" — comentou Íris, como se ouvisse meus pensamentos.

Capítulo 23

O rosto de Íris surgia na minha memória como o amanhecer de um novo dia.

Entramos pela porta da recepção, Íris e eu. O hall mantinha a decoração de bom gosto, indicativo de que o lugar se mantinha pronto para receber seus hóspedes. No balcão, o livro com capa dourada registrava o fluxo de entrada e saída, repousava como se tudo por ali estivesse em pleno funcionamento.

Corri o olhar na data do último registro; março de 2011. Data em que cheguei à capital. Coincidência?

As chaves penduradas em um painel iluminado, estavam perfeitamente organizadas. Nem parecia a mesma propriedade vista por fora.

Na parede um quadro escrito com giz: O medo não se esconde aqui.

Passamos por um corredor pouco iluminado e chegamos à sala. Uma cristaleira com porta de vidro, dava para ver os pratos e a decoração com o nome, Pousada Flor do Deserto de Íris. Do outro lado, talheres de prata e ouro.

Entramos direto para a cozinha, fogões enormes cheiravam a limpeza. Prateleiras com tudo que uma cozinha de restaurante precisa, à espera de um chef gourmet.

— Vou arrumar a mesa, pode lavar as mãos no lavabo da entrada.

Em silêncio fui lavar as mãos e o rosto. Sem coragem de me olhar no espelho, não acendi a luz. Mas a ironia do destino prega peças e a claridade do sol chegava pelo vidro da janela e mostrava marcas na toalha branca.

Arregalei os olhos, o espelho revelava meu estado deplorável. A que ponto cheguei! Refleti. Outra vez, esfreguei o rosto, as mãos. Desta vez com o sabonete disponível na pia. Mas a toalha só uma máquina de lavar podia dar jeito.

Fui para a cozinha e lá encontrei a mesa posta com pratos, guardanapos, talheres, dois copos para vinho e dois para água. Puxei a cadeira e me sentei.

— Pode pegar um vinho na adega, segue pelo corredor à esquerda. — Apontou para a lateral da cozinha. — A adega fica na porta verde.

Fiz o que ela pediu. A porta verde escrita "adega" era logo à frente, abri a porta e me deparei com prateleiras com vinhos de primeira qualidade. Escolhi um tinto. Saí da adega, fechei a porta e avistei outra porta mais para os fundos do corredor, com escritos: "guardados esquecidos, não entre sem ser convidado."

Voltei para a cozinha, Íris indicou o abridor em cima da mesa, abri o vinho e servi. Ela nos serviu a comida com a delicadeza que eu não estava acostumado. Com Joana, minha ex-mulher, nunca tínhamos uma refeição descente, era briga o tempo todo.

— O que aconteceu? Digo, com você e consequentemente com a pousada?

— Todos nós guardamos histórias na alma, algumas nem sempre são fáceis de revelar. — Íris mexeu em círculos o garfo no prato.

— Desculpe, fui invasivo. Sei bem do que você está falando.

Ela se perdeu com o olhar no vazio.

— Notei que por fora a aparência do casarão necessita de cuidados, no entanto, por dentro até onde enxerguei está impecável, tirando uma coisa ali outra aqui. — Não completei a frase. — Mas, entendo que uma pessoa sozinha se torna difícil manter a conservação de uma propriedade como esta.

Íris concluiu de forma mecânica.

— Poderia contratar alguém, mas não tenho coragem de tocar tudo isso sozinha.

Ela escutava em silêncio com os olhos fixos na parede.

— Considero um desperdício, a propriedade é tão bonita. Quem sabe um dia eu possa consertar? Se permitir que me hospede por tempo indeterminado. — Baixei o olhar.

— Por enquanto vou manter as coisas como estão — respondeu em tom definitivo.

— Quanto a mim, preciso colocar a cabeça em ordem e aqui é bem sugestivo, um bom lugar para se encontrar, mas entendo que você não me conhece. Se estou sendo inoportuno, vou embora agora mesmo.

— Acredito que você seja uma boa pessoa, pode ficar ou ir, como quiser. — Fixou o olhar na parede atrás de mim.

Não me contive e me virei, na parede uma foto de casamento chamava a atenção.

— Coloquei aquela foto ali na parede da cozinha porque na época o glamour estava no auge e aqui, onde estamos, era o lugar das refeições íntimas com meu marido. Assim que a cozinheira se retirava, tornávamos o ambiente especial, uma boa música um bom vinho, o espaço era exclusivamente nosso. A noite terminava com uma dança romântica.

— Desculpe, fui invasivo! Pode mostrar o quarto em que vou descansar?

— Mas você mal tocou na comida, no vinho — insistiu ela.

— Não sinto fome, nem vontade de beber.

Um desagradável cansaço tomava conta de mim, não queria escutar nem a voz que gritava por um recomeço, tampouco os problemas de Íris.

— Entendo você, vou mostrar seu quarto.

Íris e eu percorremos o vasto corredor, à direita uma porta francesa estava escrito: refeitório. Ao lado, uma janela de vidro para um jardim de inverno. Do outro lado se localizava os quartos, voltados para frente.

— O seu é número dez, no final do corredor.

Entramos, ela abriu as cortinas da porta que dava para a sacada, o sol passava pelas frestas das araucárias e iluminava o ambiente. À direita, o banheiro com banheira de hidromassagem.

— É mais do que eu preciso.

— Nada como um bom banho na banheira para dormir descansado — disse ela com tom de voz que não deixava dúvidas quanto à minha higiene.

Era indicador de que falava sério.

— Não se preocupe, vou tomar banho antes de me deitar — disse com tom de voz ríspida.

Ao lado da cama, o tapete de dormir do Panthro. No banheiro, um pote com água e um tapete higiênico. Em cima da cama toalhas limpas, como se estivesse esperando por mim. Na frente, um armário de duas portas, na parede lateral um quadro de lavandas enfeitava o ambiente.

Abri a mochila, retirei o porta-joias, e lá no fundo estava o celular que comprei no caminho, o outro cheio de contatos joguei no mar. O novo eu deixei desligado, só usaria no caso de urgência. No meu caso, o mais urgente era eu mesmo, deixei no fundo da mochila, finalmente cortei minha comunicação com o mundo, empurrei tudo para dentro do armário.

— Mantenho um quarto arrumado, no caso de uma visita surpresa. — sorriu meio sem jeito. — A propósito, que linda a caixa de joias, nunca vi um homem carregar uma. Que segredos têm aí?

Voltei o olhar para o armário. Respirei fundo, por que as pessoas não respeitam a privacidade alheia?

— Uma foto com minha filha, até onde sei, mais nada.

Virei-me e fixei o olhar nela, indicativo que de verdade queria ficar sozinho.

— Obrigado pelo jantar, pela acolhida.

— Vou deixá-lo a sós com seus botões.

Bateu à porta atrás de si, tão rápido que não tive a oportunidade nem de piscar os olhos.

Atirei-me na cama do jeito que estava.

Capítulo 24

Precisava me afinar com as coisas simples da vida.

Acordei com a cantoria dos pássaros, o sol entrava pela fresta da persiana da porta que dava acesso para a sacada. Levantei-me, abri-a. A brisa fria da Serra Gaúcha roçou meu rosto. O carro que deixei na frente da sacada estava coberto por folhas secas do plátano.

Escorei-me com as duas mãos no parapeito da sacada, enxerguei a natureza com toda a sua forma. Refazia-se sem a necessidade de moldá-la segundo a vontade do homem. No entanto, se a proprietária ainda tivesse interesse em deixar tudo em pleno funcionamento era necessário torná-la atrativa.

Eu poderia ajudar, não agora, talvez um dia. Pelo simples fato de me sentir igual a propriedade, ou seja, uma bagunça abandonada.

O que acontecia com minha vida? Sempre fui uma pessoa pragmática, hoje não sabia quem era. A única coisa que fiz foi me aprisionar no poder. O mundo material exercia nas mentes das pessoas um vazio tão grande que nos perdíamos de nós mesmos, por isso, fugia para encontrar minha essência.

Uma batida à porta.

— Um momento, por favor!

Abri a porta do quarto e lá estava Íris, radiante. Panthro, que sempre foi arredio com estranhos, correu para ela.

— Bom dia! Pelo jeito conquistei um amigo.

Recordei da pesquisa dos nomes, Aurora e Íris. Aurora significava o nascer do sol; Íris, o arco-íris, ligação entre o céu e a Terra. Escolhemos Aurora para o nome da minha filha, apelidei-a carinhosamente de meu Raio de Sol.

— O café está na mesa.

— Em cinco minutos — respondi com olhar perdido no nada.

— Vem comigo, Panthro. — Ele roçou o rabo nas pernas de Íris. Com um piscar de olhos, ela disse: — Depende de você.

— Do que está falando? — perguntei.

— De curar as feridas que vem da alma, mas primeiro você precisa cuidar do corpo. — Apontou para minha imundice.

Escorei-me na porta do quarto e observei Pantho caminhar ao lado de Íris, coisa que não fazia com estranhos, com ela parecia à vontade. Mais um ponto de interrogação na minha coleção, baseado no princípio de que as coisas nunca eram o que pareciam ser. Observei até ela desaparecer com Panthro pelo corredor afora, enquanto uma voz se debatia dentro de mim e desafiava a minha inteligência; entre nós, a ligação podia ser maior do que eu imaginava.

Fui para o banheiro, passei uma água no rosto, era o mínimo que podia fazer, já que não tomava banho há dias. Saí do quarto com o mesmo abrigo que dormi, não trouxe quase nada comigo. Uma escova de dentes, um creme dental, um xampu, um par de tênis, meias e dois abrigos. Era tudo.

A porta da cozinha estava aberta, Íris me aguardava para um café completo.

Sentei-me no mesmo lugar à mesa que estive no jantar.

— Tome um suco de laranja, vai fazer bem — disse ela, com carinho na voz. — Vejo que não tomou banho. Aliás, o cheiro se misturou com o aroma do café, tem medo de água?

Íris mordeu o lábio.

Do outro lado da janela, o jardim nos fundos mostrava um mundo resplandecente, imaginei ser o lugar particular dela, que eu não ousava por enquanto conhecer.

— Preciso que minha dor permaneça comigo, sem banho, sem alegria — respondi sem olhar Íris nos olhos.

Tomamos café em silêncio. Assim que me levantei para colocar a louça na pia, Íris me convidou a conhecer o lugar.

— Queria mostrar a propriedade, mas acho que agora o melhor é você conhecer o jardim — disse e se virou para recolher a louça.

Ela não perguntou se eu queria, se estava disposto, só colocou firmeza no tom de voz.

— Por hoje, conhecer o casarão será suficiente.

Este se dividia entre dois mundos, de certa forma refletia a minha história de vida e morte. A propriedade por fora não tinha sinal de vida humana, já por dentro resplandecia amor. Ao contrário de mim, era só caos por dentro e por fora.

Um executivo respeitado, mas odiado pelo autoritarismo e arrogância, merecia clemência?

Capítulo 25

Ferida aberta é o nosso maior calcanhar de Aquiles.

Imerso em meus pensamentos, caminhava entre Íris e Panthro. Os dois, um de cada lado, pareciam respeitar o meu silêncio. Ainda não tínhamos

intimidade para falar das coisas da vida, muito menos nas coisas da alma.

Diziam que tudo era uma questão de tempo, para curar todas as feridas, as minhas precisavam de muito mais. No físico elas eram tratadas com a medicina, na alma ainda não sabia como fazer isso. O que sabia era que começaria pelo básico, encontrar a resignação, descobrir o significado do que representava para mim, por fora ou por dentro, ou os dois juntos. Tanto fazia! Mas uma coisa era certa, o significado da paciência era muito mais do que encontrávamos no dicionário. Acreditava que estivesse no equilíbrio das polaridades.

Panthro correu atrás de um pássaro, por pouco não cometeu um assassinato.

— Miauuu.

— Frustrado, meu amigo. Não devia, precisamos respeitar toda criação de Deus.

Ele levantou o rabo e caminhou senhor de si. Incrível como ele entendia o que eu dizia.

— Nunca tive animais, acredito que eles não precisam ser comandados pelo homem, todos deveriam ser livres. Não basta apreciar a natureza? — disse Íris com jeito de arrependida.

Encarei-a com cara de poucos amigos.

— Eu sei, Panthro é um gato. Não só um gato, entendo que para você ele é mais do que um animal, ele é um amigo, daqueles raros, estou apaixonada por ele — declarou Íris com um lindo sorriso que me desconcertou.

— Aqui ele é livre para correr, interagir com a natureza — respondi com certa contrariedade no tom de voz.

Continuamos a inspeção, no meu ponto de vista era necessário tirar todo aquele arbusto que cobria as paredes, fazer uma boa limpeza. Lavar as aberturas, lixar e talvez uma pintura fosse suficiente. O telhado precisava ser revisado de fio a pavio, trocar as telhas quebradas era prioridade.

— Um trabalho de meses. — Arqueei as sobrancelhas sem olhar direto nos olhos de Íris.

— Leve o tempo que precisar — respondeu com tristeza no olhar.

— Está falando de mim ou do casarão?

— Dos dois — aquiesceu ela sem sorrir.

Pelo visto não estava sozinho no privilégio das dores, onde o tempo era um fator essencial, existiam aflições que eram difíceis de curar, feridas abertas significavam colocar a mão num vespeiro sem proteção.

— Dizem que a dor tem o poder de curar a alma das pessoas. Concordo discordando e digo mais, depende da origem da dor, algumas carregamos por muitas encarnações. As questões diferem umas das outras, algumas em pouco tempo visualizamos novas possibilidades, em outras são necessárias muitas vidas — explicou Íris.

Nunca me passou pela cabeça estar do outro lado da ponte, lugar que separava os vivos dos mortos. Aliás, há mais ou menos quatro meses, nem cogitava a existência de outro lado. Tampouco passar pela prova que estava passando.

Minha mãe falava sobre as coisas da alma, escutava sem entender, até o encontro com Josué. Aos poucos recordava do que ele dizia, no qual fiquei com boa recordação, às vezes, as palavras soavam distantes, outras vezes eram nítidas, mas todas remetiam a uma boa conversa, algumas mais decisivas no que se referia a ser forte, do contrário perderia os benefícios da prova.

Sentamo-nos na grama em silêncio, as palavras foram abafadas pelos gritos da dor. Permanecemos quietos, cada um a sós consigo mesmo, até eu ralhar com Panthro.

— Panthro, não vai longe! — gritei. — Você não conhece o lugar, muito menos os perigos da mata — frisei com voz firme.

Ele voltou pé por pé, espreguiçou-se e rolou na grama.

— Os gatos são inteligentes — argumentou Íris.

Um pássaro que eu conhecia muito bem pousou num arbusto, não queria que ele revelasse minhas aflições, por enquanto era melhor deixá-lo a portas fechadas, ou não.

— Olhe! Ali no arbusto. — Apontei. — Aquele pássaro se chama bem-te-vi, sei o nome dele, porque ele chegava na janela do meu apartamento todos os dias e me acordava com sua cantoria.

— Que maravilha! — disse Íris com alegria no tom de voz.

— Minha filha, na época com dez anos, dizia que o pássaro trazia sorte ou um aviso importante. Daquele dia em diante passei a excomungar o pássaro, achava que no meu caso ele trazia azar. Hoje, por incrível que pareça, sinto falta da interferência dele na minha vida. Acredito que é sempre assim, sentimos saudades do que nos escapa das mãos, mas negligenciamos os avisos o tempo todo. Por outro lado, o azar pode ser sorte, enfim, não somos coerentes com nossos sentimentos, palavras e ações.

— Aqui ele chega à árvore em frente a janela do quarto onde você ocupa, todos os dias às dezoito horas, canta e a família vem ao encontro dele. Encanta-me a disciplina das aves, o aguçado poder de percepção das coisas — revelou Íris.

— Minha filha repetia: "Pai, quando um bem-te-vi canta na janela, pode ser um sinal para prestar atenção na essência". Na época, não considerei as palavras de uma criança.

— E hoje?

— Considero que foi um mau agouro.

— Nunca se sabe — respondeu Íris. — Como se eu tivesse tocado sem querer em algum ponto sensível.

— O canto dele durou por dez anos, até um desastre se abater sobre mim, no sentido figurado. Igual um raio que atingiu minha cabeça e me dividiu em dois seres, um que pertence a materialidade e o outro a espiritualidade desconhecida para um homem materialista como eu.

— Você acredita ou não acredita na espiritualidade? — perguntou Íris.

— Enquanto estava no coma, aprendi o suficiente para saber que existe — respondi, convicto.

— Explica isso, por favor! — Arregalou aqueles lindos olhos azuis.

Levantei-me, nem chamei Panthro. Não queria explicar detalhes do porquê de estar assim, virei as costas e entrei casarão adentro.

Capítulo 26

A esperança crescia aos poucos dentro de mim.

O tempo passou e eu oscilava entre o homem materialista e o homem que buscava a essência junto à espiritualidade. Tomar decisões nunca foi difícil, até me defrontar com algo que sempre neguei: a vida após a morte. Não tinha escolha, a oportunidade era definitiva, livre-arbítrio já não me pertencia, pelo menos não nesta vida. O reconhecimento da existência espiritual era necessário, visto que o passado já não me pertencia, a não ser para reparar os males que causei.

Íris me convidou várias vezes para visitar o jardim dos fundos, cercado por um muro de tábuas verdes. No portão os dizeres, Flor do Deserto de Íris. Ela convidava, mas não insistia. Eu, por minha vez, não me sentia à vontade para entrar num lugar que no meu entender era particular. Daqueles lugares sagrados, um santuário.

Acordei com mais perguntas do que respostas, todas tamborilavam na minha mente como um chocalho nas mãos de uma criança. Seria um sinal de melhora, alerta ou delírio. Passei a mão no cabelo comprido, barba por fazer, ainda não era chegado a banho, enfim continuava descuidado, as feridas na alma não apresentavam sinais de cura.

Era hora do plano B, jeito de dizer por que não tinha um plano B. Aliás, nenhum plano, minha vida seguia sem rumo. Pela primeira vez, não fazia falta o celular, roupas caras, carro e metodologia para gerenciar a empresa. Outra vez, deixava-me enredar pelas vias do orgulho, abusava da sorte.

Íris era uma pessoa boa não merecia minha falta de respeito. Permiti que ela cuidasse de mim, mas me vestir de coitadinho, não era adequado. Era emergencial resolver, precisava fazer um esforço para reagir. Percebia que minha vida foi uma distração no tocante às coisas que registramos na alma.

O Jipe azul de Íris apontava no pórtico do casarão.

A saudade de Aurora consumia minhas forças, mas não podia continuar a cair nas armadilhas do passado. Passei a escutar a voz que dizia que eu precisava lutar. Precisava dar ouvidos à minha intuição.

Íris estacionou, saiu do carro com as mãos cheias de compras, fechou a porta do veículo com o ombro. Antes de dar um passo, virou-se na direção da sacada. Era evidente o olhar de desaprovação.

O tempo passou e eu continuava acovardado, dormia cedo, despertava tarde e não era nem de longe uma pessoa sociável. Não recolhia os pratos, agia na condição dela ser minha subordinada. Banho só quando não me aguentava mais. Insustentável minha situação, pior não podia ficar. Se ela fosse eu, já tinha me jogado no meio da rua.

Uma batida, Panthro se espreguiçou e caminhou em direção a porta.

Miau!

Abri a porta e lá estava Íris com as sacolas penduradas nos braços. Entrou sem dar bom dia, jogou as compras em cima da cama com os lençóis revirados. Imediatamente colocou a mão no nariz, eu devia estar fedido.

— A situação caótica que você se encontra não dispensa banho. Acha que é o único a sofrer neste mundo? Quem não cuida de si, não merece ajuda. Já faz mais de dois meses que está sob meu teto, e eu não sei nada sobre você, ainda assim se dá o direito de ser o dono do tempo.

Nunca tinha visto Íris alterar a voz, foi uma prova de choque.

— Vou embora — disse com razão.

— Não é bem assim, seria simples demais. Respeitei você, não cobrei nada, e não estou falando de dinheiro, sim, de cooperação. Seja o que for que aconteceu, agora é minha responsabilidade ajudar você. — O tom da voz me assustou.

Fechou a porta do roupeiro com o pé.

— É para ficar assustado mesmo. Vamos, vamos, vamos! Um banho quente faz bem, não se pode curar a alma negligenciando os cuidados físicos.

Íris me tratou como criança, fui para o banheiro sem reclamar. Pior, não revidei. Esfregou minhas costas com uma bucha vegetal para banho.

— Um banho quente faz milagres. — Pendurou um roupão branco, depois saiu e me aguardou no quarto.

Quando saí do chuveiro, sentia-me outra pessoa, mais leve, ainda absorto por pensamentos que me assombravam. Íris me fez sentar na cadeira. A cama se encontrava perfeitamente arrumada, com lençóis brancos limpos, o ambiente cheirava a lavanda. As roupas sujas não estavam na cesta para lavar, mas num saco de lixo.

— Estas coisas, só jogando fora. — Apontou com o indicador, com o olhar de reprovação. — Não me atrevo a estragar minha máquina de lavar.

Íris retirou uma tesoura e um pente de dentro de uma bolsa de mão, colocou um pano branco ao redor do meu pescoço, cortou meu cabelo e fez a barba sem dizer nada o tempo todo.

— Veste isso, vamos fazer um lanche, depois uma caminhada vai te fazer bem. Panthro comeu sua língua?

Não respondi. Vesti a roupa e calcei o tênis que ela trouxe. Olhei-me no espelho, coisa que há muito tempo não fazia, talvez por medo de não me reconhecer. Estava muito magro, o rosto cansado. Em poucos meses, minha aparência era de sessenta anos descuidados.

— Por trás da aparência desleixada, você é um homem bonito. — Sorriu mais calma.

Gostei de me permitir ser cuidado, seria este o começo da mudança que precisava alcançar?

— O olhar na natureza nos coloca na elevada consciência para viver longe das impurezas dos nossos becos escuros — comentou e sorriu como se soubesse do que estava falando.

Íris apressou o passo pelo corredor afora, Panthro seguiu ao lado, eu fiquei um metro longe para não dizer bobagens.

— Por acaso já curou suas feridas para dar testemunho? — indaguei com jeito irônico.

Ela se virou.

— Você fala! Desculpe a ironia. Não é bem assim que acontece a cura, nada é fácil. Precisamos tentar se recuperar da melhor forma possível, cair e se

levantar faz parte do processo, no meu caso, tento todos os dias e, ainda não me sinto curada. No entanto, uma coisa é certa, não me prostro como uma coitada nem me entrego ao desânimo.

Chegamos à cozinha, o lanche estava no balcão da pia.

— Pegue seu lanche e vamos para o jardim.

— O que vamos fazer lá?

— Não importa! Você só vai conhecer, depois faça o que quiser.

Os primeiros passos me causaram arrepios, caminhei meio arisco, a visão que tive nem nos meus melhores dias imaginei que existisse algo tão primoroso, um mundo à parte, um lugar imaterial.

O perfume que vinha das flores, a organização, as plantas, todas tinham seu lugar de destaque. Os beija-flores passeavam de um lado a outro com maestria, aquilo era miragem, enlouqueci ou continuava no coma. Cheguei a me perguntar se meus olhos me traiam ou se uma realidade paralela acontecia naquele belo recanto.

Pertencia a Terra? A atmosfera era contagiante, ali com certeza reinava a paz. O barulho das águas num lago extraordinário circundado por pedras e peixes dourados inebriava meu ser.

— Sente-se! — Íris apontou para o banco.

Sentei-me, enquanto saboreava o lanche respirava aquela sensação de leveza e me deleitava com o perfume. Um sonho. Não, não, não podia ser, eu estava acordado. Podia-se dizer que ali a tristeza ou o descuido não faziam morada, era de uma beleza indescritível.

De algum jeito me sentia envergonhado, a parte materialista, desumana fria e calculista não pertencia àquele lugar. Fechei os olhos na certeza de que Josué me escutava. E, escutou. A esperança crescia aos poucos dentro de mim, senti-me gigante, tudo ali se tornava possível até emergir do atoleiro em que se transformou minha vida. Não era fácil, mas perfeitamente possível. Era só ter paciência.

— Calisto! Além dos reversos e inversos, existem muitas outras coisas que não ousamos imaginar. O mundo interno nos mostra que existem cores no processo curador. Não importa os acertos e desacertos, as projeções possuem olhares distorcidos. Precisamos enxergar além da sombra. Mais do que isso, descobrir o que fez soltar o gatilho, e antes de enfrentar o caos é importante sair do esconderijo e enfrentar a sombra que tomou conta da essência.

— Sei bem do que você fala, o poder que exercia sobre meus funcionários, fazia mal a eles e a mim. Desde tenra idade abandonei o essencial, o valor das coisas pequenas para viver no luxo. Não me arrependo, fiz o que tinha de ser feito, mas agora, sinto que tenho um caminho de mudanças pela frente.

Apertei os lábios, envergonhado de partilhar meus equívocos.

— Depende exclusivamente de você. — Íris torceu os lábios como se estivesse com receio de me magoar.

— A sombra que me acompanhou nada mais é que meu eu distorcido da realidade. Do que me tornei no mundo material, ignorando a essência, o motivo que nos trouxe à Terra para evoluir. O poder se torna presunçoso e separa cada vez mais o Ser da espiritualidade — disse convicto do que falava.

— Encontrar-se no passado e reconhecer a necessidade de lidar com a sombra são fatores primordiais para seguir em frente — ela falou com o olhar perdido na flor em frente ao banco, onde estávamos sentados.

O jardim era surreal, a flor, o banco e toda a magia contida nos parcos metros de terra podia ser um sinal divino para quem se via perdido, e desejava se encontrar. Um lugar perfeito para refletir e me conectar com minha inteireza.

— Vamos! — ela sugeriu.

Íris gentilmente segurou minha mão, meu coração palpitou, nunca me senti tão seguro.

Olhei para trás.

Dei um passo em direção a um novo começo. Recuar? Nem pensar. Era hora de enfrentar meus medos, as reflexões no jardim refletiam o remédio para minha alma, enquanto com a reforma, encontraria a saúde mental de que precisava.

— É lindo! — suspirei.

— Nem sempre foi assim, um dia conversaremos sobre a transformação do jardim. Chamado pelo meu marido de jardim da Flor do Deserto, o nome está lapidado na placa de madeira acima do portão, reparou?

— Desde o primeiro dia, não disse nada porque poderia ser sugado para dentro, pelo menos era assim que me sentia, como se o portão tivesse um imã. A sensação me incomodou. Por isso, fiquei o mais longe possível. Hoje percebi que a intuição é uma força poderosa que não devemos ignorar.

Apertei a mão de Íris e outra vez partilhei meus fracassos internos.

♥♥♥

O tempo passou. Um dia saímos do jardim de mãos dadas, iguais velhos amigos, aquilo era bem estranho, podia contar nos dedos as vezes que segurei a mão de uma mulher. Íris parecia bem à vontade, eu constrangido; até porque não gostava de ser tocado por pessoas estranhas. Mas Íris não era mais uma estranha, a intuição me dizia que a conhecia de outras vidas.

— Você tem razão em tudo o que já me disse, mereci cada palavra, no entanto o conforto do jardim despertou dentro de mim uma força que não sei explicar. Com certeza diferente da que eu exercia no poder.

— Este foi meu propósito — relatou Íris.

— Significa que tenho mais uma oportunidade com você? — Arqueei as sobrancelhas.

— Com certeza, mas não vai se acostumando. — Balançou nossos braços.

— Não quero dizer da boca para fora que mudei, preciso encontrar a mudança do homem que desejo ser dentro de mim, antes disso não prometo nada. Quando encontrar o caminho para uma vida tranquila, acredito ser o primeiro a reconhecer. Um homem orgulhoso como eu, posso demorar um pouco mais. Se você me aguentar, prometo ser uma boa pessoa. O mais difícil já fiz, distanciar-me do poder das conquistas materiais, destas que me distanciaram do ser que Deus criou para evoluir.

— Para cada um o aprendizado é diferente, você estará pronto quando se sentir pronto, a nova caminhada espera por você. A mudança sincera não

acontece negando o passado, sim, abraçando a colheita do aprendizado. Olhar para o passado nunca é fácil, mas não é impossível — argumentou Íris.

— Algo lá dentro do jardim mexeu comigo, a ponto da minha alma gritar por algo que ainda não conheço. — Silenciei por uns segundos. — Acredito que posso atravessar as camadas que sempre usei como fuga e ter num encontro favorável com meus medos. Sou uma pedra bruta, vou me lapidar até encontrar minha essência.

— Não sabe como é bom ouvir isso. — Sorriu.

— Consertar o casarão, fazer algo útil é o começo da transformação. A vontade é minha força. Se me permitir, é claro! — afirmei com as sobrancelhas arqueadas.

— Aceito, tudo pela cura. Quero fazer parte da reforma, mas saiba que vou contratar alguém para ajudar — disse com seriedade no olhar.

— Pode ter certeza, já faz. Ensina-me a florescer no seu jardim? — perguntei como uma criança que pede um brinquedo.

— Nosso Jardim — respondeu Íris e sorriu, foi o sorriso mais lindo que já conheci.

Capítulo 27

Vivia assombrado pela minha insensatez.

Consequências nos espreitam no viés do dia, nas mudanças das estações, durante a vida, ou na vida depois da morte.

Nada como um dia após o outro para enxergar o que nos cercava com mais clareza. Silenciar para escutar o que existia atrás da cortina do medo era a coisa certa a fazer. No jardim do deserto de Íris, reconheci-me nas coisas simples da vida.

Alguns dias após a primeira visita ao jardim, acordei com mais vitalidade do que os outros dias, era hora de levar a sério o que a vida me oferecia. O exercício interno, às vezes avançava, noutras estacionavam e muitas vezes parecia que minha vontade se aniquilava.

Fui para o jardim, sentei-me no banco ao lado de Íris.

Conversamos, Íris e eu, sobre meu processo de autodesenvolvimento, trocamos histórias e ideias reflexivas. Tudo começava a fazer sentido. Decidimos que no amanhecer seria o melhor período para equilibrar nossas emoções e sentimentos.

Assim, aos poucos, passei a compreender as coisas verdadeiras da vida e o quanto estive equivocado. Para me curar, entrei no passado através do silêncio reflexivo guiado pela minha anfitriã, no jardim sagrado. Refazia meu caminho a passos de tartaruga. Como dizia Íris, não podia entrar sozinho no jardim, pois o autoconhecimento não acontece num estalar de dedos. Mal sabia ela que já o visitei em sonho.

Segundo Josué, a alma é livre no mundo dos sonhos, em parte, porque ela liberta do corpo físico se conecta com quem tem afinidades e, às vezes busca no passado seus afins de outras vidas.

Aquietei meu coração para seguir à risca a recomendação de Íris. Era um aprendiz da última hora, o que podia saber para debater sobre um assunto complexo? A pressa era inimiga da perfeição. Comecei a estudar sobre o assunto, mas por hora o que preciso mesmo era entender o meu processo evolutivo.

Um pássaro cantarolou num arbusto.

Uma nova rotina se descortinava na minha vida, respirei a paz do lugar, longe da corrida pela perfeição material. Antes corria no calçadão da Orla do Guaíba para me desestressar, coisa que não era duradoura, no escritório assumia o coração de pedra. Hoje podia dizer que era livre para desnudar meu ser sem reservas. Viver as trevas e a luz sem me partir ao meio. A sombra da máscara de durão, aos poucos ganhava a forma da minha essência.

Descobri o direito de viver cada estação com o melhor de mim, sem me colocar em maus lençóis perante Íris. Nunca quis saber o que os outros pensavam sobre mim, pela primeira vez confiava em Íris, nossas conversas eram importantes.

A natureza sinalizava cores e formas.

Inacreditável, enquanto executivo vivia no corre-corre da vida sem perceber a natureza e, o grande paradoxo, sem ela não vivemos. Ela se transformava a cada estação com naturalidade. Enquanto nós vivíamos cheios de dramas com invernos intermináveis, quando tudo a nossa volta nos inspirava e nos encorajava o tempo todo.

Meditar era minha prioridade, mas trabalhar na reforma ampliava minha vontade de me sentir útil.

Íris foi buscar um livro para ler no gramado, eu fui para o depósito buscar meu material de trabalho.

♥♥♥

Busquei a lata de tinta no depósito coloquei num recipiente menor com alça para pendurar, peguei a escada e fui até a frente da casa.

Escorei a escada na parede, pendurei o recipiente de tinta no gancho que fiz e subi com o pincel na mão. Passei a primeira pincelada e admirei o tom do azul da tinta que Íris comprou, as janelas dariam vida ao prédio. Enquanto observava por onde começar, não pensei em Pantho, sempre por perto aprontando alguma coisa.

Desta vez ele foi longe com suas travessuras. Correu atrás do pássaro que passou por ele num voo baixo. Ele não deixou por menos, passou como um risco por baixo da escada, quando me dei conta já estava no chão com a escada por cima de mim. Ainda no chão enxergava meu gato mais azul do que o velho gato azul russo, todo tingido atrás do pássaro. Olhei para o lado o recipiente que usava, escorria tinta pela grama.

— Panthro, o que deu em você? — ele se atirou por cima de mim.

Imobilizado por uma escada e meu gato, ri como nunca.

Pela primeira vez notei que me descobria numa risada, eu já pertencia àquele lugar.

Avistei Íris que lia embaixo de uma sombra, perto o bastante para ouvir minha risada. Com toda a calma fechou o livro, largou na grama e observou eu

sair debaixo da escada e rolar com Panthro sujo de tinta.

— Bravo!

Ela se levantou e bateu palmas.

— UAU! Vejo que o novo ciclo já está a pleno vapor. — Aproximou-se.

— Acho que sim, ou não, só me adequando às coisas simples, mas ainda em busca da minha essência. — Sorri.

Íris caminhou em minha direção.

Levantei-me, o gato voltou a correr.

— O despertar da consciência é um paradoxo inconfundível entre a razão e as emoções.

Apertou os lábios, fazia isso sempre que não tinha certeza se o que dizia me agradava ou não, mas o rosto mostrava alegria.

— No ritmo cego de um homem rude, mudar significa um dia de lapidação por vez. — disse com o olhar ao longe.

— Como um diamante que espera para ser transformado em joia? — perguntou-me Íris.

Alguma coisa me dizia, quanto mais me aproximava do entendimento da mudança mais Íris se distanciava de mim.

— Talvez, mas não exagere, ainda é muito cedo para dizer qualquer coisa. — Sorri e esfreguei as mãos na camisa. — Vou retomar a pintura.

— Você é quem sabe, mas vou logo avisando, se não entrar logo na cozinha vou comer o lanche, sozinha — alertou e saiu a passos largos.

— Um dia vou concluir a pintura, mas não agora nem hoje. — Sorri.

Corri atrás da Íris, levantei os braços para segurá-la pela cintura, mas travei como se tivesse tropeçado na minha sombra. Diminuí o passo, baixei os braços, ainda não me sentia no direito de certas liberdades.

— Antes da pintura, não seria melhor tirar o inço das paredes? — Sem olhar para trás ela balançou a mão no ar e apontou com o dedo para o casarão.

— Vou contratar uma pessoa para ajudar na reforma.

Capítulo 28

A visita de Aurora.

Os dias passavam e eu continuava com meus altos e baixos.

Uma noite, não conseguia dormir, atormentado pelos barulhos da escuridão, levantei-me e fui para o Jardim da Flor do Deserto de Íris, desta vez sozinho. A paz daquele lugar me abraçou como da primeira vez que entrei no espaço sagrado de Íris. Sentei-me no banco de frente para a flor, ali, a escuridão silenciava. Olhei para o lago, queria permanecer para sempre naquele lugar.

— Pai, paizinho.

Aquela voz que conhecia tão bem se aproximou de mim, tive receio de me virar e tudo não passar de brincadeira da minha imaginação.

— Pai! Vire-se, não tenha medo, sou eu.

Olhei na direção da voz, e lá estava minha filha com os cabelos mais dourados do que nunca, em volta uma luz com um brilho de raios de sol deixava visível o rosto angelical.

— Reaja, pai, Josué está cuidando de você. Você prometeu, lembra? Ele pediu para dizer que o desânimo é sua fraqueza. Antes de dormir, crie através do pensamento um ambiente harmônico. Se preferir, mentalize o jardim e verá que seu refazimento físico se fortalecerá. Terá força para vencer a luta interna. Tudo é sincronia, corpo e alma. Assumimos compromissos morais, que nos tornam devedores, não tem como fugir. Lembre-se disso.

Seguia olhando para ela, absorvendo suas palavras.

— Íris é uma boa pessoa. E, vamos combinar, quem teria tanta paciência com você? Pai, lute contra o desânimo, torço por você, agora preciso ir.

Eu não disse nada, minha boca paralisou entreaberta com a visão de Aurora.

— Por favor, pai! Está na hora de abrir a caixa de joias.

Voltei para a cama, deitei-me e adormeci.

Acordei com a sensação de acolhimento, a alma aquecida pelo amor da minha filha. Vendo-a bem, apaziguei meu coração. Li a página do livro que Íris deixou na minha cama, aberto no capítulo "Emancipação da Alma". Acreditava que o gesto tinha sido proposital, li a frase que resume os encontros com pessoas queridas. "O sono é a porta que Deus lhes abriu até seus amigos no céu."[1]

Acreditava no sonho, mas também que podíamos enxergar em qualquer tempo nossos entes queridos com os olhos da alma. O amor priorizado podia tudo para o nosso bem e o bem dos outros, seja encarnado ou desencarnado. Ao contrário de querer ver por capricho, não seria consistente as leis divinas, no caso a vontade não será saciada ao bel prazer.

No dia que saí do jardim de mãos dadas com Íris, prometi que logo começaria a reforma da casa. E comecei. Ainda assim, minha palavra se tornou uma fumaça esvaecida pela neblina do anoitecer.

No Jardim da Flor do Deserto de Íris, ganhei uma injeção de ânimo que se esvaia em contato com a realidade. Se não fosse minha filha chamar a atenção, talvez continuasse no atoleiro em que me encontrava. Bendito seja os vários mundos habitados, o pouco que li, vi e conversei durante o coma, compreendia que muitos dos desencarnados estão entre nós para nos alimentar de boas inspirações.

Deveria o quanto antes tomar as rédeas da minha vida, antes que Íris desistisse de mim.

Pulei da cama disposto a enfrentar o que fosse, precisava me levantar, não só da cama, mas do chão do desânimo.

Fui para a sacada, os pássaros cantarolavam numa perfeita sinfonia, e pela primeira vez notei com mais nitidez o lindo amanhecer daquele lugar.

Tomei café decidido a enfrentar a reforma do casarão, agora com mais vontade de trabalhar, arranquei as unhas-de-gato da parede. Não era difícil, para quem não está acostumado ao trabalho braçal, a tarefa podia ser árdua, mas descobri em mim a força braçal que não sabia ter.

De vez em quando Íris trazia um suco, e eu continuava no mesmo ritmo, sem pensar nos obstáculos, principalmente nos arranhões dos espinhos. Quando os braços sangraram, minha amiga trouxe uma camisa de manga comprida.

Cobri-os, nada mais me detinha.

---

1 "Emancipação da Alma". Cap. VIII - L.E – p.402

Capítulo 29

A Flor do Deserto de Íris despertava reflexões.

Anoitecia, as cores do arco-íris despontavam no horizonte sobre o jardim. Podia sentir o aroma pelas frestas da cerca de madeira. A fragrância despertava em mim um convite para expandir minha consciência espiritual. Entrei. Àquela altura, o lugar também era meu.

— Aguardava por você. — Surpreendeu-me Íris.

Sentada no banco em frente à flor, fez sinal para que eu me sentasse ao lado.

— Sei que não devia estar aqui sem você, no entanto não resisti ao chamado do aroma das flores.

— Psiu! Contemple o pôr do sol, logo podemos conversar.

Ficamos em silêncio, não estava habituado a estes costumes de reverenciar o Sol, no meu entender, ele estava lá para nos servir, nada mais.

Sabia que muitos como eu levavam a vida agitada sem prestar a atenção na natureza. Alguns mantêm as mãos cruzadas, como quem diz: deixe quieto, não vou me manifestar. E têm aqueles que rastejam em cima do muro, esperando o vento soprar. Outros enganados pela fama, materializados em si mesmos no orgulho e preconceito, mergulham na insensatez dos vícios; das armas químicas e psíquicas. Outros ainda, por todas estas razões juntas, bebem da fonte da ignorância, e eu me incluo no último. Que importa!

Nunca me entreguei ao amor, seria como entregar minhas fraquezas a outra pessoa. Preferia deixá-las engavetadas com outras que se escondiam por lá. Melhor deixar quietas as feridas, seria como cutucar um enxame de abelhas.

No topo dos meus pensamentos, surgiu uma luz que me trouxe à realidade, a natureza em toda sua plenitude. Íris abria meus olhos para a beleza, só precisava integrar em mim.

A simplicidade pertencia às coisas mais belas, permanentes e duradouras. Renovava-se todos os dias, inerente a vontade do ser humano, não esperava para ser discutida, admirada ou negligenciada. Era o que era e se transformava conforme a necessária mudança das estações. A beleza era ímpar em todos os tempos; em todos os lugares ela se fazia presente de forma integral, via quem tivesse olhos para apreciar.

O sol se punha atrás das copas das árvores das colinas e se escondia na cerca de madeira do jardim de Íris. Ela aproveitou a oportunidade para conversar sobre as coisas do meu pensamento.

— Calisto, não pude deixar de ouvir o sussurro dos seus pensamenos sobre a natureza. Nada mais é que refletir, agradecer e dar atenção ao movimento, dar um sentido para os sentimentos, a solidão é o ponto nevrálgico da dor, não tenha medo de amar.

Olhei para ela, incapaz de dizer uma palavra sequer.

— Querido amigo, somos o universo dentro do universo global, somos a criação de Deus, para evoluir continuamente dentro das Leis que rege tudo e a todos, e as Leis são perfeitas. Vivemos dentro de um movimento transitório entre a materialidade e a espiritualidade, digo, aqui na Terra e na pátria espiritual. O fato de ignorarmos as belezas naturais, não significa que elas não estiveram presentes o tempo todo. Contudo, no dia do despertar da consciência espiritual, passamos a enxergar a beleza original, das coisas verdadeiras. Mas não tenha pressa, somos crianças aprendizes.

Um beija-flor pousou na flor do deserto, naquele dia enxerguei mais do que uma flor, ela se tornou minha fonte de inspiração, transformou meu olhar, passei a acreditar na criação de Deus como fonte de energia para lutar, e nunca desistir.

Os pensamentos fluíam como se eles estivessem na minha cabeça o tempo todo, eu quem não ouvia.

Evoluir era pré-requisito para um dia chegar à perfeição dos anjos angelicais. Esse dia poderia durar milhares de anos, mas um dia irá acontecer, porque essa é a lei imutável de Deus.

O fato era que a linda flor do deserto despertou em mim reflexões que jamais pensei que faria.

O pássaro, com o mesmo canto na minha janela, pousou a minha frente em silêncio. Seria aquele um sinal de Deus desde o princípio, para que encontrasse meu caminho?

— As civilizações na Terra são heterogêneas, contudo, em todas as esferas, em todos os dogmas, em todas as religiões, na Psicologia e na Filosofia, vamos encontrar a homogeneidade num só caminho, o da evolução.

Íris suspirou, ainda com o olhar na direção do pôr do sol, e continuou.

— Quando meu marido morreu fui ao fundo do poço, desisti de mim mesma. Um dia, escorei-me na porta da cozinha, com uma xícara de café preto, não comia direito, estava pele e osso. Foi quando observei um pássaro que pousou no portão do jardim, ele cantou uma melodia não sei se alegre ou triste, o fato é que me hipnotizou. Caminhei como um zumbi até o portão, nunca tinha sido aberto por mim. Considerava o espaço do meu marido, e eu respeitava. Pensava que ali tinha apenas uma flor, um banco e terra de chão batido, nada mais.

Escutava com atenção, as palavras de Íris tocavam meu coração.

— A rotina de Hugo era o jardim. Na ocasião, desconhecia o ambiente que ele transformou num lindo espaço para acalmar suas emoções. Admirava a persistência dele em se melhorar. O silêncio no jardim trouxe melhora na autoestima dele e na maior parte do tempo, parecia recuperado da perda da filha natimorta. Tempos depois, após um longo período de silêncio, ele morreu. Creio que em paz. Antes de fechar os olhos pela última vez, sussurrou ao meu ouvido que um dia eu o compreenderia. O Jardim não era só dele, era de quem estava pronto para iniciar a jornada pelo universo interior. Perguntei em voz alta, sem saber se ele me escutava, como eu saberia que estava pronta para entrar no jardim. Ele respondeu, e as palavras ressoaram no meu

ouvido como uma melodia: "Não se preocupe, você vai saber".

Íris concluiu com melancolia nas palavras.

Baixei o olhar, eu não era o único a sofrer a perda de uma filha.

— O que minhas vistas alcançaram na primeira visita ao jardim, era difícil descrever em palavras, além de um lindo jardim. Hoje a beleza do lugar continua me surpreendendo, e ainda não sei dizer tudo o que ele representa para mim — respondi sem precisar controlar o que dizia.

Eu era fruto das minhas escolhas, ainda assim Deus estava sendo generoso comigo, enviou-me Íris para me mostrar o sentido da vida. Minha única obrigação era recomeçar.

— No dia que a tristeza dominava meu ser, entrei aqui e me deparei com um senhor. Ele conversou comigo da mesma forma que estou fazendo com você — relatou Íris. — Ele dizia sobre o significado da flor do deserto, que ela representava a força para aqueles que se sentem desamparados. Para meu marido, no começo era só um banco e uma flor, nada mais, um deserto sem sentido, tal qual o interior dele. Contudo, ele não desistiu, lutou um bom combate e o lugar se transformou num oásis, na verdade a mudança se processava dentro dele, a ponto de ele encontrar na flor do deserto, um significado.

Eu continuava em silêncio.

— Por isso, digo a você, Calisto, este é um bom lugar para refletir sobre as questões da vida e da morte. Hugo, por sua vez, entendeu que a vida continua e com a descoberta se encontrou, retirou dos ombros o peso das aflições e entendeu que se vitimizar não valia a pena. Que não passava da fragilidade humana — esclareceu da importância de se conectar com Deus em nós.

Íris silenciou e eu aproveitei para me expressar.

— Você está me dizendo que cada um vê conforme o conteúdo do seu aprendizado, o que se encontra na mente, no coração e na alma? — perguntei e aguardei a resposta, mas o que encontrei foram mais perguntas.

— Você conseguiu ver um oásis ou somente um banco e uma flor? — Apertou os lábios.

Não respondi, fiquei em silêncio. Por enquanto, o silêncio era o melhor caminho.

— Calisto, assim é com tudo, cada um enxerga a vida, conforme os desertos que carrega, as coisas são como elas estão dentro de você. Ao encarar nossos desertos, podemos transformar uma flor em um jardim. Entrego o jardim em suas mãos, ele depende do cuidado que você estiver disposto a dar sem exigir nada em troca.

Ela estendeu as mãos por todo o espaço e me alcançou como um presente.

— Saber lidar com as diferenças é sabedoria de poucos — disse com olhar distante.

— Preciso reunir coragem para humanizar minhas intolerâncias, que nada mais são do que minhas fraquezas — concluí.

Fui para a cama sem jantar, precisava internalizar tudo que vinha aprendendo.

Capítulo 30

O medo de amar.

Depois de mais um dia de trabalho na reforma do casarão, em pé, em frente à janela da cozinha, comíamos o lanche que Íris deixou pronto antes de meditar. Notei nela o olhar perdido na direção do jardim. Precisava ser discreto, afinal cada um no seu tempo. Acreditava nas mudanças que poderia conquistar, porém muitas dúvidas ainda me consumiam, contudo de uma coisa eu tinha certeza: meu coração começava a bater noutro ritmo. Toda a vez que Íris se aproximava, quase perdia o fôlego.

Dentro de mim, arrefecia a luta contra o medo de amar. O aroma do perfume de Íris abraçava o aroma da noite, a brisa cálida a roçar meu rosto, ardia só de pensar na possibilidade de amar. Dei um passo atrás, ainda não era hora de me apaixonar.

A presença alegre de Íris, seu sorriso espontâneo, fortalecia-me nas adversidades que a vida me impôs.

Olhei-a firme nos olhos e perguntei:

— Você pretende se casar um dia?

Ela olhou séria e o sorriso se escondeu numa nuvem que cobria o semblante.

— Desculpe, perdoe-me a invasão de privacidade. Não tenho o direito. — Apertei os lábios, constrangido.

— Responderei à pergunta quando chegar a hora.

Rapidamente me recompus da pergunta invasiva e mudei de assunto.

— Que benefício vou ter em vasculhar meus becos escuros? — indaguei com voz firme.

— O escuro se combate com luz — respondeu com certa ironia.

— E se o mostro do beco me atacar com suas garras afiadas? — perguntei com sorriso desafiador, parecia que as reflexões desciam pelo ralo.

— Você foi um bom líder. Isto é, no seu ponto de vista, o fato de dar lucro para a empresa, sugere que foi, contudo, empobreceu os funcionários dos seus valores, não permitindo que eles argumentassem. Segundo você, era odiado por todos. O mostro voraz que mais o perturba, pode ser do egoísmo, do orgulho, mas principalmente o medo de amar e ficar vulnerável.

Ela tocou nas minhas feridas, destas que lutamos todas as noites para garantir que elas fiquem bem trancadas, para não perturbar durante o sono.

— Você sabe tão bem quanto a qualquer líder de sucesso que o papel de uma boa gestão, é valorizar o potencial dos funcionários.

— No meu caso, talvez fosse o medo de expor minhas fragilidades internas, as que escondemos de nós mesmos.

Íris era uma daquelas mulheres que nos tornava pequenos diante da sabedoria que ela exalava, mas fortalecidos para vencer os piores defeitos.

No meu pouco entendimento espiritual, suspeitava que ela era um amor antigo, de muitas vidas.

Capítulo 31

A jornada transformadora.

— Aprendi a duras penas que gastei dois terços da minha vida — confessei como se alguém ouvisse, e ouvia, Íris me observava através do portão semiaberto do jardim.

Anunciou sua chegada, não queria me deixar desconfortável.

— Você me ouviu.

— Ouvi.

— Sente-se ao meu lado.

Íris sentou e eu confessei minhas indagações.

— Dizia alto à flor do deserto, como se ela me escutasse, gastei parte significativa do meu tempo, da minha energia em mostrar ao mundo que sou o melhor no que faço. Em resumo brinquei de Deus, na verdade trilhava o caminho das sombras.

— Como você aprendeu, sempre temos oportunidade de consertar.

Por cima do ombro de Íris pude ver Panthro empurrar o portão e entrar. Ele caminhou de mansinho e se deitou nos meus pés.

— Acredito que encontrei uma forma de salvar Joana da arapuca que eu a meti. Mas depende também de você. — Apertei os lábios e arqueei as sobrancelhas como um menino pidão.

— Ah! Poupe-me desta cara mimada. O que você quer ou precisa?

— Nesse tempo que estou sob seus cuidados, não tive mais notícias da Joana, não posso continuar com meu egoísmo, fui o grande vilão da nossa história. Magoei-a, só Deus sabe o quanto, é hora de começar a reparar meus erros, a começar por ela. Não posso entrar em contato com todas as pessoas que prejudiquei, mas sinto que preciso entrar em contato com ela.

— Onde entro nesta história?

— O que vou pedir é bem estranho, mas para dar certo preciso estar a sós com ela. Gostaria de trazê-la para passar um tempo comigo e ajudá-la no que for possível, dentro do que aprendi, se ela concordar e você permitir.

— Se eu entendi bem, você está me pedindo um encontro com sua ex-esposa na minha própria casa?

— Desculpe, isso foi demais! Continuo achando que sou o centro das atenções, com ideias egoístas.

— Estava aqui pensando que desde a morte de Hugo, não arredei o pé daqui, a não ser para fazer compras para abastecer os armários. Está na hora de eu fazer uma viagem com tempo indeterminado.

— Faria isso por mim? — perguntei.

— Amanhã partirei. Primeiro vou passar uns dias no litoral, depois seguirei rumo ao desconhecido.

— Sempre tive vontade de viajar sem rumo — disse sem pensar.

— Mas você fez isso, quando veio parar aqui — lembrou-me.

— Prometo cuidar bem da propriedade, mas, por favor, não se demore na viagem. Por favor, Íris, volte logo!

Aquele pedido saiu espontâneo, chegou a me constranger, mas ela não ligou, apenas respondeu:

— Não se preocupe vou demorar o tempo necessário, quando a Joana estiver pronta, eu estarei de volta.

— Como vai saber?

— Confie em tudo que aprendemos no jardim da flor do deserto.

Capítulo 32

O recomeço acontece quando estamos prontos para se perdoar e perdoar.

No outro dia, antes de Íris partir, liguei do celular dela para Joana. Uma pessoa atendeu, disse que ela estava descansando, que ela ligava mais tarde. Não demorou a senhora retornou à ligação.

— Senhor, qual é o seu nome?

— Calisto!

— Calisto, senhora — ela repetiu.

— Eu atendo.

Notei pelo tom de voz que ela não estava bem. Sem entrar em detalhes, contei a ela o que aconteceu comigo, o rumo que dei a minha vida, como abandonei a empresa e ela.

— Você é a primeira e única pessoa que vai saber onde estou, dispense sua funcionária, alugue um carro ou chame um pelo aplicativo e vem ao meu encontro, prometo cuidar de nós. Estou em Canela.

Com paciência que nunca tive com ela, informei o endereço, ela anotou e eu expliquei que o telefone não era meu.

— Confia em mim, estou sem comunicação, mas você segue as instruções. Tenho certeza de que não haverá problemas.

— Até o final da semana estarei aí, vou providenciar minha bagagem — respondeu com voz pausada.

— Obrigado, Joana, por aceitar meu convite.

— Fico feliz de você ter se lembrado de mim — disse num fio de voz.

— Como posso esquecer a mãe da minha filha? — indaguei com um aperto no peito.

Nós nos despedimos, meu coração desacelerou após conversar com Joana sem brigas, coisa que sempre existia. De três palavras, duas eram para nos alfinetar.

Como prometeu, Íris se despediu, acompanhei-a até o portão, a quietude que Joana despertou em mim, escorreu pelo ralo ao ver Íris dobrar a esquina com seu Jipe azul.

Os cabelos ruivos, aqueles olhos azuis formavam uma combinação perfeita, e lembravam minha filha. Como pude pedir isso a ela? Continuava um grande egoísta.

Uma pontada aguda, como se a dor da saudade entrasse pela porta das minhas emoções, sem pedir licença. Paralisei, não sabia se corria atrás ou se a deixava partir. Talvez não tivesse mais oportunidades.

Corri atrás do carro.

O silêncio barulhento fez eco na minha cabeça e num ímpeto queria gritar: fique, não se vá! Abraçar aquele corpo cor de neve, rolar nossos corpos na grama orvalhada pela noite, sorver o perfume de lavanda e amá-la com todos os meus desejos contidos pelo medo de amar.

Sorvi o ar, o cheiro dos cabelos ruivos com a essência de lavanda, impregnado no ar se fixou em minhas narinas. Pela primeira vez fui tocado pelo amor, que nunca me permiti viver, pelo menos não nesta vida. Não tive coragem de correr atrás, precisava antes acertar as contas com Joana.

Contive o impulso, atirei dois beijos, agradeci num grito desesperado, desejei boa viagem, como se ela ainda pudesse me ver e ouvir.

— Já me arrependi da minha sugestão — falei para o Panthro, que me observava em silêncio. — Você foi sensato — respondi por ele, a voz do grito contido, despertou-me para a realidade.

Precisava me acostumar sem os lindos olhos azuis a me hipnotizar. Era tarde, ela se foi.

Capítulo 33

As flores são o maior espetáculo da primavera.

Os galhos desnudos do plátano cediam lugar as folhas verdes. Perto da minha janela, podiam-se ver elas despontarem alegremente tornando a árvore aconchegante.

Pela minha percepção deduzi que Joana não tardaria a chegar, preparei uma recepção habitual, digna de um belo gesto, afinal ela aceitou minha proposta. Simples, mas adequada no propósito de nos desprender das coisas desnecessárias, valorizar mais o ser que éramos, almas em evolução.

Íris me deixou confortável, sabendo que sem um telefone, eu não tinha comunicação com o mundo externo, não tinha como me virar sem interagir com as pessoas, de que até o momento não me sentia pronto.

Pensou em tudo, deixou minha vida tranquila, em ordem nos mínimos detalhes; contratou um funcionário para me ajudar na reforma, contudo ainda não se apresentou ao trabalho. Melhor assim! Teríamos privacidade, Joana e eu. Despensa abastecida, e na mercearia próxima combinou a entrega de verduras e frutas fresquinhas três vezes por semana até o retorno dela.

Sabia disso, porque já recebi na semana a terceira entrega.

No final da semana, conforme prometido, Joana chegou. Ao ouvir o barulho do carro entrando na propriedade, parei o que estava fazendo e fui ao encontro, contudo estacionei meus passos há mais ou menos dois metros de distância.

Ao descer do carro, dispensou o motorista após ele colocar as bagagens no chão. Duas malas e uma bolsa de mão, menos do que costumava carregar em qualquer viagem, até mesmo num final de semana na nossa casa de praia. Assim que me viu, estampou um sorriso, que de onde estava notei um brilho no olhar.

Joana caminhou ao meu encontro, abraçamo-nos com ternura e foi como se todas as brigas e desentendimentos sumissem naquele abraço.

Entendi que, num abraço éramos intuídos e convidados pelo divino intrínseco em nós, a refletir sobre nossos atos, para retificar o caminho. Durante a caminhada era preciso fazer as pazes com o passado, e o mais importante, perdoar-se e se perdoar.

Soltamo-nos do abraço sem direcionar o olhar um para o outro, constrangidos, ou inseguros, ameaçados pela areia movediça. Joana com os olhos umedecidos olhava na direção de Panthro que se postava como guardião, abaixei-me e peguei as malas.

— Um passo de cada vez — justifiquei, apertando os lábios.

— Sem cobranças — argumentou Joana sem desviar o olhar de Panthro, que continuava parado a mostrar os dentes em frente à porta.

Eu sabia que Panthro se apaixonou pela Íris, foi amor à primeira vista. Mas daí, ele ficar na defensiva com Joana. Difícil prever a atitude de um gato ciumento, e contrariado, pelo menos foi o que percebi na forma arisca que ele observava Joana.

Sorri, mas precisava lidar com a mágoa do meu gato. Agora seriam três a fazer terapia diante da flor do deserto do jardim de Íris.

Como se percebesse minha preocupação, ela revelou o que eu suspeitava.

— Não se preocupe, nunca simpatizei com seu gato e ele percebe isso. A recíproca é verdadeira, talvez seja mais um desafio a vencer — admitiu Joana.

Joana e eu decidimos apreender a conviver com nossas dores, juntos. Podíamos afundar de vez. No entanto, dispostos a acertar, arriscaríamos caminhar na lama do nosso beco escuro cheio de mágoas um pelo outro. Não cogitamos pensar em negatividade ou dialogar sobre o risco que corríamos. Jogamo-nos de cabeça com toda a vontade de vencer, desistir não era a solução.

Cada movimento na vida era preciso fazer um balanço, consciente de que éramos imperfeitos, um dia precisaríamos reparar nossos atos, considerando que não caía uma folha da árvore sem que Deus soubesse.

No entanto, ambos sabíamos que o nosso encontro não era de um recomeço entre marido e mulher, mas de duas pessoas que necessitavam se perdoar. Dispostos a ir fundo no autoconhecimento, unimo-nos para repassar nossa história, pelo menos as cenas que mais marcaram nossas vidas. Equivocados por um relacionamento abusivo entre ambas as partes, e por ainda não entender nada sobre a espiritualidade, tampouco que a vida continuava. Sofríamos.

Nós nos unimos na juventude e não tivemos resiliência para conviver com nossas diferenças. Quando pessoas que se machucam durante um longo período, iguais a mim e Joana, quase sempre atravessam a ponte do sofrimento. Decidimos que era hora de rever o que nos levou ao deserto de nós mesmos.

No período necessário de isolamento, as reflexões, a cura e a compreensão dos nossos defeitos dependiam da nossa vontade. Era fundamental não deixar a mágoa desperdiçar a oportunidade de resgate. Afinal, éramos responsáveis por nossos despautérios.

— Vamos! Vou acompanhar você até seu quarto. Não disse por telefone, mas a pousada não está em pleno funcionamento para hóspedes, apesar de estar parcialmente arrumada, depende de outras coisas. — Prendi a respiração, com receio de Joana não aceitar acomodações simples.

Joana entrou no quarto, a porta do avarandado estava aberta, deixei assim para arejar. Ela era alérgica a alguns cheiros, poeira e principalmente mofo.

Abri o armário, mostrei o espaço por dentro, o banheiro e a banheira de hidromassagem.

Joana se sentou na cama, olhou-me a sério com os enormes olhos castanhos e pela primeira vez, depois do casamento, percebi o quanto a fiz sofrer. Sempre foi bonita, conservava a elegância de sempre, no entanto, eu que a conhecia — ou pelos menos achava que a conhecia —, em poucos minutos identifiquei a dor no olhar. O cabelo castanho em nada lembrava Aurora, meu pequeno Raio de Sol.

Ajudá-la a se cuidar, era um compromisso que assumi com a espiritualidade, reparar meus erros era um dever.

— Joana fique à vontade, desfrute destes dias como se estivesse num ambiente de relaxamento. Ainda que não seja um lugar luxuoso, garanto ter tudo que precisamos.

— Custo a acreditar. Um dos melhores executivos do país aqui, valorizando coisas simples, e mais, acreditando em coisas abstratas tais como; a espiritualidade, o autoconhecimento. Nem do avesso, cogitei que seria possível. O que aconteceu para você jogar a toalha, largar tudo para trás? O poder, dinheiro e prestígio? Tinha tempo para os executivos do mesmo nível, mas só dispensava dois minutos para os funcionários e nada para conversas triviais. Ouvir as ideias, acreditar no potencial deles.

— Você tem razão, Joana, mas prefiro iniciar nossa conversa amanhã. Hoje gostaria de fazer o nosso jantar, se quiser pode me fazer companhia, ou se preferir pode descansar.

— Desculpe, força do hábito — disse e baixou a cabeça.

— Entendo, por isso estamos aqui, usamos uma armadura para esconder o medo de nos machucarmos — justifiquei.

Panthro nos acompanhou até o quarto, mas permaneceu à porta, espiava com postura arqueada, como se estivesse em estado de alerta.

— Não estou cansada, e tenho tempo para desfazer as malas, agora vou para a cozinha com você, mas só para observar. Você sabe, não aprecio cozinhar.

— Com o tempo você vai perceber o que uma vida simples pode proporcionar. Além da convivência mais direta com a natureza, os afazeres corriqueiros têm o poder de higienizar os pensamentos.

— Por favor, afasta este gato da minha frente. — Panthro mostrava os dentes. — Por mais que eu faça um esforço, ainda não esqueci os arranhões que ele fez nas minhas pernas. Por sinal, deixou cicatrizes. Parece que continuamos a nos evitar, melhor assim.

Naquele dia que Panthro arranhou Joana, a expressão que ela fez foi de arrepiar, hoje as palavras dela não tinham mais a força de ódio. Abaixei-me para conversar com ele olho no olho, como a gente faz com uma criança.

— Por favor! Relaxa, amigão, Joana está aqui como amiga. Se não se comportar, não poderá brincar com os pássaros.

Parece que ele entendeu meu puxão de orelha, deu uma última olhada em Joana sentada na cama, depois enroscou o rabo na minha perna e seguimos pelo corredor. Ela nos alcançou, caminhamos juntos, Joana de um lado e Panthro do outro e eu no meio.

O medo de expor as fragilidades internas seria o maior desafio até a confiança abraçar nossos calcanhares de Aquiles.

— Calisto, já abriu a caixa de joias depois do coma, assistiu ao vídeo do pen drive? Desculpa! — Baixou a cabeça.

— Ainda não tive coragem, mas de que vídeo está falando?

— Abra a caixa de joias, que vai saber. Não queria fazer este tipo de pergunta, ainda mais no primeiro dia.

— Antes de adentrarmos nas nossas questões melindrosas, vou te dizer uma coisa: nunca mais permita que ninguém diminua você, como eu fiz — disse com firmeza no tom de voz.

Entramos na cozinha, em meio aos sons da faca de cortar hortaliças, conversamos de forma polida pisando em ovos.

Pela primeira vez, concluímos o jantar sem discussão.

Capítulo 34

O poder é uma faca de dois gumes; um que afia o ego, o outro a ambição. O que ninguém ousa discorrer, é sobre a ponta afiada da consequência.

Os dias passavam num piscar de olhos, o diálogo entre mim e Joana funcionava melhor do que eu esperava.

Acordamos, tomamos o desjejum e fomos para o Jardim de Íris. O lugar parecia movido por células microscópicas, perceptível aos olhos de quem buscava a transformação. As flores, e tudo o mais dentro daquele pequeno espaço, enorme a meu ver, movimentavam-se segundo a jornada de cada um. Íris me orientou, mas eu só acreditei ao perceber as duas asas que integramos no voo interno; autoconhecimento e transcendência.

No jardim as cores, as flores, o lago, os pássaros se complementavam, mas principalmente a flor do deserto era a mais iluminada de tudo.

Um misto de alegria nos tocou, conversamos por longos minutos.

Joana integrou o caminho da autotransformação. Poderia dizer que nos mantinha dentro de uma relação estável, o caminho para o perdão se fortalecia dia a dia. Os dias se passavam, nossas conversas evoluíam para um resultado satisfatório. As feridas já não sangravam mais e começavam a cicatrizar.

— Joana, durante o período que estivemos afastados, você procurou ajuda profissional. Digo isso, porque te enxergo outra mulher, mais segura de si. Ao aceitar meu convite, você já visualizava a opção do autoconhecimento.

Ela me olhou com um misto de sentimentos que não consegui decifrar.

— Foi necessário, do contrário não estaríamos tendo esta conversa — respondeu em tom decisivo.

— Não imagina o quanto sua presença é importante, agradeço a compreensão, a coragem e disposição. Você conhece como ninguém a sombra do acervo da minha ignorância, causa primária da minha condição de pesadas provas. A pior delas foi entrar em coma e não poder apoiar nossa filha.

A voz saiu embargada, Joana baixou o olhar, Panthro pela primeira vez enroscou o rabo na perna dela. Os animais compreendem nossas emoções.

— Não se culpe, fazemos o que fazemos por não compreender o real significado do amor — justificou Joana, enquanto acariciava a cabeça do gato.

Respirei o ar perfumado do jardim, arrefecido pela dor, continuei:

— Reconhecer-me como ser integral no meu ajuste de contas, rever padrões, para transcender, não será tarefa fácil. Só uma pessoa generosa como você para estar comigo nesta empreitada.

— Generosa, eu? Não sou mesmo.

Meu coração se descompassou, tudo estava indo bem entre nós, então por que a dor no peito não passava?

— Às vezes, para seguir viagem é necessário fazer as pazes com o passado. Acreditei que um tempo só para nós, sem interferência externa, onde podemos peneirar nossas dúvidas, refletir sobre os questionamentos, diminuir as mágoas, incompreensões, e apaziguar o egoísmo e o orgulho, enaltecia o amor, a centelha divina em nossos corações. Mas não pensei que junto a tudo isso, o mais importante no processo da autocura é aprender a nos perdoar. Fortalecer a coragem, com a sensibilidade aflorada se permitir cair para se levantar mais forte e de cabeça erguida seguir com nossas vidas bem costuradas. Concorda?

Uma lágrima escorreu no rosto de Joana.

— Hoje acredito na vida após a morte. — Apertei os lábios sem saber o que esperar de Joana.

— Você mudou mesmo, transformou-se em outra pessoa — falou ela sem ironia.

— Tenho meus motivos para acreditar que no coma vivenciei o outro lado da vida. Foi um grande aprendizado que transformou minha forma de ser, de ver, de sentir e de viver. Aquele homem arrogante que você conheceu não cabe mais em mim. Ou eu mudava ou permanecia do outro lado sem permissão para vestir uma nova roupa material. Ou seja, reencarnar num curto período.

— Desperdiçamos metade das nossas vidas por conta da arrogância — assumiu Joana com profundo sentimento de responsabilidade na parte que tocava seu coração.

Ela esfregou as mãos, como se finalmente descobrisse o universo paralelo da divindade que controla a existência nos mundos habitados.

— Joana, estamos aqui reunidos não para recomeçar nossa união, mas para fortalecer o amor-próprio e nos despedirmos da mágoa que nos arrastou para o abismo.

— Nunca pensei que um dia você fosse jogar a toalha de tudo que conquistou — confessou Joana com lágrima nos olhos. — Podíamos ter sido felizes.

— Nem eu, minha querida. — Segurei as mãos de Joana, mas ela recuou.

Pedi desculpas, ela sinalizou que tudo bem.

— Durante o coma e com minhas visitas ao plano espiritual ao lado de Josué, percebi que tudo que conquistei não representava nada diante da complexidade da imortalidade da alma. Se não fosse a espiritualidade não sei o que seria de mim. Travei uma batalha com meu eu mais profundo. Confuso, cheio de dúvidas, assisti minha alma se debater entre o ceticismo e a credulidade da alma imortal, dentro de um corpo perecível. Acordei do avesso de mim mesmo com ímpeto de regaçar as mangas. O desejo era recomeçar logo, mas minha vontade foi para o ralo com a triste notícia sobre a morte de Aurora. Desmoronei. Sem meu Raio de Sol, caí no desânimo, pensei que não sobreviveria. Levou tempo para perceber a extensão do aprendizado que recebi, e que tinha sido preparado para vencer as dificuldades, ainda hoje carrego comigo o receio que minha fé se apague diante da poeira do deserto.

Uma lágrima esquentou meu rosto.

— Não fui brindada com todas estas informações, no entanto carrego comigo a certeza de que a fé de quem a conquista não se abala com um tremor de terra. — Joana apertou os lábios.

Mais uma vez ela me surpreendia com sua alma generosa. Torturei-a durante anos, alheio a dor que causava. Fui estúpido.

— Minha querida, somos criaturas frágeis em um mundo de provas e expiações, na menor das dificuldades caímos nas armadilhas. Alegro-me que você continue firme diante do nosso compromisso, com humildade diante das próprias fraquezas, perseverou na jornada.

Panthro pediu colo, acariciei a cabeça, a vibração entre nós era genuína, destas que não se explicava, se sentia.

— Panthro, você pode brincar com os pássaros, mas cuidado, eles são frágeis diante das suas garras. Aqui é o nosso santuário de reflexão.

Meu gato entendeu, não saiu do nosso lado.

— O papel que desempenhei durante meus cinquenta anos, foi caminhar no piloto automático nos domínios da arrogância, sem um pingo de sentimento e sem função diante da verdadeira essência. No período do coma, pensamentos de aflição e medo me transportaram para o aprendizado compulsório. Ou apreendia ou apreendia, não tinha escolha. Ou melhor, tinha prazo curto de validade. Enfim, fui sabotador de mim mesmo. O tolo que não viveu pelo poder controlador. Escolhi viver aqui pelo tempo que me for permitido.

— De fato é impressionante, vindo de você, uma pessoa cética. Acredito que tenha se defrontado não só com a morte, mas com seus demônios —

ponderou Joana.

Era inegável a clareza de raciocínio, ainda que as vezes ela deixasse escapar uma ponta de ironia, mas aceitava minhas convicções com diálogo respeitoso.

— Os demônios são os mais espertos, agem em silêncio, e como serpentes devoradoras esperam com paciência a hora de abocanhar suas presas. Assim, somos derrotados com seu veneno mortal. Mas afinal não somos nós que alimentamos nossas sombras?

— Desculpe, não queria ofender — ponderou Joana.

Nem de longe ela era a pessoa que conheci e convivi por anos.

— Joana, estamos aqui para afastar os demônios das nossas vidas, limpar o lixo tóxico das emoções, dos sentimentos e dos pensamentos. Por favor, não peça desculpas. Estou feliz com a pessoa que você é, e mais ainda por nos aliar no autoconhecimento.

— Reconhecer as polaridades existentes nos acontecimentos naturais, damos um passo à frente. Percebe, Calisto? O que estamos fazendo, é difícil sem um profissional adequado, contudo é grandioso, e só conseguimos porque fomos orientados antes de começar o ciclo de autocura. Eu fiz terapia, e você aceitou a espiritualidade como o ar que respira. — Sorriu.

— Defrontei-me com a imortalidade da alma e com as causas e consequências dos meus atos. Quando fugimos do autodesenvolvimento, somos compelidos a reiniciar os passos, acrescido ao peso da culpa, a sentinela do remorso. Acredito que antes mesmo de acontecer a minha queda, a sombra invasiva que me acompanhou por dez anos, não foi nada mais nada menos que oriunda da minha má conduta, e aos poucos abria brechas nos tecidos sutis da minha alma me tornando pior a cada dia. Não notei, porque não prestava atenção na minha intuição. Quando alteramos a esfera sutil do verdadeiro sentido da vida, o entendimento com a espiritualidade se fragiliza, e ficamos a margem dos bons sentimentos. Confuso, eu não escutei a voz que sussurrava aos ouvidos da alma, que nada mais é, que o divino em nós.

— Entendo o que você diz, o que nos causa dor, muitas vezes impede de interagir com coisas boas — frisou com o olhar perdido.

— Sentia-me como um explorador que sai com a mochila nas costas, e lá pelas tantas, precisa passar por uma ponte, mas ao atravessar percebe que entrou em outro país, cujas leis são desconhecidas. Ao olhar para trás, percebi que as cordas da ponte pênsil eram frágeis, iguais às nossas certezas, uma vez do outro lado, é difícil retornar. No meu caso, tive uma segunda oportunidade.

Panthro se espreguiçou e foi até o lago. Ele adorava observar o fluxo da água do pequeno lago com peixes dourados.

— Joana, asseguro que depois de atravessar o portal entre a vida e a morte, não tem volta, salvo alguns casos, e felizmente neste me incluo, mas não posso voltar a minha vida anterior. Foi me oferecido retornar com a promessa de me reconhecer no caminho da espiritualidade, integrar o autoconhecimento com o propósito de me tornar um novo homem. Agradeço por isso todos os dias. A saída mais sensata seria me despojar dos pertences que não serviam para a jornada. Decidido com a minha escolha, retornei ao hospital terreno e lá continuei até a completa recuperação.

— Admiro-o pela coragem, sair do ciclo vicioso da vida que você vivia é tarefa pesada demais, mesmo para um homem objetivo como você — assegurou Joana.

— Aprendi com Josué que a vida é um árduo começos e recomeços nos longos séculos necessários a evolução, o único caminho construtivo para atingir a completa forma da evolução.

Apertei a mão de Joana, ela correspondeu com um sorriso.

♥♥♥

Nos dias sucessivos se estabelecia a mais perfeita harmonia entre nós, Joana adquiria pouco a pouco o hábito da simplicidade, não reclamava e perecia confortável com as mudanças que acontecia em nosso íntimo. Até passou a nutrir a ideia de compartilhar a experiência que ora vivíamos com outras pessoas. Um dia as palavras escorregaram para este sentido, insegura com a questão, tentou não dizer, mas o desejo venceu a vergonha.

— Poderíamos trabalhar juntos no sentido de incluir outras pessoas no aprendizado, afinal fomos ajudados, agora temos um projeto nas mãos, permitir que mais pessoas usufruam das experiências no Jardim da Flor do Deserto de Íris.

— Calma, Joana! O caminho é longo até a nossa cura, se bem que, a cura completa não existe neste mundo, porém, sugiro um pouco mais de tempo.

Ela baixou a cabeça não ao desânimo, nem a tristeza, mas de alguém que aprendeu a esperar, por considerar um propósito que valia a pena viver.

— Talvez, Íris com a experiência de mentora, acredite na ideia, assim que a conhecer vou expor meu pensamento.

— Em que exatamente você está pensando?

— Transformar e adequar o lugar num instituto para jovens aprender mais sobre a importância de compreender os sentimentos, as emoções, tendo como pilar a espiritualidade, refletir junto à flor do deserto para ampliar os horizontes das possibilidades. Sei que vou conseguir vencer os meus ruídos internos para atingir meus objetivos. — disse com esperança no olhar.

Sua fala exalava amor.

— Que ideia brilhante!

Foi minha vez de baixar a cabeça, Joana com sua perseverança atingiu em cheio minha fragilidade humana. Pela primeira vez a admirei por sua inteligência, por sua vontade de se reerguer, e mais ainda, porque aos poucos vencia suas mágoas e construía dentro de si um propósito humanitário.

♥♥♥

Fomos para a cozinha fazer nosso pequeno almoço, com o cronograma estruturado, compúnhamos o dia, as conversas intermináveis entre as refeições, interligadas a caminhadas em meio às araucárias, por fim o silêncio no jardim de Íris. Os pensamentos criavam forma estrutural com princípios e valores diante do simbolismo da flor do deserto que ora nos representava.

Crescia em nós novos costumes, novas ideias alicerçadas na elevação da consciência, dentro do grau mais elevado que nos cabia espiritualmente. Vivíamos com o objetivo de, aos poucos, desatar os nós formados ao longo dos anos como reflexo do egoísmo. Os hábitos que ora criamos eram frutos

do recolhimento, do acolhimento e adequada atitude para vencer os obstáculos. Sustentar a responsabilidade além da superfície, numa atitude corajosa de mudança interna. Perseverança intrínseca para florescer a bondade essencial em nós, sem a absorção da culpa que atrasa o autodesenvolvimento.

Em silêncio Joana mexia a polenta com a colher de pau na panela de ferro, enquanto eu cortava os legumes. Parecia outra pessoa, mais bonita, o amadurecimento trouxe leveza na alma. Os dias, as horas de conversas extraordinárias, não podia dizer que não tivemos momentos de incertezas, muitas vezes com lágrimas, mas serviram para reflexionar nossos pensamentos. Toda doença precisava de remédios, e todos têm o gosto amargo da angústia, contudo a doença diagnosticada, e com a medicação correta, o doente se recupera mais rapidamente.

Talvez fosse o nosso caso, o emocional estava no processo de cura, sabíamos pela leveza que nos conduzíamos na jornada.

Crescia entre nós uma cumplicidade saudável, até o ponto de juntos repetirmos palavras que o silêncio refletia. Estava na hora de conversarmos sobre o assunto mais dolorido das nossas vidas.

— Aurora conversou com você sobre sua saúde? — Questionamo-nos em uníssono.

Baixei a cabeça, aquele assunto difícil ficou para trás, mas era necessário aceitar e integrar a realidade que hora se desenhava a nossa frente.

— Se eu tivesse pensado menos em mim e prestasse mais atenção em nossa filha, talvez tivesse encontrado um doador com o mesmo tipo de sangue. Você sabia que somente quarenta pessoas no mundo são portadores do sangue dourado? — Reagiu ela, com as mãos trêmulas.

— Não sabia. — Prendi os lábios e arqueei as sobrancelhas.

A descoberta foi um soco no estômago. Aurora não me contou e éramos tão unidos, pai e filha. Subestimei Joana, nunca supus que as duas conversavam sobre sentimentos. Mais uma vez quebrei a cara com meus julgamentos.

— Você deve estar se perguntando por que ela não contou a você. Ela tentou, na véspera do seu aniversário de cinquenta anos — disse Joana sem me olhar nos olhos.

— Desconfiei de que tinha algo errado.

— Após o vestibular, e no decorrer do curso de Medicina, ela desmaiou, fez exames e descobriu que era portadora do sangue dourado, conhecido por sangue nulo. Na pesquisa que ela fez descobriu que só quarenta pessoas no mundo têm esse tipo de sangue, e não são compatíveis com outros, a não ser do mesmo. Li que já tem banco de sangue no Brasil. Enfim ela tentou contar, mas preferiu não preocupar você — explicou Joana.

— Ela me ligou na véspera do meu aniversário, contou do desmaio, mas me deixou sem ação ao dizer: "eu sei seu tempo é ouro e o meu é dou"... A conversa ficou pendente, eu podia ter insistido, ela era minha prioridade. No entanto, vacilei — afirmei com desânimo na voz.

— Não se culpe, somos egoístas por natureza. Mas se serve de consolo, eu também não fiz nada, posso dizer que não sabia, mas o fato é que só pensava em mim mesma. No leito de morte, Aurora me contou que você entenderia ao assistir o vídeo. A propósito, coloquei a pedra de ametista que encontrei em sua mão no hospital dentro da caixa — observou Joana.

Num picar de olhos, tive flashes de memória das nossas conversas, uma no hospital terreno e outra na pátria espiritual.

— Naquele dia no hospital, antes de sair Aurora colocou a pedra na minha mão, dizendo: "A pedra de ametista me trouxe esperança. Que ela traga esperança para você também". Então estendeu a mão com a pedra. Disse ainda que eu me lembraria do vídeo na hora certa.

— Quando vocês se encontraram, além daquele dia que eu a levei para ver você? — perguntou Joana.

— Nós nos encontramos na pátria espiritual — respondi o mais natural possível.

Joana me lançou um olhar interrogativo.

— Entendo que você esteja assustada, mas preciso amadurecer as lembranças — falei tentando explicar o inexplicável.

— Você está me assustando — admitiu Joana.

— Recordo de mais uma conversa com Josué. Desculpe-me, Joana, preciso falar sobre isso, repetir a conversa com Josué, para entender que não foi um sonho. Ele sugeriu que eu aproveitasse a caixa de joias com notas. Suas palavras foram: "Vou explicar melhor sobre o que vou chamar de bilhetes. As anotações podem auxiliar você a praticar a reforma íntima entre as coisas simples. Explorar a sombra permite que você encontre a luz. Divida a caixa em três partes, uma maior com os bilhetes do aprendizado de uma vida, nas outras divisões menores, numa com os bilhetes das ações positivas e na outra os bilhetes das ações negativas". Pensando bem, não precisava escrever. Tudo isso está acontecendo de forma natural. Mas quem sabe no futuro vou experimentar o método de Josué.

— Interessante — comentou Joana.

— De forma pouco convencional já estamos fazendo a nossa terapia.

O fato era que receava que a balança pendesse mais para o lado negativo.

— Por ora, vamos descobrir o que ela nos deixou no vídeo — sugeri.

Capítulo 35

O vídeo de Aurora.

Busquei a caixa de joias e abri na frente de Joana. Retirei a pedra de ametista com o cordão de prata e coloquei no pescoço. Entre nós, não tinha mais segredos. Busquei o computador da Íris no balcão da recepção, liguei, a senha era: *flordodeserto*. Fixei o pen drive e abri. Confesso que meu coração quase saiu pela boca ao ver e ouvir meu pequeno Raio de Sol.

— Papai, mamãe!

Aurora fez uma pausa, fechou os olhos, respirou devagar. Fazia um esforço sobre-humano para falar. A cena cortou meu coração.

— Espero que os dois estejam juntos assistindo meu depoimento, rezei muito por isso. Não que vivessem juntos, mas que se perdoassem e, se possível, fossem bons amigos.

Joana ergueu os olhos, uma lágrima rolou pela face. Eu juntei todas as minhas forças para não desabar.

Foi minha vez de pausar o vídeo.

Levantei-me e fui até a cozinha tomar água, da janela avistei o portão semiaberto do jardim de Íris, dava para enxergar a flor na sua mais bela roupagem, brilhante, mais do que eu podia imaginar.

Avistei Aurora ao lado da flor, ela continuava linda, com seus cabelos ruivos, parecia minha criança a dançar na praia; delicada como uma pena. Às vezes, pensava que um dia o vento podia levá-la de mim, num sopro voaria com ele e eu a perderia para sempre.

Sentei-me outra vez e voltei para o vídeo.

A palidez, a cabeça lisa como a esfera celeste, abraçava e iluminava meu coração aos pedaços, faltava-me o ar.

— Como vou viver minha vida sem você?

Ela possuía o brilho da neve rosa dos Alpes Suíços, era a representação de uma mudança profunda.

— O que faremos sem nossa menina? — indaguei a Joana com olhar de súplica.

— O que ela gostaria que fizéssemos? — Joana soluçava. — A resposta está dentro de nós, Calisto, e no que fizermos com todo esse aprendizado.

Congelei a tela.

Houve um momento de silêncio a olhar para aquele rosto que eu tanto amava. Panthro parou ao meu lado, olhava à tela do computador sem entender o que acontecia.

— Esperamos demais para dar atenção a nossa filha, nós nos escondemos em nosso próprio orgulho, com a cabeça enterrada numa concha sem perceber que ela cresceu, adoeceu e morreu, sem nosso carinho — disse Joana. — Agora o mínimo que ela espera de nós é compaixão pelos nossos atos, ajustar nossas vidas da melhor forma possível.

Liguei outra vez o vídeo.

— O que vou dizer agora pode chocar vocês. Em uma noite que eu mal respirava, e mamãe dormia na cadeira ao lado da minha cama. Recebi a visita de um senhor que se apresentou como Josué. Ele me explicou muitas coisas, dentre elas que o planeta Terra está passando por muitas transformações. Falou sobre a mudança interna das pessoas, amar mais, respeitar mais, ter fé e confiança na espiritualidade. Desencarnei porque era minha hora, tudo sempre esteve planejado no plano espiritual, o nascimento, a partida. Na hora certa rencarnarei com o propósito de auxiliar na transformação do planeta. Se cada um espalhar uma migalha de amor na atmosfera fluídica, aos poucos nos ajustaremos ao hábito salutar e vai refletir na casa mental individual e se expandir para a Humanidade do planeta, fortalecendo a educação dos sentimentos e tudo florescerá.

Aurora fez uma pausa e prosseguiu:

— Papai, mamãe! Não esperem a mudança chegar, ela precisa ser conquistada, observada e trabalhada para que abriguemos a divindade em nós, como uma mãe cocriadora da Humanidade com Deus. Quem não se esforçar no autoconhecimento, terá de partir para outro planeta inferior a este. Por isso, transformem seus pensamentos, mudem suas atitudes e ações em benefício de si mesmos e do próximo. Esqueçam o passado, a seu turno será ajustado segundo as leis divinas. Tornem-se o propósito de Deus. Vamos fazer parte da legião dos benfeitores, a ser guiados pela Esfera Maior. Muita fé, a fé que trabalha na construção de dias melhores. Isso é tudo que me foi permitido revelar.

Desliguei o computador.

O que ouvimos de Aurora eram complementos das minhas visitas ao hospital da espiritualidade. Os flashes da conversa com Josué chegavam num turbilhão à minha memória. Enfim, o hospital terreno, o coma, tudo perfeitamente em sintonia com o outro lado da vida. Representava mais que um convite à mudança, o remédio para minha cura, nossa cura. Porque todos nós somos filhos de Deus, com as mesmas oportunidades e desafios, ainda que alguns necessitem trabalhar no seu eu interior um pouco mais do que outros, mas todos sem exceção, um dia seremos vencedores.

— Joana, por hoje chega. Vou para o jardim silenciar meus pensamentos, você vem? — perguntei com a voz arranhada.

— Vai você, eu vou caminhar e refletir sobre tudo que vi e ouvi.

Capítulo 36

Acredite, não é fácil a despedida. Aliás, nenhuma despedida.

Uma batida à porta principal.

O barulho da campainha ressoou aos meus ouvidos. Quem seria? Visto que ninguém nos visitava, talvez fosse alguma notícia, destas que não tem horário nem dia para bater à porta.

Saltei da cama, esfreguei os olhos, senti o frio que atravessava a persiana da sacada, busquei o roupão da cadeira, vesti-me, calcei os chinelos e caminhei com passadas largas pelo corredor em direção à porta de entrada.

Abri-a e me deparei com o carteiro com um envelope de Sedex.

Quem me enviaria um Sedex? Só podia ser engano.

— Bom dia, senhor! — disse o carteiro.

Com movimentos mecânicos descolou o papel de cima do envelope e me alcançou junto com a caneta para assinar.

Um bem-te-vi voou rente a porta, tirou um fininho da cabeça do carteiro que quase caiu, como se não bastasse gritou o inesquecível canto desafiador, dos quais, há anos me atormentava no apartamento na capital. Estremeci.

Assinei o papel e entreguei de volta ao carteiro que virou as costas e caminhou em direção a saída. Um pressentimento apertou meu coração, apertei com as duas mãos o envelope amarelo até amassar.

Fechei a porta e dei de cara com Joana.

— Que susto? Parece um fantasma.

— Estou tão mal assim? — Passou a mão no cabelo desalinhado.

— Foi só susto, não se preocupe.

— Que envelope é esse?

— Não sei, ainda não abri.

— Desculpe! Você quer ficar sozinho.

— Por quê? Não deve ser nada que você não possa saber.

Dei um meio-sorriso e voltei a atenção para o envelope. Tinha receio de abrir.

— Vou tomar um banho e retorno para o nosso café — Joana virou as costas e saiu.

Outra batida à porta, Joana freou o passo e se virou.

— Sua vez de abrir, quem sabe agora a notícia seja para você.

Joana abriu, sem pensar nos trajes que vestia.

— Bom dia, senhora!

— Bom dia! O que deseja? — respondeu Joana com sorriso.

Era um senhor de cabelos grisalhos, se aproximava da minha idade, com uma mochila nas costas, vestia roupas simples. Sem sair de onde estava, cruzei os braços e deixei Joana cuidar do assunto.

— Senhora, estou aqui a pedido de uma pessoa. Estava meio perdido, mas me informei com o carteiro que saiu daqui e não tive dúvidas. — Colocou a mão no queixo e comentou: — A propriedade precisa mesmo de reparos. A julgar pelo estado em que se encontra.

Ele apontou para o jardim e a casa.

— Fui informado que a região não dispõe de mão de obra suficiente por conta do turismo, espero estar certo nas minhas deduções.

Pareceu que Joana não conseguia tirar os olhos dele.

— Algum problema, Joana? — Arqueei as sobrancelhas.

Ela olhou para mim, como quem diz: decide você. Mas, em vez de pedir ajuda, ela colocou as palmas das mãos para cima e murmurou:

— Senhor! Como assim?

Eu continuei com a mesma postura, até esqueci que estava com um envelope na mão, alguma notícia boa ou má me aguardava ali dentro. Talvez fosse melhor deixar quieto, o visitante era prioridade.

Joana olhou firme nos olhos do senhor e perguntou:

— Qual seu nome?

Ele sorriu, antes de responder:

— Desculpa por não me apresentar devidamente, me chamo Joaquim, contratado por dona Íris. Ela entrou em contato comigo dias atrás, mas não pude vir antes, tive um probleminha pessoal.

— Ainda precisamos de ajuda.

— Houve contratempos, mas agora estou aqui e com vontade de trabalhar.

Ele estendeu a mão para Joana, que prontamente estendeu a sua, mas Joaquim não a apertou. Curvou-se e a beijou, ela vermelhou como um pimentão, demorou alguns segundos para se refazer, retirou a mão e esfregou na roupa. Com meio-sorriso deu um passo atrás.

— Aguarde um pouco.

Joana fechou a porta e me encarou.

— Não posso decidir. Íris é a proprietária, sou só uma hóspede.

— Se pudesse, o que faria?

Joana refletiu.

— Contrataria, tudo isso aqui precisa de cuidados.

— O que está esperando? — Sorri.

Ela abriu a porta, decidida.

— Se Íris enviou o senhor é porque é uma pessoa de bem. Além do mais, ela é a proprietária disso tudo. Você vai usar um quarto na lateral da casa com banheiro. Uma vez que ainda não nos conhecemos, talvez seja mais adequado que fique com o que tem a porta para o jardim.

— Perfeito — disse o tal trabalhador, parecendo animado.

Tinha alguma coisa que não me cheirava bem.

— A senhora tem as ferramentas necessárias para trabalhar no jardim?

— Do que precisa?

— O básico já serve. Máquina de cortar grama, enxada, ancinho de jardim etc.

— Temos tudo para a jardinagem. — Sorriu.

— Você quem manda, senhora.

Joana pediu para Joaquim aguardar e foi trocar de roupa. Voltou e o acompanhou até o quarto, eu segui atrás.

— É este aqui. No armário tem toalhas, no banheiro sabonete, xampu. Enfim, tudo que está neste cômodo você pode utilizar. Depois do banho vem até a cozinha, vou preparar uma boa refeição para você.

Joaquim ouviu atentamente, deixou cair uma lágrima que tentou esconder.

Pulei na frente de Joana e perguntei:

— Qual a fisionomia da mulher?

— Alta, magra, olhos azuis, cabelos ruivos.

— Onde vocês se conheceram?

— Num asilo.

— Como assim, o que ela faz no asilo?

— Conta histórias para os idosos.

Estremeci. Confesso que não era destes homens que se abalam facilmente, mas fiquei com uma pulga atrás da orelha que me colocou em alerta.

Panthro se sentou ao meu lado, esfregou a cabeça na minha perna, como quem pede carinho. Passei a mão na cabeça dele, mas meu pensamento estava em Íris.

O início daquele dia oscilava entre a brisa fresquinha e a quietude do lugar, tudo parecia bem, não fosse o envelope amarelo. Meu coração não era mais o mesmo de minutos atrás, batia a ponto de explodir. Saudades da Íris.

Joaquim baixou a cabeça, deixou transparecer uma fisionomia suspeita. Desconfiei que ele escondia alguma coisa, talvez o verdadeiro motivo que o trouxe até nós. Fiquei de olho.

No outro dia percebi que ele falava ao telefone e mencionava o nome de Joana.

Os dias seguiam, eu sempre desconfiado de que alguma coisa estava errada com Joaquim. Todos os dias ele falava ao telefone, conversava coisas que não identificava do que se tratava. Um dia pediu folga para visitar um amigo e mais uma vez suspeitei que ele mentia. Não dava para continuar com esta agonia.

A flor do deserto continuava cada vez mais viçosa. Com o trabalho de Joaquim, o prédio se transformava, aos poucos, num belo espaço adequado para recepcionar os jovens. Contudo, ainda não tivemos uma conversa mais detalhada sobre o paradeiro de Íris. Comecei a me preocupar.

Quanto a mim e Joana, cada passo rumava para conquista do nosso objetivo, nós nos tornávamos o espelho um do outro.

O envelope eu guardei na gaveta da mesa de cabeceira, não considerei relevante abrir já que não tinha remetente.

Os julgamentos de outrora se dissipavam da teia aniquilante da mágoa e a vontade de melhorar criava forma, curar nossas chagas, minha e de Joana, foi sempre nossa prioridade. O propósito era fortalecer o que existia de bom em nós. O medo arrefecia, já não tentávamos corrigir nossos erros, sim, apaziguá-los com a compreensão de irmãos em luta, assim com a consciência sensível, amparada pela espiritualidade, renascia o amor genuíno nas pequenas atitudes.

Chegou o dia que decidi ter uma conversa séria com Joaquim.

— Joaquim, sente-se.

O terreno em aclive, o prédio ficava no alto, apontei para um banco antigo próximo a sacada do meu quarto.

— Pelo jeito vai ser sério. Algo que fiz que o desagradou? — Coçou a cabeça como no dia que se apresentou para trabalhar.

— Falo sério. Se me contar a verdade, prometo ficar tudo bem.

— Nossa! Agora me assustei. — Levantou-se.

— Sente-se! — Meu tom de voz se tornou agudo.

Joaquim se sentou novamente.

— Conte-me mais sobre Íris?

— E o que faz pensar que sei mais do que disse no dia que cheguei aqui?

— Se tem uma coisa que aprimorei ao longo da vida foi manter minha tendência natural de farejar histórias mal contadas.

— E por que não me impediu de trabalhar aqui?

— Queria saber até onde você iria com a meia-verdade que contou.

Joaquim baixou a cabeça num misto de dúvidas e segredos.

— Íris ainda não retornou, não deu notícias, está me preocupando.

— Abriu o envelope que você recebeu no dia que cheguei para trabalhar?

— O que tem o envelope?

Ele me olhou, sério.

— Fui eu que o entreguei na mão do carteiro, aproveitei a oportunidade que ele estava passando por aqui e pedi que ele fizesse a gentileza de entregar.

— Por quê?

— Antes de conversarmos mais sobre o assunto, abra o envelope.

— Porque não tinha remetente, não considerei relevante.

— Não questione, só olha, depois conversamos.

Não entrei pela porta, subi a sacada escorada na parede que dava acesso ao meu quarto igual um moleque, corri até a mesa de cabeceira. Peguei o envelope amarelo de Sedex, rasguei com fúria a borda, por pouco não rasgo o papel de seda escrito com a linda letra de Íris. E outro, uma procuração com selo do cartório local.

Por trás das palavras de Íris continha uma voz de compaixão por mim, pela Joana e por ela mesma.

O bilhete dizia que Íris descobriu uma doença autoimune, preferiu partir e fazer bom uso do tempo que restava. Internou-se no asilo que sua mãe esteve antes de desencarnar, com a intensão de compartilhar experiências com as pessoas internadas que há tempos não recebiam visitas.

Ela planejou tudo antes de viajar. Enquanto podia, queria contribuir com as pessoas idosas, desprovidas de compaixão. Talvez pudesse falar um pouco sobre a espiritualidade, dar carinho e compreensão.

De repente, parecia que as palavras saltavam do bilhete e se tornaram mais do que sugestão, um pedido abrasador, daqueles que queimava o coração e penetrava na alma.

"A propriedade é de vocês, sei que vão fazer bom uso dela. Aguardem mais notícias, por enquanto me faltam palavras para continuar."

Desci a sacada pelo mesmo lugar que entrei, gritei.

— Joaquim! Joaquim! Joaquim, por favor, leve-me até íris.

— Estou aqui, seu Calisto.

Ele continuava sentado, como se não se importasse com meu desespero.

— Não posso ajudar você. — Com a cabeça baixa riscou o chão.

— Não só pode como deve.

— Seu Calisto, a vida é uma soma de ganhos e perdas, porém em algumas situações julgamos que as separações são para sempre. Então a palavra perda logo vem à mente por não assimilar a transitoriedade existencial — disse ele com voz grossa, depois levantou a cabeça e como se tivesse se transformado em outra pessoa, olhou para o céu acinzentado.

— Do que você está falando? — perguntei num fio de voz.

— Os meus telefonemas eram com a senhora Íris, contava a ela tudo o que acontecia aqui. Semana passada, quando pedi folga para visitar um amigo, na verdade foi para visitá-la no asilo, e o resumo das nossas conversas deve estar neste bilhete para vocês — disse ele entregando um envelope fechado.

Abri o envelope e comecei ler.

"Olá, Calisto, querido amigo, desculpe-me por fazer Joaquim mentir para você, mas foi necessário, queria saber tudo sobre o processo de autoconhecimento de vocês. Fiz o certo em deixar a propriedade com vocês, o legado de Hugo teve continuidade comigo, com vocês e agora com o projeto de Joana. Isto é maravilhoso.

Acredito que é isso que Jesus espera de nós, não viemos a este mundo para nos divertirmos, mas para contribuirmos com o progresso espiritual. Desculpe por fugir. Na verdade, não foi bem uma fuga, precisei dar espaço para você e Joana se entenderem.

Deu resultado, não deu?

Sei disso porque Joaquim tem conversado comigo por telefone. Vocês dois têm bons corações, a beleza da união só estava escondida na intolerância, cujas brigas se tornaram um ringue no lugar de lar. E resultou na sua queda. Lembre-se, nada é por acaso, a justiça divina sabe o que faz."

A voz de Íris na minha cabeça se tornou letras, que formaram palavras, dançaram nos meus olhos, que embaçaram, e as letras sumiram de vez.

Esfreguei os olhos, sequei as lágrimas com a ponta da camisa, e as palavras voltaram onde Íris complementava, agora para Joana.

"Sei das suas intenções com a propriedade, Joaquim me contou, quando veio me visitar, você mais do que nunca está preparada, é hora de pôr em prática a sua missão. Com a procuração, vocês têm todos os poderes sobre a propriedade, eu me atrevi a escrever algumas dicas. Você pode seguir ou não, no final a tua opinião é que conta, Joana.

Calisto, foi uma grande alegria nos encontrarmos, somos almas afins, como se diz. Contudo, para nós esta existência é de expiação, a cura para mágoas passadas, e a nossa prova maior é fazer aos outros aquilo que não fizemos por nós mesmos. Conversei com Josué no jardim e ele me explicou tudo sobre nós dois.

Conheci Joaquim no asilo, quando minha mãe estava internada, conversamos muito, o necessário para compreender a minha decisão. Querido Calisto, logo nos encontraremos do outro lado, desejo sorte a você nesta segunda oportunidade na sua vida. Nos dias sombrios, silencia e ore. Assim, o tempo ruim será como um temporal de verão, logo passará e as coisas se acomodam em um patamar mais elevado. Libero você de toda a mágoa ou culpa que possa sentir, mesmo que inconsciente sobre o acidente de avião em outra vida.

Desejo que você e Joana mantenham a coragem para viverem um profundo resgate de si mesmos e se permitam permanecerem juntos, seria uma bênção. Até breve, querido, contudo, o breve para a espiritualidade não é o nosso tempo. Tenha paciência e espere. Com o trabalho digno o tempo voará. Acredite! Logo estaremos reunidos."

Entreguei a carta a Joaquim nos meus últimos minutos, ele segurou minha mão, acredito até eu partir.

♥♥♥

— O estado dela era terminal, a senhora Íris me pediu que segurasse e não largasse sua mão até ela partir. Na vida nós dispomos do que conquistamos, de modo a formar novos acertos. Tudo é uma troca, ela me ajudou, eu a ajudei a partir e, antes que me pergunte, fiz o que prometi, segurei a mão dela até o último suspiro — disse Joaquim com lágrimas nos olhos.

Panthro subiu no banco e, para meu espanto, o bem-te-vi chegou num voo rasante e se postou ao lado.

Passei as mãos na cabeça, enfiei-a entre as pernas e chorei, chorei até não aguentar mais. Quando percebi já era noite, olhei para o banco, Joaquim não estava mais ao meu lado, no lugar enxerguei Joana com Panthro no colo. Virei-me, para o outro lado, nem sinal do pássaro. Panthro por sua vez se encolheu no colo de Joana, com os olhos arregalados para mim. Não era de surpreender que agora eles fossem amigos.

Joana ao contrário dos ruídos que outrora pipocavam na alma tão forte que atrapalhava meu silêncio. Encontrei-a sentada no banco como se estivesse em público, coluna ereta, olhar no horizonte, com a mente e o coração silenciosos, não escutava nem a respiração, era como se ali, existisse somente a leveza de uma alma sem ruídos.

Encostei minha cabeça no ombro dela, encontrei paz, outra vez chorei, porém, agora arrefecido pelo amor de um ombro amigo.

Endireitei-me, peguei Panhtro no colo e entreguei a carta a Joana.

Joana leu sem olhar para mim até o final.

— Juro que por isso eu não esperava, é de tocar o coração. — disse Joana.

Ela perdeu o olhar ao longe com a mão na perna segurava o papel de carta aberto.

— Por trás do olhar indecifrável de Íris, eu sempre soube que havia mais coisas do que podia compreender — revelei.

— Calisto, hoje eu entendo que os laços que nos une, segue-nos de uma existência a outra. — concluiu Joana.

Olhei para Joana com uma expressão interrogativa.

— O que isso tem a ver conosco? — perguntei.

— Um pensamento surgiu, mais ou menos assim: não abandone os laços de família que você conquistou ao longo das existências, eles marcam evidências da evolução da alma. — disse Joana.

— Isso não é só um pensamento, é uma informação valiosa que você recebeu do seu mentor. Daqui para frente preste atenção naquilo que chamamos de intuição, pode não ser só um pensamento. Às vezes, é necessário avaliar mais de perto, do que simplesmente descartar. — repliquei.

Joana não respondeu e me devolveu o bilhete carinhoso de Íris, com dicas dos primeiros passos da ideia que aos poucos criava forma.

— Hoje acredito no que você me falou. A intuição é Deus atuando nas nossas células, com um aprendizado útil que a maioria de nós descarta. — Olhava para mim, agradecida.

— Agradeça a Deus a nova oportunidade ainda nesta vida — disse a Joana.

A dor de me separar do meu amor, continuaria até nosso reencontro.

— Minha vida sem você, Íris, será de dias sem fim — falei alto como se ela pudesse me ouvir.

— Calisto! Estou triste, mas também alegre e agradecida a Íris por compreender nosso propósito, e mais ainda por contribuir com a propriedade. Desculpe, mas apesar da sua dor, não vejo a hora de pôr o plano em prática, um sonho que é seu também. Você me ajuda com a parte burocrática?

— Não posso prometer nada, antes preciso me afastar, refazer-me de mais este golpe da vida. Pede para Joaquim ajudar você, ele parece uma pessoa instruída. Pela minha experiência ele já foi mais que um jardineiro.

— Mas pense com carinho nos escritos de Íris, podemos evoluir juntos no tempo que nos resta, cuidar um do outro na velhice, e ajudar outras pessoas com o que aprendemos aqui.

Peguei o bilhete, ainda com os olhos embaçados, as letras mais uma vez dançaram na minha frente. Após alguns segundos, respirei fundo, recompus-me e corri outra vez os olhos no bilhete.

— As dicas são valiosas.

— Conheço-o, você não leu. Por favor, leia.

Segurei o bilhete aberto com as duas mãos em frente aos meus olhos, li em voz alta.

"Primeiro passo; criar uma plataforma nas redes sociais sobre a finalidade que se destina. Segundo passo; criar um programa para recepcionar os jovens, com destaque no jardim da flor do deserto. Terceiro passo; orientá-los sobre a vida nos dois planos e a importância da prática do silêncio com a espiritualidade. Tenho certeza de que você e Calisto farão um bom trabalho, torço por vocês. Mas não sou inspiração para ninguém, o que posso dizer, sigam o coração."

Tudo parecia simples. E era, não fosse minha alma embrulhada pelo desespero.

— Parafraseando Íris, não tenho dúvidas de que podemos fazer bom trabalho.

Entreguei o bilhete de volta para Joana, levantei-me, caminhei um pouco aturdido por mais uma perda, desta vez nada mais existia em mim para perder. Entrei pela porta principal, decidido a ir embora.

Capítulo 37

A flor do deserto de Íris continuava nosso oásis.

Os dias se passavam, Joana preparava o prédio para receber os jovens. Joaquim, sempre solícito, exercia a função que lhe cabia com esmero, mas contribuiu com a parte burocrática. Como suspeitei, ele já tinha sido empresário, faliu, perdeu a família que só queria saber de dinheiro, depois disso escolheu viver a vida com mais leveza.

No portão principal, o entalhe na madeira mudou para: *Flor do Deserto de Íris, centro de autoconhecimento.*

Enquanto eu continuava sem perspectiva, a tristeza outra vez tomou conta de mim. Não conseguia contribuir com os afazeres, nem partir como era a minha vontade.

Não meditava, não comia direito, regredia dia após dia com a notícia da morte de Íris. Achei que a mudança que conquistei era para sempre, enganei-me, sentia raiva, remorso, mágoa até o vazio se apoderar de vez de mim.

Abri os olhos, chovia aos borbotões, tanto que escorria pelo vidro da janela, a ponto de não enxergar nada lá fora. Deitado com as mãos cruzadas na barriga, com a visão embaçada não enxergava nada, nem ouvia nada além do intenso barulho da chuva, vento e granizo.

Sentei-me na cama, esfreguei com a manga do pijama o vidro da porta da sacada. Em meio ao esbranquiçado da chuva, percebi um ponto escuro num dos galhos do plátano.

Debrucei-me na divisão entre a madeira e o vidro, fixei meu olhar naquela direção, foi então que notei que se tratava de um pássaro encolhido com a cabeça entre as penas molhadas.

Como se soubesse que era observado, o pássaro levantou a cabeça, sacudiu as penas e voou para um galho mais próximo da sacada.

Empertigou-se e cantou. Naquele instante eu percebi de que se tratava do bem-te-vi que me atormentava há anos, que eu saiba pássaros não cantavam na chuva, mas este cantou, talvez fizesse parte da sua missão de me tirar do prumo, ou era um aviso que eu precisava ficar atento.

Continuei a olhar a chuva lá fora. Os pingos tamborilavam na máquina do ar-condicionado na parede em frente da sacada, como se brincassem com meus sentimentos.

Enquanto o pássaro, assim como eu, não se importava com a chuva torrencial, o tempo para nós era só uma circunstância da vida, com a diferença que eu não tinha interesse em mais nada, já ele cumpria seu propósito a que foi destinado.

Cantou, cantou, cantou, e eu ali, a observar aquela criatura pequena, no meio do temporal. Aos poucos o tilintar barulhento da chuva no ar-condicionado acalmou e a ave se foi.

No silêncio do meu abandono viajei nas entrelinhas do meu pensar, refleti sobre o pássaro que me acompanhava há dez anos. Não tinha dúvida, por trás do que acontecia comigo existia uma lição que eu precisava extrair o significado.

Sempre fui um homem rico, senhor de mim, um dos mais importantes executivos do país, herança do meu pai, não só do dinheiro, mas principalmente a habilidade com os negócios. Num belo dia, ou seria um dia triste, decidi largar a mordomia que dispunha em troca da renovação íntima e o entendimento com a espiritualidade. Enfim, busquei meu verdadeiro propósito no viver integrado à natureza, e nas pequenas coisas. As atitudes do cotidiano tinham a profundidade da grandeza da Humanidade latente dentro de nós. Acreditei que me reconhecendo um ser integrado no todo, alcançaria a paz, mas fraquejei diante dos obstáculos da vida.

Ainda não estava pronto, alguém estaria?

Naquele momento, uma pergunta se colocou entre as minhas indagações: se o pássaro ensopado pela chuvarada cantava, porque era da natureza dele cantar, faça chuva ou faça sol. Por que eu, que tinha todo um propósito pela frente, abandonava-me na tristeza?

Hoje eu era um alguém que acordou no meio da multidão e tudo mudou e já não sabia mais para onde correr. Dei um salto da cama. Meu pai diria que me tornei um homem frágil. Aturdido, fui para o banheiro, olhei-me no espelho e não me reconheci.

Se meu pai estivesse vivo eu teria coragem de fazer o que fiz?

Tomei uma ducha, sacudi os cabelos molhados, barbeei-me, passei um creme hidratante no rosto, vesti-me com uma roupa trivial. Longe dos trajes de alta costura do executivo que fui, busquei a mochila dentro do armário retirei o celular, carreguei-o, decidido a retornar para o litoral, mas não sem comunicação.

Precisava de um tempo só meu, mas antes liguei para os bancos de investimentos, e disponibilizei uma soma considerável para a reforma do prédio. Dei carta branca para Joana, até eu descobrir o que fazer da minha vida, após a derradeira despedida de Íris.

Deixei as finanças da propriedade por conta de Joana. Não era difícil para ela administrar, ela sabia o que queria e do que precisava. Quanto a mim, era crucial voltar ao início, investigar a minha memória para descobrir o detalhe que deixei passar, a minúcia das coisas tem o seu valor em quaisquer circunstâncias.

Devolvi o telefone carregado na mochila junto com meu acessório favorito e algumas coisas básicas de uso cotidiano. Coloquei a mochila nas costas, olhei atentamente para o lugar que me abrigou, saí e fechei a porta com a certeza de que deixei tudo em ordem.

Apertei a pedra de ametista pendurada no pescoço.

Caminhei pelo corredor e à medida que meus passos avançavam, percebia as pisadas delicadas do meu gato, continuei firme como se ele não estivesse atrás de mim.

A intensão era sair sem avisar Joana, não dar explicações do que eu não sabia responder, mas ao passar pelos fundos do casarão, o nome no portão do jardim, a *flor do deserto de Íris,* puxou-me para dentro como um imã.

Não resisti, entrei.

A flor que iluminava o jardim estava num estado agonizante. A dor, a aflição que sentia me colocava em contato com Íris num pedido de socorro. O deserto comprimia meu coração, por pouco não caí como uma pedra.

Em meio à turbulência da minha alma, sentei-me no banco, sem me dar o trabalho de acomodar a mochila no chão, curvei-me, apertei a cabeça com as mãos e o choro se soltou de mim como a chuva torrencial daquela manhã; não suportava mais nenhuma perda.

A flor do deserto de Íris precisava sobreviver, era meu sol diante das dificuldades.

Escutei um esvoaçar roçar meu cabelo, levantei a cabeça e ao meu lado repousava no encosto do banco, a minha sombra, o meu agouro, o bem-te-vi. Tentei espantá-lo, mas um aperto no meu ombro e uma voz ressoou no meu ouvido.

— Seja forte — disse a voz.

Olhei para o lado, e quase caí de vez do banco.

Josué era mesmo parecido com meu pai.

— Apoie-se no meu ombro — disse ele, sentando-se ao meu lado.

Escorei a cabeça no ombro de Josué sem despregar o olho da flor do deserto.

— Calisto! — Desta vez era a voz do meu pai, sentado do outro lado do banco.

A voz que me atormentou desde criança, na adolescência, e na fase adulta e me transformou em um profissional coração de pedra igual a ele na empresa. Fiz questão de olhar nos olhos dele, ele precisava conhecer a dor, a raiva, a herança dele dentro de mim, mas o que encontrei foi um olhar de compaixão.

Tudo escureceu, não conseguia me sustentar no banco, não fosse Josué teria caído.

Culpei-o todos os dias pelo acidente de carro em São Paulo que resultou na morte dos dois, meus pais, tudo no meu pai continuava impregnado em mim. Com a ajuda da Íris pensava tê-lo tirado da minha vida, mas ao vê-lo, abriu-se a caixa de pandora da dor, principalmente as doenças da alma.

Não tive infância igual a todos os outros meninos, fui cobrado o tempo todo por tudo o que fazia, nunca relaxava na presença dele.

Todos os dias ele me levava para o escritório na Av. Paulista, se eu fosse brincar com alguma coisa na sala dele ou ia para janela, ele gritava.

— O tempo vale ouro e não deve ser desperdiçado de maneira prolixa. Calisto! Preste a atenção nas coisas do escritório, não desvia o olhar do que interessa, do contrário nunca vai ser nada na vida.

Da primeira vez que vi Josué, lembrei do meu pai, mas não levei a sério a semelhança, porque ao contrário do meu pai, Josué era gentil.

— Acalme-se, Calisto — pediu Josué.

Eram semelhantes na aparência, mas com personalidades diferentes, um era meu pai cheio de defeitos, o outro era meu mentor com qualidades acima do que eu podia imaginar que existia.

— Calisto, você viu em mim a aparência do seu o pai, porque ele lhe faz falta, mesmo acreditando odiá-lo. — Sorriu, um sorriso angelical.

— Não entendi por que ele está aqui, bancando o bom pai que nunca foi.

— Ele se importa, tanto que pediu para me acompanhar nas diligências com você — assegurou Josué. — A luta para se regenerar é de todos, purificadora em qualquer tempo.

Meu pai, que agora se apresentava com voz gentil, estava diferente do homem autoritário que sempre foi. Com suas broncas, foi a pessoa responsável pelos tempos difíceis na minha vida, dos quais vivia assombrado pelos demônios que ele incutia na minha cabeça. Mas desta vez, apoiado por Josué, não tinha medo de encará-lo. Uma coisa tinha que admitir, a morte lhe fazia bem, de certa forma modificava aquele homem rígido.

— Querido filho, não guarde sofrimento do que aconteceu, minha ignorância fez de mim um homem cruel.

— Segui seus passos, senhor Davi Dias, e olha onde estou!

Meu pai continuou com o olhar fixo nos meus sem esmorecer, já eu cheio de insegurança e raiva.

— Minha vontade é fazer o que não fiz quando você era criança, segurá-lo no colo, um gesto simples que nunca tive coragem. Aqui do outro lado, aprendi que não podemos nos redimir dos erros do passado com panos quentes. Falhei com minha obrigação de pai, mas recebi a oportunidade como bênção para zelar por você junto de Josué nas horas difíceis que você tem pela frente. Meu filho, o mais importante é não esmorecer.

Um frio percorreu meu corpo, e um suor gelado escorria pela face, deixando nos lábios o gosto amargo da raiva, misturado a impotência. Uma tontura me dominou e quase desmaiei, ao escutá-lo dizer:

— Meu filho, reaja, não desperdice a oportunidade.

Josué me mantinha em alerta com meus sentimentos.

— Você não mudou tanto assim.

— Entendo o que você está pensando, não me culpe e não se culpe, você nem eu, tivemos culpa com o acidente que sofremos, sua mãe e eu.

Ainda socorrido por Josué, escutava tudo o que ele dizia, mas as intenções daquela conversa eu desconhecia.

Meu pai acariciou minha cabeça, a criança magoada dentro de mim surgia num soluço sem fim. Josué assistia nossos melindres em silêncio.

Alguns segundos depois, tempo que não sei precisar, Josué pronunciava as palavras em oração que somente alguém com uma elevação consciencial diria:

— Abençoa Jesus o processo do autoconhecimento de Calisto! Que ele possa abandonar a mágoa, a culpa do seu coração e todos os sentimentos de abandono que carrega desde a infância. De minha parte estarei sempre por perto para auxiliá-lo, segundo a Sua vontade Senhor. Perdoar e se perdoar.

Josué com bondade secou minhas lágrimas e proferiu mais algumas palavras de encorajamento antes de se dirigir para outros compromissos.

— Persista, Calisto! Você aprendeu a duras penas que não existe vitória sem luta. Ore e confie. Agora seu pai e eu precisamos ir, o aprendizado o aguarda. Estarei com os olhos e ouvidos em você. Seu pai, com muito esforço está se transformando num espírito melhor.

Foi a vez de meu pai se pronunciar, escutei-o de cabeça baixa.

— Filho, se eu consegui, você pode mais do que eu, contudo, somos almas imortais com ajustes comprometedores, por isso, estamos sempre sujeitos a quedas. Precisamos de força, disciplina, mas principalmente de fé e coragem para viver com equilíbrio, ampliar os horizontes com a espiritualidade redentora. O desafio é sempre maior durante a permanência na Terra, porque ficamos mais vulneráveis. Digo, é mais fácil falhar na missão. Evoluir com generosidade é tarefa mais difícil do que pensamos.

— Entendo — disse num fio de voz.

— Outra coisa... O acidente que sofremos, sua mãe e eu, foi negligência do motorista do carro que fugiu, mas ele foi só um instrumento de Deus. Não se sinta culpado. A culpa é a nossa maior condenação, paralisa a mente e desacelera o passo no caminho da evolução.

Tudo silenciou ao meu redor, escutava o barulho da fonte com peixes coloridos, mas o som do bem-te-vi liderava. Levantei a cabeça e corri o olhar ao redor, Josué e meu pai desapareceram como fumaça.

Panthro lambia minha mão.

— Oi, amigão! Não se preocupe estou melhor, vamos entrar e nos despedir de Joana.

— Miauu.

Panthro empertigou o corpo e caminhou altivo até o portão, demorei alguns minutos para me levantar, quando ia sair, Joana entrou.

— Como soube que eu estava aqui?

— Panthro me avisou.

— Desde quando ele fala?

— Sempre que prestamos atenção nos sinais que ele faz. — Sorriu.

— Seja o que for, conte-me depois — respondi como se estivesse com pressa. — Vamos, Pantho!

O gato fez de conta que não me ouviu, caminhou até a flor do deserto de Íris. Paralisei com os olhos arregalados, a flor que antes parecia morta, agora resplandecia vida.

— Veja, Joana. A flor!

Diante de nós a flor se transformava num brilho com nuances de cores, sua claridade iluminava o jardim e meu coração.

— Calisto, entendeu o que a vida e a morte representam? Aqui ou do outro lado somos responsáveis por nós e por tudo que está ao nosso redor. A vida depende do que fizermos, viver feliz ou morrer infeliz. A flor capturou a vibração das nossas emoções, nutriu-se dos bons pensamentos, do perdão, e do amor que sempre vencerá o caos interno e externo, e a beleza expandida vem dos nossos sentimentos — concluiu Joana.

— Nossa! Você anda estudando mesmo sobre a espiritualidade. — Arqueei as sobrancelhas.

— Vamos! Você precisa de um bom café — disse Joana.

Arrumei a mochila nas costas, apoiei-me na cintura dela e fomos para a cozinha.

— Sente-se, come alguma coisa, recupere-se das fortes emoções. Depois pode partir, seja lá para onde pretende ir. Contudo, não precisa sair pela porta dos fundos. — Sorriu, um sorriso amoroso que não percebi nos mais de vinte anos de casados.

Tomamos café em silêncio, nós nos entendíamos com o olhar.

Aquele seria um bom dia para ampliar meu horizonte nas pequenas coisas, me autodescobrir entre achados e perdidos, iguais os perdidos do depósito da pousada, que eu nunca tive coragem de entrar. Encontrar-se podia ser uma agulha no palheiro, mas, acreditava que aos poucos descobriríamos o que procurávamos.

Decidi voltar para minha casa na praia e lá permanecer por tempo indeterminado, minha prioridade era continuar tentando encontrar o meu caminho.

— Miau.

— Eu sei você quer ficar com Joana Panthro?

— Miau.

— Está bem, pode ficar com sua nova amiga, mas venha me dar um abraço, meu amigo.

Apertei as bochechas dele, como os adultos fazem com as crianças. Elas não deviam achar nada agradável, mas Panthro adorava.

Fui para o carro.

Não distinguia mais a cor dele, coberto por pedaços de pinha, folhas secas, e dejetos dos pássaros. Joana o ligava todos os dias e dava uma volta por entre as araucárias. Ela dizia: "Se precisarmos de um veículo para alguma emergência, sem bateria não iremos a lugar algum". Mas com a sujeira ela não se importava.

Entrei e girei a chave na ignição, nada.

— Foi o que pensei — resmunguei.

Apesar do esforço de Joana, a bateria demorou a dar sinal de vida.

Enquanto o motor aquecia, abri todo o carro para tirar o cheiro de mofo. Sacudi os tapetes, retirei o violão, a capa tinha um dedo de poeira. Peguei um pano que deixava no porta-luvas, retirei a poeira da capa do violão, dos bancos e por fim retirei a sujeira por fora do carro. O pano eu joguei no lixo, não servia mais para nada.

Joguei a mochila com meus pertences dentro do carro, no banco da frente. O violão sem a poeira do abandono, ajeitei no banco de trás.

Entrei no carro.

Joana veio até a janela, deu um beijo na minha face. Panthro encostou o focinho gelado, dei a outra face para não tirar o calor do beijo de Joana.

Dirigi devagar quase parando até o portão, abri a janela, o som da cantoria dos pássaros, a brisa que circulava no jardim numa perfeita harmonia com as plantas, as árvores, os pássaros, refrescavam meu ânimo.

Joana com Panthro no colo abanava a mão, coloquei a cabeça para fora do carro e gritei:

— Panthro! Ainda somos amigos, diga que não perdi você para Joana?

— Miau!

Ela riu. Eu dobrei a esquina rumo à estrada que me levaria até o litoral.

Capítulo 38

Casa da praia.

No mar, lavei minha alma das impurezas do corpo, lavei meu corpo para ser digno da minha alma.

Enfim cheguei ao refúgio dos meus dias solitários. Sempre busquei abrigo naquele lugar abençoado pelo barulho das águas. O silêncio misturado ao balanço das ondas me permitia pensar livre das amarras do trabalho, da sociedade e dos meus problemas com Joana.

Lugar em que minha filha Aurora era a protagonista do que existia de bom em mim. Por ela eu sorria, por ela eu ficava horas assistindo-a dançar sem me preocupar com o tempo. A dança do meu Raio de Sol à beira do mar arrefecia minhas angústias.

Joguei a mochila com os poucos pertences no sofá da sala, coloquei a rede da varanda e fui para o mar.

A água límpida e morna tornava meu dia perfeito para nadar, jogar-me nas ondas. Já tinha conquistado um grande espaço da reforma íntima, mas ainda era frágil, uma linha muito tênue entre a cura e a doença.

Caminhava tangido pelo meu inconsciente, como se não tivesse vida ao meu redor. O mais temível era eu não ligar para o significado do pulsar das batidas do coração. As pequenas coisas passavam corriqueiramente por mim. Admiti que fôssemos seres ingratos com toda a criação de Deus, inclusive do Eu indivisível que é o divino em nós.

Mergulhei fundo, nas águas serenas do mar.

Minha consciência, aos poucos, acordava do pesadelo da escuridão. Prometi a mim mesmo não fraquejar. Lavei minha alma das impurezas do corpo, lavei meu corpo para ser digno da minha alma.

Voltei para a varanda me sentindo leve, o mergulho nas águas aliviou os males da minha alma.

Sacudi os cabelos molhados.

O famoso bem-te-vi chegou como a sombra que gruda na alma e não desgruda. No entanto agora, a sombra que eu carregava tinha um sentido, um

olhar para minha consciência. Isso mudava tudo.

Diziam que as incertezas, fosse do que fosse, sempre vinham nos afligir, o que mudava era estarmos preparados para as adversidades.

Nos dias que permaneci na casa de praia, não dormi na cama, dormia na rede o tempo todo, isso me fez um bem enorme.

Naquele dia cochilei com os pensamentos em alerta, as novidades corriam no tempo certo, mas às vezes me sentia atropelado. Passos leves como uma pluma se aproximavam, o cheiro, o calor da mão no meu rosto, era conhecido. Na certa sonhava.

Não conseguia ver quem era, só podia ser um sonho daqueles que não queremos acordar. A voz de Íris soou ao ouvido como um violino:

— Sou eu, Calisto.

— Íris, você veio me buscar ou veio para ficar comigo, não aguento me separar de você, não vou aguentar perder você mais uma vez.

— Nunca vai me perder, meu querido, ainda temos muitas encarnações pela frente.

O tom da voz dela mudou num piscar de olhos.

— Levante-se, está chegando uma visita, chega de se lamentar. Onde está aquele homem forte que administrava uma grande empresa? Use a força para ajudar Joana no projeto.

— Não quero acordar — resmunguei como uma criança mimada.

— Joana veio buscar você, diga sim, não se faça de rogado. Viva o tempo que lhe resta, pelo menos com boa educação.

— Meu amor, depois de me deixar sozinho neste mundo cruel estou pronto para viver com Joana na pousada, mas a casa da praia será para sempre o refúgio das minhas lembranças. O litoral Norte é um bom lugar para se viver.

— Chega de bobagens, onde estiver estarei sempre por perto se precisar de mim.

Abri os olhos e Joana sorria com meu gato no colo lambendo meu rosto.

— Boa vida, já descansou o suficiente, agora se levante, preciso de você.

Panthro se desprendeu do colo de Joana e pulou dentro da rede.

Brincamos até Joana chamar a atenção.

— O tempo urge, Calisto. Conto com você na pousada, preciso de segurança e determinação. Vamos, Panthro!

— Como vocês vieram?

— Carro do aplicativo — respondeu sem se virar.

O gato pulou da rede e seguiu ao lado de Joana para dentro de casa.

Era hora de tomar as rédeas da minha vida.

Joana gritou da janela:

— Disciplina, é isso do que precisa Calisto, nada que uma boa ducha não resolva para tirar a água salgada. Tem meia hora.

— Meia hora?

— É mais do que você despendia aos funcionários. Sinta-se privilegiado. Amanhã teremos o primeiro grupo.

— Ainda não estamos prontos — disse a ela.

— Não me enrola, já para o banho.

Jogou uma toalha em mim.

— Jogo sujo.

— O tempo vale ouro. Não era assim que dizia para seus funcionários, dois minutos e a ampulheta implacável derramava areia sem dó nem piedade. Você dispõe de meia hora, agilize-se antes que eu mude de ideia. Vou arrumar suas coisas.

— Vou me lembrar disso, aguarde-me.

Joana sorriu.

Panthro foi atrás dela como um guardião, nem parecia que um dia eram inimigos mortais.

Capítulo 39

De volta a Pousada!

Pela primeira vez Joana ria do nada, dirigia acima da média da velocidade permitida. Permaneci em silêncio, sem manifestar preocupação.

O vento batia nos meus cabelos molhados. Ora ela olhava para mim no banco do carona, ora para Panthro com as barbas e orelhas viradas para trás, parecia cena de um filme. Deduzi pelo sorriso irônico que ela era dona dos movimentos que se tornou sua vida.

Uma voz ressoou ao meu ouvido. Lembrei-me do sonho, antes de tudo se tornar um pesadelo.

— *Quando encontrar a flor do deserto esteja preparado, será sua última oportunidade de redenção na encarnação que vive.*

O caos começou com a minha queda na calçada em frente o apartamento de Joana, mas a recuperação começou na pousada com a Íris e a flor do deserto. Na época, o que deveria ser só uma queda me levou ao coma que por sua vez ao desdobramento das minhas atitudes e uma oportunidade para recomeçar.

Chegava a hora de equilibrar a balança, de um lado minha arrogância de estar todo o tempo no descontrole, do outro a oportunidade de rever meus paradigmas, e no centro surgia a flor do deserto como a balança de Themis, aquela que representa a lei e a ordem. Porém, tudo o que era feito pelo homem era falho, sujeito a mudanças, mas na balança de Deus o que equilibrava era a lei do amor, imutável e não estava sujeita a mudanças. Éramos para sempre a melhor criação de Deus, dentro do Universo no qual fomos inseridos.

O desfecho da minha história poderia acabar numa vala rasa do umbral, e eu poderia não estar aqui para contar minha história, pelo menos não agora.

Talvez contasse daqui há alguns anos, quando eu aprendesse que viver é uma honra e que não podemos desperdiçar com frivolidades.

Tudo é preparado pela espiritualidade o início, o meio e o retorno à pátria espiritual. Deus colocou na minha vida Josué, Íris, meu pai, Joana, minha filha Aurora e até meu gato Panthro. Eles foram os anjos da minha vida.

Outra vez, uma voz ressoou no meu ouvido:

— *Não se esqueceu de ninguém?*

— Quem? — resmunguei.

— *A senhora com roupa brilhante que flutuava por entre as macas dos enfermos.*

Dependia de mim, enfrentar o que fosse sem questionamentos, fazer um esforço gigantesco para não fracassar. Dava-me conta que a pousada pertencia ao trabalho físico e o jardim de Íris era meu trabalho espiritual.

— Não somos uma ilha, todos nós precisamos uns dos outros — disse Josué no hospital espiritual quando acordei sem saber onde estava.

Deduzi que ele fosse meu psiquiatra. No meu entender eu não estava de todo equivocado. O fato era que ele contribuía para minha saúde física e espiritual nos dois hospitais, na Terra e na espiritualidade.

Panthro pulou por cima de mim e fechou o vidro com a pata.

— Cansou do vento ou resolveu me importunar?

— Miau.

— Por que você sempre aponta para dois lados, ou é sombra ou é luz? — ironizou Joana.

— Ah, minha cara! Precisamos da sombra para enxergar a luz, pois vivemos as dualidades da vida. O que nos falta é o equilíbrio, mas isto é outra história. Uma coisa de cada vez.

— Enfim chegamos! — Ri.

— Nem tente dizer que mulher não sabe dirigir — advertiu Joana.

— Não sou louco. — Sorri.

Capítulo 40

O encontro dos Espíritos aos pés da Flor do Deserto de Íris.

A Terra e o céu
São nossos mundos
Num, aprimoramos as virtudes
No outro, reparamos nossos débitos.

O verão outra vez se aproximava. Um ano que minha vida virou de cabeça para o ar, e eu ainda continuava na luta para reconstruí-la. O grupo de jovens que passaria férias conosco seria o começo de um grande aprendizado; para eles e para nós, Joana e eu.

Joaquim abria o portão com sorriso de contentamento, como se tivesse visto um passarinho verde. E talvez tenha visto, olharam-se sem precisar de palavras.

Joana estacionou o carro no mesmo lugar de sempre, ou seja, em frente à janela do meu quarto.

Joaquim a passos largos veio ao nosso encontro, abriu a porta do carro para Joana com sorriso de boas-vindas.

— Fez boa viagem, senhora?

— Por favor, Joaquim, chame-me de Joana. — Baixou o olhar como se quisesse esconder um segredo.

Ainda no carro, observava um e outro.

— O amor tem suas artimanhas. E eu crente que ela me amava — resmunguei.

— Falou alguma coisa, Calisto?

— Nada não, só resmunguei.

Joaquim segurou a mão de Joana para ela descer do carro, Panthro pulou logo atrás, e se pôs a caminhar arqueado ao lado de Joana e de Joaquim. Enquanto eu permanecia dentro do carro, dispensável, não fazia falta, ou pelo menos não do jeito que eu imaginava.

— Traído pelo meu gato, o que mais restava.

Sorri, peguei minha mochila. Desta vez não abandonei meu violão, coloquei a alça no ombro e desci do carro.

Aproveitei o breve instante para divagar sobre o que aconteceu na minha ausência. Não que isso fosse mudar alguma coisa, mas precisava entender.

Toda a mudança era um desafio de tirar o fôlego, algumas tinham preliminares, outras não, a minha foi brusca. Com a batida da cabeça no poste, não tive tempo para pensar, ou mudava, ou mudava. Compreender que tudo tinha um propósito era um paradigma que precisávamos entender.

Joana não estava destinada a viver ao meu lado, conviver bem com nossas diferenças era o que nos comprometemos nesta vida, e já provamos sermos capazes.

Neste quesito, concluía que as mãos da espiritualidade nos acolhiam como uma mãe que dava oportunidades ao filho. Se não fosse assim, não haveria crescimento interno, nem evolução. Antes do coma, Joana e eu vivíamos como água e vinho. Hoje, meu gato Panthro era a prova da mudança de Joana. E gatos são autênticos, avaliam o perigo de longe.

Joana se virou e sorriu.

— Você não vem? — perguntou com sorriso largo.

— Vou sim.

Caminhei logo atrás, confiante que nosso trabalho daria certo, desta vez com ela no comando.

Joana, Joaquim e Panthro entraram na cozinha. Eu não entrei, fui direto com a mochila e o violão para o Jardim da Flor do Deserto de Íris. Eles saíram pela porta dos fundos e entraram atrás de mim.

Íris com seu sorriso angelical nos aguardava em frente a flor do deserto. Para ela, conviver com almas de outro mundo era natural, não para nós. As cores que distribuía ao redor resplandeciam num arco-íris. Meu coração disparou igual um relógio de parede, quando sai um bonequinho de dentro, dispara e as batidas ressoam por toda a casa.

De um jeito gentil Íris fez sinal para que me acalmasse, e complementou:

— Por favor, Calisto! Respire devagar, senão você vai infartar com as próximas visitas — disse e continuou com aquele sorriso que abraçava minha alma.

Chegavam, um por um, todos de branco.

— Olá, Calisto! — Josué sorriu e segurou a mão de Íris.

— Meu filho! — A senhora com roupa brilhante que flutuava por entre as macas dos enfermos chegava de mansinho.

Reconheci nela minha mãe. O brilho que ela emanava das vestes unia a todos os presentes.

— Olá, Calisto! — Davi Dias, meu pai com semblante sereno, daqueles que aqueciam de esperança, segurou a mão de Josué.

— Olá, papai! — Aurora, minha filha.

Caí de joelhos, minhas pernas simplesmente não aguentavam mais o peso do meu corpo. Aquele "olá, papai" me desmontou de vez. O coração disparou, não conseguia respirar, coloquei a mão na garganta, a coragem para dizer qualquer coisa sumiu de vez. Queria correr e dar um abraço na minha filha, mas tudo em mim paralisou.

O brilho do sol foi ofuscado pelo brilho dos lindos cabelos ruivos da minha filha, o cheiro do perfume de lavanda inundou o ambiente. Íris completava com o aroma do mesmo perfume.

Como podia existir tamanha coincidência? Isto significava o quê?

Meus olhos paralisaram na semelhança ímpar das duas. Seriam elas, mãe e filha? Impossível.

Aurora deu um passo à frente e segurou na outra mão de Íris. Apertei o peito com tanta força que a mão doeu, meu coração pulava não sabia se de alegria ou de algum sentimento ainda desconhecido.

— Calisto, você não está enganado, ela é nossa filha e a alegria é a melhor das opções — disse Íris.

— Não entendo como isso aconteceu. Pode me explicar? — perguntei quase numa súplica.

— Joana e eu estávamos no mesmo hospital, coincidência ou não, com o mesmo tempo de gravidez. A gravidez de Joana era de risco, não contente com o que poderia acontecer com o bebê, antes de ir para a sala de parto, pagou um enfermeiro para trocar os bebês, caso acontecesse o pior.

Nossas filhas nasceram ao mesmo tempo, a filha de Joana morreu no parto, o enfermeiro trocou as pulseiras.

— Continuo sem entender onde entro nesta história? Não namoramos, não...

— Uma festa em Campinas, eu estava lá a passeio, nós nos atraímos e tudo aconteceu. — Baixou a cabeça.

— Foram muitas as festas, mas teve uma que marcou mais do que as outras, talvez fosse nesta que nos encontramos. — Foi minha vez de baixar a cabeça.

— Não se atormente. A atração foi muito forte, não somos inocentes — resumiu Íris. Meu marido Hugo ficou sabendo do que a Joana fez, ele entrou em depressão, mas foi um herói na autocura. Construiu o jardim, plantou a flor do deserto e meditou até a morte.

Joana chorava copiosamente.

Íris foi até ela e colocou a mão no ombro.

— Você terá oportunidade de reparar o acontecido com o resgate dos jovens da ignorância espiritual.

Eu tremia igual vara verde, era muita informação. Aurora complementou:

— Pai e mãe, nós acreditamos que vocês estejam prontos para ouvir o que temos a dizer, por isso nos reunimos aqui. A minha doença foi providencial, Íris, minha mãe, sofreu um aborto com a queda do avião. Lembra quando você estava em coma, sonhou, e ao acordar achou que era delírio? Não foi. Você teve uma lembrança de outra vida.

— Meu filho! — A voz soava como música aos meus ouvidos. — Sou eu, Judite, sua mãe, estive com você no hospital, integro um grupo de auxílio aos doentes nos hospitais. Tem minha bênção na sua jornada. Estamos muito felizes. Sempre que der, venho visitar você.

Minha mãe colocou a mão na minha cabeça, fechei os olhos e a paz que exalava daquele espírito inundou meu ser, e o amor tinha o cheiro de um perfume feito de flores do campo, foi indescritível.

Hugo chegou, levantei-me.

— Olá, Calisto! Não guardo mágoa de vocês, os meses autorreflexivos neste lugar serviram para limpar meu coração e curar minha alma. Perdoe e perdoem-se, Calisto e Joana, para que um dia possamos trilhar uma nova trajetória, juntos.

Joana chorava e Joaquim a abraçava com carinho.

O ciclo se fechou e os anjos da minha vida levitaram desaparecendo no ar.

Olhei para o lado, as lágrimas escorriam na face de Joana.

Panthro, sentado ao lado de Joana e Joaquim, girava o olhar entre um e outro, como se entendesse o que acontecia.

A solidão não me definia mais, o tempo era uma questão de resignação e eu a teria, até meu reencontro com Íris e Aurora. Joana secou as lágrimas do rosto e nos convidou a entrar para receber os primeiros hóspedes.

Era o início de uma nova jornada.

— Em poucas horas os hóspedes vão chegar — disse Joana com voz embargada.

Joana, Joaquim e Panthro, os três juntos eram a maior prova que o remédio para nossas dores era o recomeço com o trabalho redentor.

Ela desviou o olhar e eu entendi que se sentia envergonhada. Passei a mão no ombro dela, Joaquim deu espaço.

— Joana, você já aprendeu que tudo é transitório, isso também vai passar. Desenvolvi a aceitação, contudo estou longe de ser perfeito. O que posso dizer a você? Já acertamos o passo como grandes amigos, que tal agora nos aceitar no processo de aprendizado espiritual?

A campainha tocou.

Com o olhar perdido no horizonte, ela perguntou:

— Eu estou pronta e você?

— Estou convicto de que vamos prosperar. Fico aqui enquanto eu não for um peso entre você e Joaquim — disse com a sensação de leveza na alma.

— Quando os segredos são escondidos se tornam monstros devoradores alimentados por nossa sombra, revelados diminui o fardo e servem de aprendizado — assumiu ela, estimulada pelos últimos acontecimentos.

Retirei a mão do ombro de Joana em silêncio, e ela foi junto com Joaquim atender a campainha. Panthro ficou comigo.

Sentei-me no banco em frente da flor do deserto e conversei com ela. Diziam os especialistas no assunto que as plantas nos ouvem. Eu acreditava.

— A oportunidade fez, metaforicamente, fixar meu autoconhecimento nas areias do deserto onde você vive, a estabilidade ruiria comigo, visto que a areia é inconstante. Mas no meu caso, foi minha única oportunidade. O que preciso é fixar as novas raízes no trabalho com os jovens.

Fiz o gesto com a mão de cento e oitenta graus e parei aos pés da flor do deserto da minha querida Íris. Tinha certeza de que aqui minhas forças seriam renovadas e fortalecidas todos os dias, como foi para Hugo, Íris, Joana e comigo e vai ser para os jovens que envergavam para o caminho da autorreflexão consciente da espiritualidade em suas vidas.

O bem-te-vi voou para longe como se tivesse cumprido a missão dele comigo. Panthro enroscou o rabo na minha perna, peguei-o no colo e saímos para ajudar Joana na recepção dos jovens, mas ela se saía muito bem assistida por Joaquim. Quanto a mim precisava de um tempo para reflexionar os novos acontecimentos.

Apertei a pedra de ametista com o cordão de prata que pendurei no pescoço a pedido de Aurora. Lembrei-me mais uma vez do que ela me disse:" A pedra de ametista me trouxe esperança, que ela traga esperança para você também". Acredito que ela nos ligará para sempre.

— Miau!

— Você também escuta meu pensamento Panthro? Não se preocupe, você é para sempre nosso maior amigo.

Amassei-o e beijei, ele gritou:

— Miauuu!

— Desculpa, amigão! A emoção tomou conta deste cinquentão em recuperação.

Contei minha história com Íris a ele.

O que posso concluir; a manutenção do meu equilíbrio só dependia de praticar o amor comigo e com os outros, sempre com a expansão da consciência na espiritualidade.

O amor foi a maior lição, que conquistei para transformar minha forma de viver em um propósito maior.

Vivíamos um tempo de renovação. A sombra que me perseguia vinha das profundezas das reprimendas do meu pai. Se eu me curei? Somente o tempo podia dizer.

Caminhei com Phantro no colo até a frente da pousada.

A mochila e o vilão que trouxe da praia comigo, coloquei-os no chão e me sentei ao lado do carro, no mesmo lugar da primeira vez.

Entardecia, o passado era a ponte para o futuro, mas antes de conhecer o outro lado da vida, tive a oportunidade de caminhar pelo presente. O autoconhecimento era a prova de que Deus é misericordioso.

Panthro pulou do colo e se sentou ao meu lado.

Peguei meu violão, toquei uma nota e nem bem abri a boca para cantar para Íris. Ela surgiu e dançou como a mais bela das criaturas.

Num ímpeto, implorei:

— Íris, perdoe-me por ter abandonado você na outra vida. Com a queda do avião, fiquei sem saber o que fazer, mas nada justifica. Quando você desapareceu na noite escura da mata, começou meu pesadelo e a escuridão se juntou a mim. Você conquistou novos caminhos, enquanto eu vivi no sonambulismo da ignorância, o fardo da solidão anulou o meu viver.

Ela sorria, eu precisei respirar fundo para continuar:

— No dia que você me encontrou no seu jardim, nada mais fazia sentido, aí você surgiu, e a luz do amor se acendeu dentro de mim. Deus é bom, ele permitiu que outra vez nos encontrássemos, e ao seu lado entendi o significado da vida. Mas como em tudo existe um, porém, temos uma prova a enfrentar, você na espiritualidade, e eu aqui, minha vida sem você não será fácil. Não sei como vai ser, onde você estiver, ore por mim, prometo que vou dar o meu melhor. Vai em paz meu amor.

Atirou-me beijos e levitou, desintegrando-se em partículas douradas, juntando-se aos raios do sol daquele lindo entardecer.

Lágrimas esquentaram minha face. Eu sabia que a resiliência era uma constante na minha vida, mas o que precisava conquistar era a arte do equilíbrio entre minhas polaridades, até me tornar merecedor da companhia do meu amor de sempre, para sempre.

Deitei o violão no chão, e abracei Panthro.

— Panthro, você também enxergou Íris?

Ele se espichou e encostou o rosto na minha face.

— Transformar-se, meu amigo, não é difícil, o difícil é entender a urgência da reforma íntima para alcançar o objetivo do qual se destina a missão. E o meu é reencontrar Íris, não é mesmo, amigão?

Me ausentei da dor e encontrei a paz.